O DOUTOR BERNARDINO GOMES

(1768 - 1823)

A SUA VIDA E A SUA OBRA

POR

VIRGILIO MACHADO



PORTVGALIA
EDITORA
75, Rua do Carmo, 75
LISBOA

O DOUTOR BERNARDINO GOMES



Cópia dum retrato a lápis tirado do natural,
pelo notável pintor Domingos Sequeira, em 1811.

BERNARDINO ANTÓNIO GOMES

Nasceu em 1768; Morreu em 1823

O DOUTOR BERNARDINO GOMES

(1768 - 1823)



A SUA VIDA E A SUA OBRA

POR

VIRGILIO MACHADO



PORTVGALIA
EDITORA
75, R. do Carmo, 75
LISBOA

O HOMEM

Numa das mais pitorescas e férteis (1) regiões dêsse lindo jardim de Portugal, que é o Alto Minho, quási no centro do distrito de Viana do Castelo, está situada a histórica vila de Paredes de Coura (2).

Aí, na segunda metade do século XVIII, exercia clínica rural, um modestíssimo médico, o doutor José Manuel Gomes, casado com Josefa Maria Clara, da qual, no ano de 1768, já tinha dois filhos. Chamava-se João o mais velho; tinha o outro o nome de António.

No dia 29 de Outubro dêsse ano, nascia, no mesmo ditoso lar, em que estes tinham nascido, um terceiro filho, que, quatro dias mais tarde, era baptizado, na igreja de Santa Maria de Paredes, na mencionada vila (3) em cujo livro de baptizados se encontra, a fôlhas 72, o seguinte assento:

«Bernardino, filho legitimo do Doutor José Manuel Gomez e de sua mulher Jozefa Maria Clara, naturais de Coimbra, neto paterno de Jozé Gomez e de sua mulher Mariana Jozefa Rosa e materno de Jozé Coimbra e de sua mulher Clara Maria, todos da Cidade de Coímbra, que

---

(1) Chamada, por isso, o *Celeiro do Minho*.

(2) A antiquíssima povoação de Paredes de Coura, já existia, segundo alguns autores—sem contudo o demonstrarem—no tempo dos godos.

O concelho, no seu conjunto, parece datar da fundação da monarquia.

D. João I deu o senhorio de Coura a Fernão Anes de Lima, pai do primeiro Visconde de Vila Nova da Cerveira, D. Leonel de Lima.

Paredes foi sempre reconhecida como cabeça do antigo couto ou concelho de Coura e como tal recebeu foral do rei D. Afonso III, em 1257, e, mais tarde, do rei D. Manuel, em 1515.

(3) O seu orago é Santa Maria.

Lê-se, nas *Inquirições* de Afonso III, que, no tempo dêste monarca, se lhe chamava Santa Maria de Doadí.

nasceu aos vinte e nove de Outubro de mil setecentos e sessenta e oito e foi baptizado solemnemente por mim, João Bento de Brito Araujo e Castro, Abbade desta freguezia, aos três de Novembro da mesma era supra e lhe li os Exorcismos e lhe puz os santos oleos e foram padrinhos Bernardino de Castro Barreto e Menezes e sua mulher Dona Maria e, com sua procuração, seu filho Antonio de Castro e fôrão testemunhas Antonio Pereira da Cunha, Sebastião Pereira da Cunha e Francisco Jozé Pereira de Castro. E por verdade fis este termo que assigno e testemunhas, dia anno e mes ut supra.

a) João Bento de Brito Araujo e Castro Abbade, Bernardino de Castro Barreto e Menezes, Antonio Pereira da Cunha, Sebastião Pereira da Cunha, Francisco Jozé Pereira de Castro».

Dêste assento de baptismo se deve concluir que Bernardino nasceu na própria vila, onde foi baptizado pois, se noutra tivesse nascido, o assento de baptismo forçosamente o mencionaria, além de que não é provável que doutra parte, onde houvesse também igreja, tivessem trazido o neófito para o logar onde existia aquela em que lhe foi administrado o Sacramento do baptismo.

Estas considerações são exigidas pelo facto de haver autores que, ao contrário de Narciso Alves da Cunha, no seu magnífico livro *No Alto Minho* (1) dizem que Bernardino não teve o seu nascimento em Coura, mas sim em Arcos de Val de Vez.

A êste número pertencem Bernardino António Gomes (filho), quando faz a biografia de seu pai, e José Augusto Vieira, na sua excelente obra *O Minho Pittoresco* (2).

---

(1) Na certidão de casamento do Dr. Bernardino Gomes também se diz que êle é natural da Vila de Paredes de Coura.

(2) Referindo-se a Arcos de Val de Vez, diz-nos o autor desta interessante obra :

«Entre as suas paginas gloriosas, achamos um nome que é, de per si só, a honra dum paiz e que mais justificadamente o tem de ser da terra que lhe foi berço.

Chamou-se, em vida, Bernardino Antonio Gomes, o famoso medico português, um dos luminares da Sciencia europea, no seu tempo, e que tem na historia medica do seu paiz um nome venerando.

Os arcoenses devem honrar essa gloria nacional, porque se nobilitam a si proprios fazendo-o».

* * *

A mesma, para nós, errada informação se encontra inserta numa certidão de baptismo de Helena, filha do Dr. Bernardino, e no diploma médico, passado, a êste último, pela Universidade de Coímbra, onde, por forma brilhantíssima tinha feito os seus estudos.

A seguir à formatura no curso de Medicina, tem o seu início a carreira profissional do ilustre médico e, ao mesmo tempo, acompanhando-a paralelamente, a sua carreira de investigador scientífico.

Uma e outra serão aqui analisadas isolada e sucessivamente.

Logo que, depois da sua primeira viagem ao Brasil, na qualidade de médico da Armada, regressou a Lisboa, em 1801, Bernardino contraíu matrimónio com D. Leonor Violante Rosa Mourão, tendo sido realizada a respectiva cerimónia religiosa na igreja da Encarnação.

Nasceram, dêste casamento, seis filhos. Dois morreram de tenra edade, os restantes quatro foram Bernardino, Custódio, António e Henriqueta.

* * *

Dominado pela avassaladora preocupação de ser útil aos seus semelhantes e constantemente animado, por êsse ideal, até aos últimos dias da sua existência, por diversos modos, o realizou, prestando valiosos serviços à sua Pátria de que foi cidadão exemplaríssimo.

Funcionário modelar, cumpriu sempre escrupulosamente os deveres dos seus cargos oficiais, mostrando o maior desinterêsse e abnegação, por vezes, excessivos, com sacrifícios que, em geral, ninguém considerava nem agradecia.

Cidadão exemplar, amava, com o mais entranhado afecto, a sua Pátria.

Quando Portugal esteve em guerra com a França, Bernardino Gomes procedeu pelo modo que êle próprio nos descreve bastante eloqüentemente para dispensar quaisquer comentários :

«Tanto amor como o que eu espontaneamente tinha manifestado,

em todas as occasioens que se me haviam apresentado pela gloria e prosperidade nacional, não podia deixar de se exaltar, em uma occasião em que todos o devião mostrar.

Assim, quando se tratou de sacudir o jugo que os Francezes aleivosamente quizerão pôr sobre Portugal, impelido de um entuziasmo extraordinario, a favor do antigo e legitimo governo, fiz, para ajudar a quebrar o jugo estrangeiro, o maior sacrificio que me era possivel fazer, vivendo então quasi meramente dos meus soldos, como Medico do Hospital Militar e da Marinha, pois que não me restava tempo para tratar dos doentes, alem dos doentes dos dous hospitais, ofereci, para as despezas do Estado, durante a guerra contra a França, a metade, por assim dizer do pão que tinha para a minha familia, porque ofereci metade dos soldos que tinha como medico dos dous hospitaes e, alem disso, o que se me devia d'elles.

Vim por consequencia a dar, para as despezas do Estado, 1.391$660 réis, sacrificio muito excessivo para as minhas circumstancias».

Bernardino Gomes julgava indispensável fazer estas alegações, quando se considerava vítima de agravos ou de injustiças praticadas por aqueles que não reconheciam nem apreciavam os serviços, por êle, prestados à Sciência e à Humanidade, com honra e glória para a Pátria que tanta gratidão deve, ainda hoje; à memória do notável médico.

* * *

Bernardino Gomes educou seus filhos nos melhores princípios da sã moral, aconselhando-os constantemente — não se cansam de o acentuar os melhores biógrafos do notável médico — a que procurassem, em todas as circunstâncias, praticar religiosamente os seus deveres de homens de bem.

Nítidamente o deixaram demonstrado algumas das cartas, por êle, dirigidas a seu filho Bernardino que foi, mais tarde, médico e professor distintíssimo.

«Meu Filho *Lx.ª 28—9—1822*

A tua carta de Pombal foi-me muito agradavel, porque me tranquilizou hum pouco no cuidado, em que estava, já por ser a primeira jornada que fazias, já por não seres muito robusto e recear que a chuva que veio, depois da tua partida, te prejudicasse.

Estimo que encontrasses tão bons companheiros, e espero que, em tudo, te succeda bem, porque tambem espero que tu, pelo teu bom comportamento e applicação, não desmereças a estimação geral e o ser feliz.

Estou mui contente com a tua hida para o seminario, porque alem das boas noticias que tinha do seu Reitor, tenho entendido, pelas cartas, por elle escritas ao nosso amigo e vesinho conego, que elle tem, alem de muito juizo, muita amabilidade e que está prevenido a teu favor.

Não deixes pois de fazer tudo o que a razão e a civilidade pedem, para continuares a ter a estimação d'elle e a de todos os Lentes e Estudantes dessa Universidade.

Bons costumes, bastante applicação e civilidade ou attenção, para com todos, dão sempre e asségurão esta que tu pelo conceito que me deves tens de gozar sempre.

Pelo conceito que me deves, desejo mostrar-te que eu sou bom pay, para hum bom filho, ou que hum filho meu em ser bom não faz mais que a sua felicidade, porque com prazer faço quaesquer despezas em seu beneficio.

No seguinte dia ao da tua partida vi, na feira, huma collecção de 40 estampas, para modelos de dezenho e, lembrando-me logo de ti, para ti as comprei.

O nosso amigo e vesinho conego incumbiu-se de te mandar a certidão de idade e eu incumbo-te de fazeres os meus respeituosos cumprimentos ao Ill.mo Sr. Reitor e de lhe entregares essa inclusa e, dando depois ao teu companheiro de viagem e do Seminario os meus agradecimentos, pela boa companhia que te fez, faze o mais que te incumbe fazer, para não desmereceres a verdadeira amizade de

Teu Pay e teu m.or am.o
B. A. Gomez.

P. S. — Acautela-te contra o frio, comprando e usando de camisa da Russia, de saco de flanela na cama, etc. Não tenhas economia quando se trata da saude.

* * *

Meu Filho

Lx.^{a} $\frac{29}{9}$ 1822

....

....

A S.^{ra} D. M.ª J.^{e} Trigoso teve a bondade de te recomendar a huma sua amiga da Quinta das Lagrimas chamada D. M.^{a} do Ó. Esta S.^{ra} que pela sua qualidade e pelo seu merecimento pessoal, goza de muita consideração, nessa Cid^{e}, respondeo mostrandose pronta para te prestar os seus bons officios, nessa Universid^{e}; deves pois hir-lhe dar os agradecimentos pela tua e da m^{a} parte e dizer-lhe que tu não pretendes, porque esperas não carecer, mais que não seres malquisto dos Lentes e que se S. Ex.ª te fizer esse favor, tem-te feito quanto desejas e o que me obrigará summamente.

Tu sabes como he o meu genio; não gosto de fausto, mas amo muito a decencia e, por conseguinte, o asseio, anda pois sempre asseiado, mas não com demasiada louçania, mostra-te, em tudo, meu filho, se queres ver o melhor dos Pays e o teu

M.^{or} a.^{o}
B. A. Gomez.

* * *

Lx.^{a} 8 de Out. 1822

Meu bom filho, a tua carta de 5 do corrente encheo-me de satisfação, porque, nella, vejo que continuas, em tudo, a merecer a m^{a} amizade, a qual, por conseguinte, cresce progressivamt^{e}, sendo já mui grande, porque eu amo em todos e muito mais em hum filho, o merecimento e sentimentos nobres, e tanto estes como aquelle vou divisando em ti.

He nobre o reconhecimento que mostras para com o teu Mestre de Latim, he nobre o elogio que fazes dos Brasileiros que se examinárão comtigo, he nobre a ingenuidade com que me participas a protecção que te prestou o Vice-Reitor no teo exame.

Reconhecimento, nada d'inveja, nada d'impostura tudo he nobre e me annuncia hum filho digno e que não pode deixar de gozar, da estimação de todos.

Estimo muitissimo que aches ahi muito acolhimento só por seres meu filho.

Repara bem nisso e na razão dessa consideração que vês tributar ao meu nome.

Devo esta fortuna ao meu bom comportamento, á minha applicação e dezejo de saber, igual e maior fortuna espero que tu tenhas, porque o meu exemplo e as boas qualidades, que já tens manifestado, fazem-me antever esse futuro lisongeiro e muito util como observas.

Eu não devo dizer-te nada mais que te excite a estudar e a comportareste bem, careço mais de te advertir que, no empenho de saber, não sacrifiques a tua saude e que, sendo sempre polido e atencioso, para com todos, te acauteles contra amizades que te podem prejudicar a saude e inhabilitar para hūma grande applicação e para sobresahires aos teus condiscipulos.

Economisa as tuas forças, para poderes com os estudos e para evitares a molestia para que tens hereditaria disposição; não te faltará tempo de gosares dos prazeres da sociedade, sem te prejudicarem á saude nem a cousa alguma.

Para bons filhos não quero que haja melhor pay que eu, por isso, louvando muito a tua economia, não quero que tenhas mais do que he necessaria.

Graças á Providencia e ao meu caracter regular, ainda tenho reputação bastante para subsistir com decencia e por isso não deixes de trazer e de comprar as meias de seda que te forem necessarias. Anda asseiado pois que o mereces e porque bem sabes que he o meu gosto.

....

....

Continua a ser bom filho para teres sempre o melhor amigo em

Teu Pay
B. A. Gomez».

* * *

Lx.ª $\frac{19}{10}$ 1822

Meu bom filho, a tua carta de 13 do corrente deu-me muita satisfação, porque, por ella, vejo que mais e mais vaes correspondendo, em tudo, aos meus dezejos e á minha expectação.

Continuando assim, como espero, serás feliz, porque eu heide prestar-te todos os auxilios que estiverem em meu poder, para seres sabio, e sendo tu sabio modesto e bem morigerado, por força has-de ser estimado, has-de ter, pelo menos, o necessario para subsistir e nisto se encerra tudo o que constitue a verdadeira felicidade.

Estou muitissimo obrigado aos Sres Reitor e Vice Reitor desse Seminario, pelos obsequios que te tem feito; quãdo, e da maneira que me for possivel, não deixarei de lhes mostrar que eu não sou homem que só me lembre dos obzequios que se me fazem, no momento em que os recebo, nem homem que os receba sem os saber apreciar pelas circumstancias que os reálção.

....

....

.... *e continua a fazer-te digno da amizade que te tem*

Teu Pay
B. A. Gomez.

* * *

Lx.ª $\frac{25}{10}$ 1822

Meu muito estimado filho, recebi juntas as tuas duas cartas de 4 e de 7 do corrente, as quaes me continuão a satisfação que as precedentes me tinham dado.

O amor das Sciencias, polidos e nobres sentimentos são o meu idolo; como pois deixarei eu de muito me regozijar vendo tão aprecia-

veis qualidades em ti! Estimo que te lembrasses de escrever aos teus mestres de Philosophia.

O reconhecimento he tão justo como essencial a hum caracter nobre, nada alem disto nos assegura mais a benevolencia e estima dos outros.

....

....

Sinto que ainda não tenhas podido fazer as vizitas que te indiquei, particularmente a do Ex.mo Bispo, recommendo-te, portanto, que te não descuides de as fazeres, porque ás pessoas que te nomeei deves não só reconhecimento mas respeito e este tributado, com dignidade ou sem indignas lisonjas, indica hum homem bem educado; he nobre porque é justo e utilizanos porque nos torna benevolos os superiores.

....

Recommenda-me aos srs. Reitor e Vice Reitor, aos quaes estou muito e muito obrigado.

Não escrevo ainda a este porque não tenho tempo por hir hoje a Queluz.

Continua a merecer a minha amizade, porque merecendoa fazes o que deves, o que muito te ha de utilizar e lançando os fundamentos da tua futura felicidade fazes a consolação

Do teo maior am.º
B. A. Gomez.

P. S. — Não me tens dito nada dos teus almoços e eu estou, por isso, em cuidado porque sei, por experiencia, o que he o chá e sei igualmente que sem boa saude não se poderá estudar nem saber muito. Recommendote muito e muito que nunca tomes chá.

* * *

Lx.ª $\frac{30}{10}$ 1822

Meu muito estimado filho, a tua carta de 25 do corrente continua-me a satisfação que as precedentes me havião dado.

Vejo, com muito prazer, por ellas, que tu, tanto pelo empenho de te distinguires nos estudos como pela civilidade e bom comportamento a todo o respeito, procuras dar-me o gosto de eu poder dizer que tenho hum filho herdeiro dos meus sentimentos, digno de mim e que hade ser feliz, porque o merecimento e os bons costumes são a melhor carta de recommendação, a maior protecção, em todos os tempos e em todos os logares.

He verdade que alguns tem feito fortuna por immoralidades, mas que triste fortuna a que está ligada com o oprobrio!

Não he esta a que querem as almas nobres: a minha, e, pelo conceito que já me deves, tambem a tua.

Devo agora dizerte que tu tens o Foro de Fidalgo Cavalleiro, (que he o maior dos Foros) desde que eu vim do Brasil; nunca to mostrei, nem fazia tenção deixarto, se tu, pela nobreza dos teus sentimentos e comportamento, te não mostrasses digno da nobreza civil que eu te tinha grangeado.

Faço-te agora esta declaração, não para te encheres de ridicula vaidade, mas para desempenhares mais e mais dignamente os deveres de homem de bem e de probidade que he o verdadeiro nobre.

Entre os deveres de homem de bem, ha o de fazer tudo com a possivel decencia e, por isso, quando quer fazer visita a huma pessoa de respeito he necessario, por algum apparato, mostrar-lhe consideração; assim não sei se tu foste, como devias, fazer a tua visita á S.ʳᵃ D. M.ª do Ó.

Hir a cavallo, sem Moço a cavallo, não parece mal em hum Estudante de Coimbra; mas não hindo fazer huma visita de ceremonia.

Parece-me que irias melhor de batina e a pé porque ali não ha seges d'aluguer.

Estas reflexões não diminuem a obrigação em que te poz a mui

obsequiosa lembrança do Sr Vice Reitor de te hir offerecer o cavallo do Seminario.

Dize-lhe, de todos os modos e continuadamente, que eu conheço, melhor do que sei expressar, quanto lhe sou obrigado e que ambiciono occasioens de mostrar que sou grato ás pessoas que me tem penhorado com obzequios.

Sinto que o meu Am.º o Sr Montanha passasse tão mal pela jornada e estimo que já esteja descançado, na sua Quinta, gozando da felicidade que Horacio indica no verso: Beatus ille qui procul negotiis...

Visita-o, quando julgares que o não incommodas, e dize-lhe que não cesse de me honrar com a sua amizade que muito préso.

Remettote, pelo Almocreve, a Anatomia comparada, em 2 volumes, de Cuvier; se te fôr necessaria a obra d'este, em 5 volumes, posso mandarte mas pareceme esta escusada presentemente.

Estuda mas não te descuides de attenderes á tua saude, porque esta he necessaria até para te distinguires como homem de lettras.

O Ceo te abençoe e te felicite como dezeja

O teu maior e melhor amigo
B. A. Gomez.

* * *

Com os lucros, que, embora importantes, não foram tão notáveis quanto poderiam ter sido, adquiridos, no exercício livre da sua profissão, exercício, por vezes, difícil ou quási inexeqüível, porque de êste o distraíam, com freqüéncia, nuns casos, as obrigações oficiais, em outros, os seus absorventes e prolongados estudos scientíficos, o Dr. Bernardino Gomes chegou a acumular um pequeno pecúlio que tornou possível a seus filhos alcançarem as elevadas situações que chegaram a ocupar, com muito destaque e brilho, na sociedade portuguesa.

E muito bem empregado foi o nobre esfôrço do estremoso pai — segundo as expressões de seu filho Bernardino, agora aqui reproduzidas — pois que os seus descendentes tiveram ocasião de honrar a principal herança qne lhes legou:

«*Um nome glorioso, bem digno de ser repetido com respeitosa veneıação, associada a profundo reconhecimento.*»

* * *

Não foi longamente duradora a vida do Dr. Bernardino Gomes. Sucumbiu, quando tinha cincoenta e quatro anos e poucos dias, aos estragos de afecção que bem fundadas razões fazem acreditar ter sido de natureza maligna, tendo escolhido, para sua localização, o estômago que, no doente, era a víscera fraca sempre achacada desde a mocidade.

Já impossibilitado, pela doença, de abandonar o leito, ditou, poucos meses antes de morrer, o seu testamento, interessante documento de que só reproduziremos estes dois parágrafos:

«Em nome de Deus, em que creio, por persuasão filosófica, eu Bernardino Antonio Gomes, desejando remunerar, como he justo, a docilidade e bom comportamento dos Filhos (1)....................
.... deixo a minha terça a meu filho Bernardino Antonio Gomes, por se ter distinguido, entre todos os irmãos, na obdiencia e excelente comportamento, com a condição de prestar a seu irmão Antonio Mario Gomes todo o auxilio que poder para a sua educação e manutenção.

....

....»

* * *

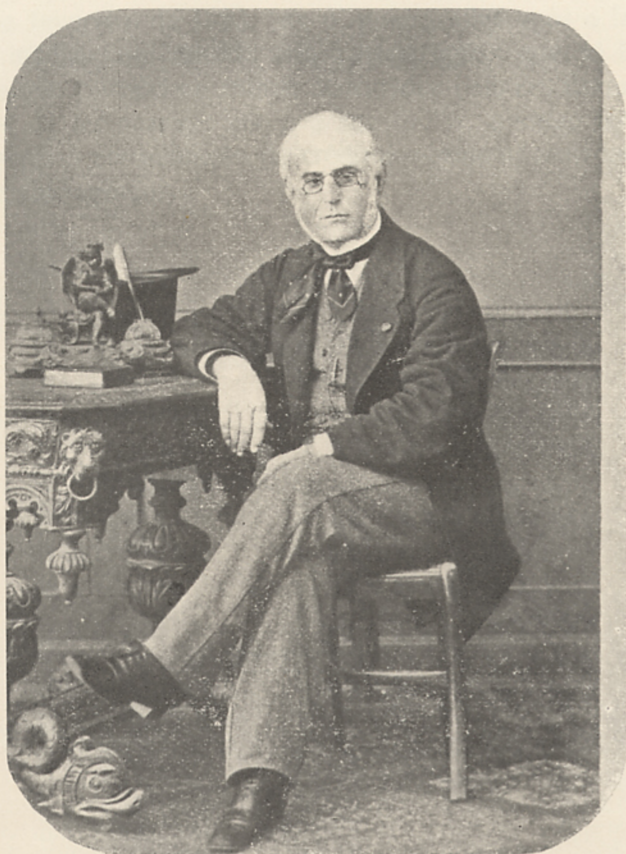
O Dr. Bernardino Gomes faleceu, após demorado e tormentoso sofrimento, pelas duas horas da madrugada do dia 13 de janeiro de 1823, como está registado no livro dos óbitos da antiga freguesia de S. José. Aí se declara ser êle então morador na Praça da Alegria, e ter recebido os Sacramentos da Igreja.

Mais se diz, no mesmo documento, que o falecido foi sepultado na Igreja de S. José.

A *Gazetta Universal de Lisboa* que era, naqueles tempos, um pe-

---

(1) Dos filhos do Dr. Bernardino foi o que tinha o nome do pai aquele que, mais do que nenhum outro, se tornou digno da sua estima.

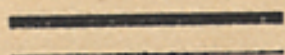


BERNARDINO ANTÓNIO GOMES (filho)

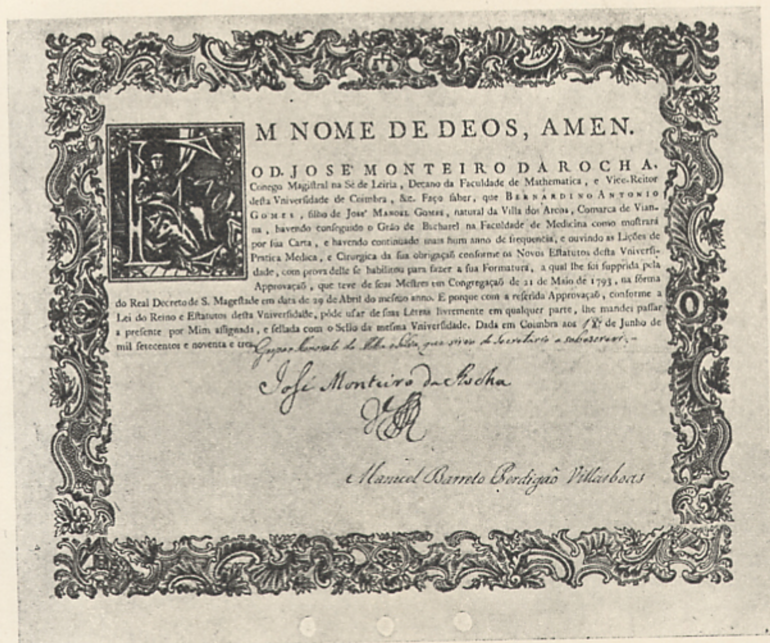
Nasceu em 1806; Morreu em 1877

Doutor em medicina pela Universidade de Paris — Diplomado no curso de Matemática pela Universidade de Coimbra — Professor da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa — Autor de importantes obras scientíficas — Sócio emérito da Academia das Sciências de Lisboa, e de muitas outras sociedades scientíficas nacionais e estrangeiras — Médico da Côrte — Comissionado pelo govêrno português na Conferência Internacional de Constantinopla, em 1866, onde reinvindicou, para Garcia da Orta, a prioridade dos estudos sôbre a Cólera morbus

riódico que gozava bem merecida consideração, publicava, no seu número de 1 de fevereiro de 1823, isto é, poucos dias após o falecimento do eminente médico, um sentido artigo necrológico que dá bem a medida da justíssima nomeada e estima disfrutadas pelo Dr. Bernardino Gomes, já antes de ter passado sôbre a sua morte, o longo tempo geralmente necessário à consolidação de créditos mesmo os mais indiscutíveis e geralmente consagrados.







E M NOME DE DEOS, AMEN.

O D. JOSE' MONTEIRO DA ROCHA. Conego Magiſtral na Sé de Leiria, Decano da Faculdade de Mathematica, e Vice-Reitor deſta Vniverſidade de Coimbra, &c. Faço ſaber, que BERNARDINO ANTONIO GOMES, filho de JOSE' MANOEL GOMES, natural da Villa dos Arcos, Comarca de Viana, havendo conſeguido o Grão de Bacharel na Faculdade de Medicina como moſtrará por ſua Carta, e havendo continuado mais hum anno de frequencia, e ouvindo as Lições de Pratica Medica, e Cirurgica da ſua obrigaçaõ conforme os Novos Eſtatutos deſta Vniverſidade, com prova delle ſe habilitou para fazer a ſua Formatura, a qual lhe foi ſupprida pela Approvaçaõ, que teve de ſeus Meſtres em Congregaçaõ de 21 de Maio de 1793, na fórma do Real Decreto de S. Mageſtade em data de 29 de Abril do meſmo anno. E porque com a referida Approvaçaõ, conforme a Lei do Reino e Eſtatutos deſta Vniverſidade, póde uſar de ſuas Letras livremente em qualquer parte, lhe mandei paſſar a preſente por Mim aſſignada, e ſellada com o Sello da meſma Vniverſidade. Dada em Coimbra aos 18 de Junho de mil ſetecentos e noventa e tres. [illegible]

José Monteiro da Rocha

Manuel Barreto Perdigão Villasboas

Diploma do curso de médico, passado pela Universidade de Coimbra a Bernardino António Gomes, em 18 de junho de 1793

(Escala $^2/_5$)

O MÉDICO

Bernardino Gomes, que revelou, desde bastante novo, muito notáveis qualidades de inteligência e um grande desejo de se instruir, aos estudos se dedicou devotadamente, mais por verdadeira paixão do que por simples brio no cumprimento dos deveres escolares, seguindo brilhantemente os preparatórios e, mais tarde, o Curso de Medicina na Universidade de Coimbra, onde foi premiado em tôdas as respectivas Cadeiras.

Aqui deixamos reproduzida, a título de curiosidade, uma das várias certidões de prémios por êle recebidos no curso de preparatorios.

Está assinada pelo célebre matemático José Monteiro da Rocha e nela se declara a adjudicação da quantia de cincoenta mil réis que, a título de partido, era conferida ao aluno mais aplicado no curso, durante o ano lectivo indicado na mesma certidão ou atestado:

«José Monteiro da Rocha, Lente de Prima da Faculdade de Mathematica, Conego Magistral, na Sé de Leiria, e Vice Reytor desta Universidade etc. E os Lentes deputados da Congregação da Faculdade de Mathematica.

Fazemos saber: que tratando-se em Congregação de vinte e sette de Julho do anno lectivo proximo passado, a respeito do Provimento dos Partidos determinados nos Estatutos, para os Estudantes de Mathematica, os quais constam da quantia de cincoenta mil réis, na forma das Resoluçoens de Sua Magestade, ultimamente passadas ao dito respeito e procedendo-se a votar sobre o merecimento dos Estudantes que tinham acabado o Primeiro anno e passávão para o Segundo, para nelle haverem de perceber o dito Partido, na conformidade dos Estatutos, foi julgado digno Bernardino Antonio Gomes de hum dos ditos Partidos, pelas constantes provas de capacidade, de applicação e de estudos que deu, no tempo do Curso do Primeiro anno. Portanto o provemos nelle e mandámos se lhe passasse o prezente, para, por elle, do dinheiro destinado

para os ditos Partidos, se lhe pagar e satisfazer a sobredita quantia aos quarteis, no segundo anno do seu curso na forma dos Estatutos.

Dado em Coimbra e sob meu signal somente e sello desta Universidade: Antonio Joaquim da Silva Telles o fez ao primeiro de Outubro de mil settecentos oitenta e dois annos.

Gaspar Honorato da Motta e Silva que servi de Secretário o subscrevi.

José Monteiro da Rocha».

Documentos análogos foram passados a favor de Bernardino Antonio Gomes em 13 de Outubro de 1787; 8 de Outubro de 1788, etc.

* * *

Concluída a formatura do seu curso de Medicina, em 21 de Maio de 1793, portanto quando Bernardino tinha 25 anos, recebeu êle o respectivo diploma, em latim e português, que julgamos digno de ser aqui reproduzido, por nos parecer um interessante documento histórico.

Foram modestíssimos, e numa humilhante desproporção com a alta valia de quem tanto mérito possuía, os primeiros tempos da vida médica do Dr. Bernardino Gomes.

Três meses depois de ter concluído o seu brilhante curso, na Universidade de Coimbra, é-lhe concedida, pela Câmara, Nobreza e Povo de Aveiro, provisão no partido médico municipal daquela cidade.

Aí, exerce clínica, na sua maior parte gratuitamente, como o exigia o seu cargo oficial, sendo seus principais clientes os marítimos, os pescadores e os marnoteiros bastante numerosos naquela populosa região do Douro.

Em Aveiro se conservou o Dr. Bernardino, até aos primeiros dias do ano de 1797, em que, por despacho, com a data de 9 de janeiro, foi nomeado médico da Armada Real, com o pôsto de capitão de Fragata.

Oito dias depois de ter tomado posse do seu cargo, na Armada, embarcava o Dr. Bernardino, na nau Conde D. Henrique, Capitânia da Esquadra que saíu, de Lisboa, para o Brasil, em serviço público, coman-



IN DEI NOMINE, AMEN.

D. IOSEPHVS MONTEIRO DA ROCHA, Sanctæ Sedis Colliponensis Canonicus Magistralis, Matheseos Facultatis Decanus, Academiæ Conimbricensis Prorector, &c. Simulque alma Vniversitas ipsa palam testamur, certioresque reddimus omnes & singulos, quorum interest præsentes Litteras inspicere, quod dilectus nobis BERNARDINVS ANTONIVS GOMES, filius IOSEPHI EMMANVELIS GOMES, in oppido *das Arcas*, ex Viannensi territorio, natus, Baccalaureatus Gradum in Medica, & Chirurgica Facultate laudabiliter & honorifice in Academia Nostra adeptus est, cursibus suis de more peractis, præmissoque Examine publico, in quo a Gravissimis Sapientissimisque Professoribus approbatus fuit NEMINE DISCREPANTE, cæteris rite, ac solemniter observatis secundum prædictæ Vniversitatis Statuta. Decoratus autem fuit ipso Baccalaureatus Gradu per Sapientissimum Eximiumque Præceptorem IOANNEM IOACHIMVM GRAMACHO DA FONSECA, juramento prius præstito se publice & privatim defensurum IMMACVLATAM CONCEPTIONEM DEI GENITRICIS VIRGINIS MARIÆ, die xxx Maii A. D. MDCCLXXXXIII, quemadmodum in Libro Examinum, Actuum, & Graduum ejusdem anni fol. LXXXXV annotatum est. Cujus rei testimonium publice perhibentes, has Litteras prædicto Baccalauro benemerito dedimus, subscriptioneinque nostram adjecimus, Sigillo etiam Vniversitatis appenso. Data Conimbricæ die [illegible] Iunii Anno Domini millesimo septingentesimo nonagesimo tertio. [illegible]

Josephus Monteiro da Rocha
Pro-Reitor.

Emmanuel Barreto Perdigão Villasboas

Diploma do curso de médico passado, pela Universidade de Coimbra, a Bernardino António Gomes, em 18 de junho de 1793. (Texto em latim)

(Escala $^{2}/_{5}$)

dada pelo chefe da Esquadra António Januário do Vale, tendo permanecido naquelas paragens até 1801.

«Nestes cinco anos de serviço (diz-nos o ilustre médico nas suas *Notas ou Apontamentos autobiográficos)* em uma Esquadra de 5 Naus, 2 Fragatas e 2 Brigues, além do serviço ordinário de médico da Esquadra, que desempenhei, fiz o que só um zelo extraordinario pelo bem do serviço de S. M. e pelo progresso da Medicina nacional podia lembrar».

Evidentemente, neste parágrafo, o Dr. Bernardino alude às suas investigações scientíficas realizadas, durante êste período com muito brilho e sucesso e que analisaremos em capítulo especial.

Em 1802, diz-nos êle, na sua *Exposição de serviços feitos ao Estado,* que nunca foi impressa, o seguinte:

«Em 1802, uma Esquadra portugueza que cruzava no Estreito de Gibraltar, composta da Nau *Affonso de Albuquerque,* das Fragatas *Cisne, Fenis* e *Ulysses* e dos Bergantins *Voador, Real João* e *Gaivota,* foi atacada de uma febre contagiosa, de sorte que a Fragata *Cisne* commandada por Deshon, official francez, andando só a corso, foi tomada por outra Fragata Argelina e o resto da Esquadra surta na Bahia de Gibraltar, em um conselho de comandantes dos diversos navios pela multiplicidade dos doentes foi julgada incapaz de serviço á vela. (Testemunha-o o Conde de Vianna então commandante do Brigue *Voador*).

Nesta occasião, a Fragata *Fenis* e o Brigue *Real João* forão mandados da Esquadra para Lisboa com um grande numero de doentes.

O Exmo Visconde da Anadia, então Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Marinha, mandou-me para a Esquadra simplesmente com a provizão de remedios que julgasse necessarios, fez-me a honra de me ouvir sobre esta importante missão e, havendo-lhe ponderado que, para desempenho d'ella, alem de Medico e remedios, era necessario um navio que servisse de Hospital, por meio do qual se podessem desempachar de doentes e purificar os navios da Esquadra e era necessario por-se em pratica a bordo d'elles certa policia de saude, mandou-me pôr por escrito o que lhe havia dito de palavras, fez aprontar a Fragata *Thetis* para hospital da Esquadra e mandou destribuir, pelos navios da Esquadra, copias das reflexoens que escrevi sobre causas e hygiene da epidemia.

A 2 d'Abril parti para a Esquadra de Gibraltar e, passados dous mezes, tive a satisfação de ter extincto, na Esquadra, a febre epidemica

e ao contagio e de poder escrever então ao Ministro da Marinha que dos doentes que restavam na Esquadra nenhum era de febre contagiosa».

A muito interessante carta dirigida pelo Dr. Bernardino Gomes ao Ministro da Marinha, e que parece escrita por um autorizado higienista de nossos dias, foi a seguinte:

«Illmo e Exmo Sr Visconde da Anadia

Tenho a honra e a satisfação de participar a VEx.^{a} q. a Febre epidemica q., até á chegada d'este Navio Hospital, tinha ceifado perto de 50 pessoas e q., fazendo progressos e tendo já por assim dizer paralizado quasi toda a esquadra ameaçava com maiores damnos, tem tocado o seu termo. De 77 doentes q. ha n'este Hospital, não ha meia duzia com febre, q.^{do} á chegada d'elle e durante o 1.º mez, dos numerosos doentes q. houve, apenas haveria 20 sem mais ou menos graves symptomas d'ella.

Este feliz successo de não pouca importancia pelas vidas q. poupa, pela despeza q. evita e sobretudo pela influencia q. pode ter sobre o exito das operações desta Esquadra, he devido ás providencias e determinantes ordens de V. Ex.ª, quando se occupou desta medica expedição e ao Chefe actual comand^{e} da Esquadra q. considerando a Saude da Maruja como ella merece, tem procurado, de toda a sorte, fazela prospera e se tem empenhado em pôr as tripulaçoens e Navios da Sua Esquadra, no maior aceio possivel, ponto em que tanto tem delinquido a nossa Marinha e porq. tem sido sempre tão infectada de Fevres. O 1° cirurgião L. Z. q. se acha empregado neste Hosp., pela docil.^{e} disvelo e intelligencia com q. até agora se tem conduzido, tão bem tem cooperado muito p^{a} ò bom exito desta empreza: a todas as pessoas empregadas neste Hosp. se deve tão bem a sua respectiva e boa p^{te}, mas particularm.^{e} ao 2° Tenente João da Cruz cuja actividade no serviço de S. A. R. he superior a todo o elogio e me tem valido indisivelm.^{e} para conseguir o necessario aceio na Enfermaria de tantos e tais doentes. A mim não se deve mais do q. hum ardente desejo de ver a Saude das Tripulaçoens desta Esquadra no mais vigoroso estado possivel e de merecer, de alguma Sorte, a confiança q. S. Ex.ª

pôs nos meus fracos talentos e q., por excesso de benevolencia e favor, quis expressar a bordo desta fragata no dia da sahida.

Cheio do mais vivo reconhecimento beijo as mãos de V. Ex.ª de q.ᵐ sou

O mais humilde cr.º
Bernardino Antonio Gomez.

Bahia de Gibraltar
2 d'Agosto de 1802.

«Permaneci depois na Esquadra até fim de Março de 1803 em que me retirei para Lisboa com permissão de S. M.»

O Dr. Bernardino Gomes analisa depois as vantagens económicas do sucesso obtido nas aludidas circunstâncias exprimindo-se nestes termos:

«Reduzir uma Esquadra dispendiosa e paralizada por uma epidemia ao estado de actividade e respº a que se destinava e extinguir nella uma epidemia terrivel, com modica despeza, he um serviço que só pode ser avaliado por quem reflectir nas consequencias ou de retirar a Esquadra para Lisboa, abandonar o commercio á pirataria e captiveiro dos Argelinos ou de deixar devorar as tripulações pela epidemia, expondo o nome portuguez ao discredito resultante de successos como o da Fragata *Cisne,* melhor ainda o pode avaliar quem souber que uma semelhante epidemia em uma outra Esquadra Portugueza que esteve, em 1794, em Inglaterra, custou ao Real Erario para se extinguir oitocentos mil cruzados, dos quaes mil libras esterlinas se derão a um medico inglez que veio então ao hospital da Esquadra convocado pelo nosso ministro em Londres».

O Dr. Bernardino Gomes aprecia depois o valor scientífico do método de curar os tifos pelo banho ou pela ablução com água fria.

Este assunto reservamo-lo nós para ulterior capítulo, em que será mais especialmente analisada a vida scientífica do eminente médico.

Ainda a propósito do método, diz êle, nas suas notas autobiográficas:

«Reflectindo, depois, que deste passo interessantissimo que tinha dado a Medicina naval portugueza podia a Nação colher maiores beneficios, tornando-o notorio aos nacionaes e animando-os com razões alem do exemplo a polo em pratica, pareceo-me que faria mais um serviço á Nação publicando, em vulgar, as observações que tinha mandado ao Dr. Currie (1) e ajuntando-lhe o que poderia afoitar e habilitar os praticos que exercitão a Medicina a bordo dos nossos navios, para executar, com felicidade, aquelle methodo publiquei, para esse fim, o opusculo intitulado *Methodo de curar o typho pela effusão d'agua fria* etc».

* * *

Em Abril de 1804, o Dr. Bernardino foi isento do serviço do mar, por causa do seu mau estado de saúde, que muito peorava a bordo, mas ficou obrigado ao serviço em terra, no Hospital de Marinha, sendo também nomeado, em 1805, primeiro médico do Hospital Militar da Côrte.

* * *

Um ano mais tarde, iniciava os seus estudos sôbre as cascas de quinas, a que ulteriormente nos havemos de referir com algum desenvolvimento.

* * *

Uma nova epidemia de febres infecciosas veio de novo pôr à prova a alta competência scientífica e o zêlo profissional do Dr. Bernardino Gomes.

---

(1) Promotor devotadíssimo do método de tratar o tifo pelos banhos e efusões de água fria.

É êle mesmo que sôbre o caso nos informará:

«No fim de Julho de 1810, vindo de uma Esquadra portugueza estacionada em Gibraltar 445 doentes com febre de tal qualidade que se mandárão estes doentes não para o Hospital de Marinha, mas para o Lazareto da Trafaria, apezar deste ter o seu medico privativo ao qual compete tratar todos os doentes que devão tratar-se alli, fui todavia nomeado para os tratar e obrigado a ficar com elles em rigorosa quarentena, até que pude persuadir que esta febre era identica com a que tinha tratado na outra esquadra de Gibraltar, em 1802, a qual, por conseguinte, tratei semelhantemente e com igual vantagem com o uso externo da agua do mar».

* * *

Quando terminou esta comissão de serviço, Bernardino Gomes pediu a demissão de médico da Armada, que lhe foi dada em 22 de Setembro de 1810.

* * *

Mais tarde, conforme diz nos seus *Apontamentos autobiográficos:*

«...... observando quanto as Bexigas, pelas frequentes epidemias, contribuiam para a falta de população que se observa nos dominios portuguezes e que as Nações mais civilizadas fazião estabelecimentos de Vaccinação para vedar aquella fonte de despopulação, lembrei-me que pela Academia Real das Sciencias de que tinha a honra de ser socio e e de que conhecia as boas intençoens poderia fazer que a Nação gozasse das vantagens daquella importante descoberta, propuz por conseguinte áquella Sociedade o projecto de um estabelecimento de vaccinação.
Não ficou illudida a minha expectação; tive o prazer de ver apreciada pela pluralidade dos socios a minha proposta. (Discurso academico do secretario Müller — *Memorias d'Ac.ª R. das Sc.as* T. III, pag. XLVI

a LXXII e a ver depois fructificar com o meu projecto (Opusculos Vaccinologicos d'Ac.ª R. das Sc.as)».

* * *

«Em Agosto de 1813 — conta o Dr. Bernardino Gomes — fui nomeado Membro da Junta de Saude que então se creou, em Lisboa, com a promessa e bem justa de se haver em muita consideração este importante e gratuito serviço.

Naquelle tempo fiquei fazendo, em commum com os meus collegas, os grandes sacrificios de tempo que exigião a creação de hum tão importante e delicado estabelecimento e o seu exercicio immediato, em circumstancias tão serias e arriscadas como as do contagio da Febre amarella em Gibraltar e Hespanha.

Fui em particular incumbido de trabalhos de redacção dos Mappas Necrologicos». *(V. nota).*

* * *

Pouco tempo depois o Dr. Bernardino procedia a uma série de importantes estudos sôbre o *Valor relativo de vários desinfectantes,* forma de sua aplicação, etc., estudos que serão analisados a propósito da vida scientífica de tão infatigável investigador.

* * *

Com o fim de contribuir, o mais que lhe fosse possível, para o *Conhecimento e tratamento das moléstias de pele* que era, entre nós (como por tôda a parte, segundo as próprias frases do Dr. Bernardino Gomes) o mais imperfeito da Medicina, julgou este incansável médico que prestaria um importante serviço à Nação, apresentando-lhe recopilados, em língua vulgar, os progressos recentes e pouco conhecidos que a Medicina tinha feito, naquele departamento.

Veremos, mais tarde, por que forma notável realizou êste seu projecto que lhe fêz conceber um outro, o de estudar, em especial, a *Elefantíase* ou *Lepra* (1), a respeito da qual, e retratando o estado da Sciência no seu tempo, êle diz: «...molestia tão trivial entre nós como rara presentemente no resto da Europa e mal conhecida de todos pela negligencia vergonhosa que entre nós tem havido.

«Sensivel a esta vergonha e desejoso de saber se esta horrorosa enfermidade que passa por incuravel o será de sua natureza ou pela absoluta negligencia com que tem sido tratada e se se poderia extinguir nos dominios portuguezes como se extinguio em Inglaterra, França, Allemanha, etc., determineime a observala e por isso requeri ao Governo a permissão de tratar gratuitamente, por um anno, os doentes do Hospital de S. Lazaro, o que se me concedeo e pratiquei, desde Março até Julho de 1817 em que embarquei por ordem de S. M. para acompanhar como Medico da Camara a Princeza Real de Liorne á Corte do Rio de Janeiro».

Mais tarde (1819) voltou o Dr. Bernardino Gomes ao serviço no Hospital dos leprosos, interrompido pelo motivo anteriormente indicado.

* * *

O Dr. Bernardino Gomes considerava muito lisongeira, honrosa e agradável a comissão de ir acompanhar, na sua qualidade de Médico da Real Câmara, a Princesa austríaca D. Carolina Leopoldina que deveria embarcar em Livorno e dali partir para o Rio de Janeiro, onde se encontraria com seu noivo, o Príncipe D. Pedro, mais tarde primeiro Imperador do Brasil.

Se, por um lado, via certas vantagens e motivos de satisfação no desempenho dêsses serviços, por outro, não deixava de lhe encontrar inconvenientes.

Entre os primeiros, cita êle, nos seus *Apontamentos autobiográficos,* a satisfação de conhecer e fazer-se conhecido da futura soberana

---

(1) Uma das variedades de moléstias de pele a que se tem dado o nome de lepra.

do Reino-Unido Português, servi-la durante uma longa e arriscada viagem, ir ver e cumprimentar, no Rio de Janeiro, o Soberano e mais pessoas reais, que, pela distância a que estavam, não tinha probabilidades de ver tão cedo.

Não olhou aos prejuízos que do afastamento do seu campo de actividade clínica lhe derivariam, nem a outros a que teremos ocasião de nos referir mais tarde, tomou conta da honrosa comissão, embora pudesse declinar essa prova de régia deferência, porque lhe era permitida uma recusa fundamentada, se entendesse que deveria eximir-se ao exercício de funções que lhe eram oferecidas por convite mais do que impostas por ordem de serviço e acompanhou a Princesa, desde Livorno até ao Rio de Janeiro.

* * *

A saúde, em geral, relativamente próspera, de Sua Alteza, a bordo, tornando-o quási ocioso na viagem, deu-lhe logar segundo a sua própria informação, a que prosseguisse no seu projecto de descrição e classificação das doenças de pele, tendo-se, por isso, entretido, durante a viagem, a escrever a sua obra intitulada *Dermosografia* (tratado das Doenças de pele) que depois deu à publicidade, sob os auspícios da Princesa Leopoldina, à qual a dedicou.

Demorando-se, cêrca de seis meses, no Rio de Janeiro, que visitava, pela segunda vez, como é sabido dos nossos leitores, desde as primeiras linhas da biografia médica do Dr. Bernardino, ali fêz êle novos e interessantes estudos sôbre doenças de pele, a que nos referiremos mais demoradamente, a propósito da vida pròpriamente scientífica daquele que tão fecundamente as realizou.

Quando, no regresso a Lisboa, esperava retomar aqui o exercício da profissão, recebia o Dr. Bernardino uma inesperada incumbência: a de acompanhar em viagem, até Leorne, as personagens austríacas que tinham acompanhado a Princesa ao Rio de Janeiro e agora vinham de regresso para a Europa.

* * *

Muito apreciados foram, quer pela Princêsa, quer pela sua comitiva, os cuidados e serviços clínicos prestados, durante a longa viagem (1) uma ou outra vez, pelo Dr. Bernardino, no desempenho das suas funções médicas.

Bem o atestam as cartas (2) agora aqui transcritas que lhe foram endereçadas pela condessa de Gunburgo camareira-mor da Princesa:

«*Rade de Livourne à bord du «S.t Sébastien»* (3)

le 20 Septembre 1818

Permettez Monsieur, que je remplisse ici un devoir de reconnaissance, encore avant de quitter ce vaisseau qui vous ramène vers votre patrie, celui de vous tracer ici l'assurance de nos remerciements et de notre gratitude éternelle pour vos soins envers nous et votre complaisance incomparable à notre égard.

Jamais, Cher Monsieur Bernardino, nous n'oublierons la manière si délicate avec laquelle vous nous avez traité, votre patience et indulgence, votre zèle, votre activité, pour soulager, jusqu'au dernier des malades, jusqu'à la plus petite indisposition, l'intéret si amical que vous avez bien voulu témoigner à chacun de nous, état par lui-mênœ déjà un remede bien efficace, mais je dois ajouter que la plupart de nous devons à vos soins la conservation ou le retour de notre santé et que nous vous estimons autant comme Médecin habile que comme ami

---

(1) Desde 13 de Agosto a 5 de Novembro.

(2) Estas cartas, em francês, é necessário esclarecer, foram escritas por uma austríaca que não aspirava o vigor clássico na forma por que se exprimia, num idioma diferente do seu, e em cartas que decerto não imaginava viria algum dia a ser publicados.

(3) No momento em que a signatária regressando do Rio de Janeiro chegava à Itália.

parfait qui voulut sacrifier de si bon cœur le bonheur de rester dans sa famille qu'il venait de retronver à Lisbonne, pour accompagner des étrangers, jusque dans leur pays ainsi, tous ces étrangers sont devenus de vos amis bien sincères, il n'y a pas un de nous que ne vous soit attaché de cœur et d'âme et qui n'ait la plus grande confiance en vous et qui ne fut pret à vous servir en tout ce qui dépendait de lui.

Nous devions beaucoup de reconnaissance à Sa Magesté le Roi d'avoir bien voulu nous destiner un Médecin pour nous accompagner, mais nous lui en devous doublement de vous avoir designé, vous Monsieur Bernardino, j'ai déjà dit cela a notre Prince, dans une lettre de Lisbonne et je répéterait de Livourne en mettant nos actions de graces aux pieds de Sa Magesté le Roi.

Ce n'est pas seulement sur le vaisseau que vous nous avez prodigué vos soins, mais c'était encore plus méritoire de les étendre sur notre séjour à Lisbonne; à Lisbonne où vous retrouviez votre Épouse et vos enfants où chaque moment de votre petit séjour, parmi eux et vos amis, devait vous être précieux, vous vous en arrachâtes pour venir, malgré la distance, troover nos malades, une ou deux fois tous les jours, vous leur rendîtes la santé et voulûtes ensuite vous arracher, pour quelque temps encore, à votre famille, pour nous accompagner jusqu'au bout.

Cher Monsieur Bernardino, tout ce que nous pourrions vous dire, tout ce que nous pourrions faire, ne serait jamais en état de donner une idée de la reconnaissance que nous vous devons; votre souvenir reste pour toujours empreint dans nos cœurs, puisse le ciel vous bénir, vous ramener bientôt et heureusement dans votre beau pays et vous donner à vous et aux vôtres tout le bonheur que vous méritez si bien.

Ce sont les sentiments de tous mes compatriotes, nous sommes les échos les uns des autres en parlant de vous.

Recevez, Monsieur, l'assurance de la plus parfaite estime et considération avec laquelle j'ai l'honneur d'être

votre servante

La Comtesse de Künburg.»

Na primavera do ano seguinte, (já então em Viena de Austria, numa segunda carta, em resposta a outra que, pelo Dr. Bernardino lhe

tinha sido enviada, pedindo notícias da sua saúde, reiterava de novo a Condessa os seus agradecimentos:

«Vienne le 20 Mars 1819.

....

....

Je pense mille fois à vous, avec la plus grande reconnaissance; nous vous devons tout et jamais nous n'oublierons votre bonté angélique, votre complaisance et patience.

Je ne puis assez répéter que Sa Magesté le Roi ne pouvait nous donner de plus grande preuve de sa bienveillance qu'en vous confiant à vos soins, à votre amitié si vigilante; plusieurs d'entre nous vous doivent la vie sans doute et tous nous vous resterons attachés pour toujours.

....

....

Veuillez agréer l'assurance de la considération avec laquelle j'ai l'honneur d'être

votre servante
Anne, Comtesse de Künburg.»

* * *

Por mão do conde de Eltz, ofereceu o Imperador da Áustria, ao Dr. Bernardino Gomes, uma linda caixa de oiro guarnecida de diamantes.

Finalmente, quando esteve em Florença, recebeu o mesmo prestimoso médico o convite, que representava uma honra muito especial, de jantar com Sua Alteza Imperial o Grão-Duque de Toscana.

* * *

Bernardino Gomes desempenhou sempre — estas páginas bem nìtidamente o deixam comprovado — quer oficialmente, quer particular-

mente, com o máximo escrúpulo, tôdas as funções em que, na qualidade de médico, empregou infatigável actividade.

* * *

Quando foi das duas epidemias de febres infecciosas, sobretudo por ocasião da primeira, bem demonstradas deixou — e os biógrafos não se fartam de lhes tributar o seu aplauso — a incomparável solicitude, o desembaraço, a constante dedicação e, ao mesmo tempo, a firmeza e imperturbável coragem que fundamentalmente caracterizaram a acção exercida pelo famoso médico, no desempenho de tão difícil, extenuante e perigosa missão.

* * *

Que prodigioso trabalho não dispendeu êle com a organização, superintendência e funcionamento da *Instituïção Vacínica,* criada, como dissémos, sob sua indicação, pela Academia Real das Sciências de Lisboa, em 1812.

* * *

Trabalhou também a favor dos míseros *gafos* ou *leprosos.*

Comparando o estudo da assistência a esta classe de doentes, nas gafarias ou hospitais de lázaros, em Portugal, com o estado de análoga assistência em outros países, propõe a conversão de todos estes estabelecimentos espalhados pelo reino em três hospitais de doenças de pele que deveriam ser situados em Lisboa, Coimbra e Pôrto e, nos quais, além de serem recebidos os doentes, deveriam ser instituídos o estudo e o ensino desta especialidade patológica.

O autor chêga mesmo a lembrar os recursos que (na época em que êle vivia) poderiam aproveitar-se para sustentar estes estabelecimentos.

Foi tal o interêsse, acentua o aludido biógrafo, que o Dr. Gomes

tomou pelos míseros gafos, que não se limitou a contribuir com os esforços da sua inteligência, para o alívio dêles. Foi mais longe, promoveu, em Lisboa, uma grande subscrição a favor dos que existiam asilados no Hospital, mas que infelizmente não teve a aplicação a que por êle tinha sido destinada.

* * *

Como se conclui de tudo quanto até aqui foi dito e que será corroborado em páginas subseqüentes, o Dr. Bernardino António Gomes empregou constantemente o seu vasto saber no devotado exercício da sua profissão, tendo além disso concorrido poderosamente para os progressos da Medicina prática ou aplicada, engrandecendo-a com os resultados, por êle, conquistados nos domínios das Sciências que mais fecundamente servem ou poderosamente auxiliam, no seu exercício, a dificílima *Arte de tratar doentes.*

O CLÍNICO

Bernardino Gomes possuía e sabia aproveitar o conjunto daqueles dotes especiais de inteligência e de sensibilidade afectiva que fazem dum médico erudito simultâneamente um prestimoso e estimado clínico.

No exercício das Artes, por vezes, muito complicadas e ingratíssimas de diagnosticar e curar doenças, Bernardino Gomes empenhou aquela sua natural perspicácia e a proverbial finura de espírito «que por nenhuma educação pode ser alcançada» sendo pelos antigos, há muitos séculos, atribuída, quando observada em médicos, a dádiva generosa do Deus de Epidauro.

Utilizou também a meticulosidade de observação, a atenção vigilante, o ponderado critério e a prudente atitude já, por êle, reveladas no estudo das Sciências auxiliares da Medicina.

Na prática de tratar doentes, incomparàvelmente mais difícil do que tratar as suas doenças, Bernardino Gomes, empregou os disvelos, o carinho, a dedicação e finalmente a tolerância indispensáveis para corajosamente suportar as humanas fraquezas.

Tôda a gente sabe que estas, já de si muito impertinentes nos indivíduos com saúde, reduplicam, em extensão e intensidade, nos que estão atormentados por doença, principalmente de carácter longo, sobretudo quando afecta o moral mais do que o físico.

Quantas vezes, nestas circunstâncias muito mais do que o «génio scientífico vale, por notável forma, o coração do médico, digno da sua arte, tanto pela excelência e generosidade da alma como pelas luzes e sagacidade da razão».

Muito condoído das alheias dores, confortava os que sofriam, consolava-os carinhosamente e, com habilidade, os fazia recuperar as esperanças, por êles, perdidas de cura ou de simples melhora e assim correspondia a êste conceito de Coleridge «O melhor de todos os médicos é o que sabe ser o melhor inspirador de esperanças».

* * *

Bastantes dos sucessos clínicos alcançados pelo Dr. Bernardino Gomes foram devidos à influência, por êle, exercida sôbre o moral dos seus doentes.

Realizou, principalmente pela fé que inspirava aos seus clientes, prodígios de *psicoterapia* (1) empírica e não pròpriamente metódica, tal como também a realizaram os médicos cheios de prestígio quási místico, conhecedores a fundo da psicologia humana nos estados hígido e mórbido que tiveram por tipos estes notabilíssimos médicos: o Bœrhaave, em Leyde; o Stahl e o Hoffmann, em Halle; o Sydenham, primeiramente em Westminster e depois em Londres; o velho Heim, em Berlim; o Bordeu, em Paris; o Teodoro Tronchin, em Genebra; o van Swieten, em Viena; o Simão Tissot, em Lausane; o Guilherme Gull, em Londres; o Alibert e mais tarde, também em Paris, o Trousseau, etc., verdadeiros médicos da alma, exercendo assim uma arte que, segundo as tradições, é mais própria dos deuses e dos filósofos do que dos homens.

* * *

A psicoterapia ou «terapêutica da alma e pela alma», aproveitando propositadamente a fé e os efeitos da persuasão hàbilmente exercida pelo médico, não pode, é claro, consolidar uma fractura, neutralizar um veneno ingerido, tornando-o inofensivo, curar uma infecção específica, mas pode, em muitas afecções mesmo orgânicas, especialmente do sistema nervoso, ser mais eficaz e digna de confiança do que muitas drogas bastante preconizadas.

* * *

No exercício das suas funções profissionais, viu misérias de tôda a espécie; viu também as maiores grandezas da terra; tratou com indi-

---

(1) Concísa mas insuficientemente definida: tratamento da alma.

víduos de tôdas as gerarquias sociais, desde os marítimos e os pescadores de Aveiro e os marujos da Armada até aos representantes das classes mais elevadas, dentro das quais chegou a ser médico de príncipes e de reis.

Foi sempre igualmente correcto e atencioso para com todos e, por isso, muito estimado pela sua clientela que chegou a ser vasta e constituída, como acabámos de ver, pelos pobres e humildes, pelos ricos e pelos nobres.

* * *

Nas suas relações com os doentes e colegas o Dr. Bernardino Gomes, diz o seu melhor biógrafo, manteve sempre o prestígio e a dignidade da profissão, não profanando, em vez alguma, a sublimidade da sua arte que, para êle, era mais a nobre aplicação da Sciência médica do que o simples e mercenário exercício duma profissão lucrativa.

Em toda a boa sociedade foi constantemente muito apreciado, tendo sido sempre, nos meios cultos, muito saboreado, com verdadeiro deleite, o seu espírito vivo instruído e fino.

* * *

O Dr. Bernardino Gomes revelava o feitío metódico do seu espírito a propósito de todos os actos, mesmo os mais vulgares e banais da vida quotidiana.

De mistura com outros interessantíssimos documentos recolhidos piedosamente pelos ilustres descendentes do eminente médico, encontrámos dois cadernos de contas em que êle assentava diàriamente os lucros da sua clínica particular.

Referem-se aos anos de 1814 e 1815.

Custa a compreender que, andando metido em tanta cousa, com grande parte do tempo absorvido por trabalhos de investigação scientífica ou consumido no desempenho de cargos oficiais, o Dr. Bernardino Gomes, pudesse, ainda, arranjar algumas horas para as aplicar no exercício da clínica particular.

Do exame dêsses cadernos derivam noções bastante interessantes por mais dum título.

Assim, por exemplo, vê-se que o Dr. Bernardino era, principalmente, médico consultor ou de conferências, para as quais era freqüentemente convidado pelos seus colegas, desde os mais modestos até aos mais abalisados.

Cada conferência tinha o preço habitual de 6$400 réis, alguns clientes (verdade seja dita, em restrito número) pagavam-nas pelo dôbro desta quantia.

Pelo preço de conferências eram pagas, àquele distinto clínico, as visitas que êle fazia, sem as repetir em continuada assistência, a casa dum doente para aí lhe dar simplesmente uma única consulta.

Em casa do médico poucas eram as consultas e muito variáveis os seus preços.

* * *

Bastantes clientes visitados pelo Dr. Bernardino Gomes não lhe pagavam em dinheiro, mas retribuíam-lhe os serviços com géneros alimentícios e outros da mais diversa natureza e variado grau de utilidade.

Numa lista resumida, podemos registar, entre as ofertas por êle recebidas:

Géneros de mercearia: Açúcar, arroz, massas, manteiga, chá, etc;

Mamíferos ou peças da respectiva carne; Aves; Peixes; Ovos; Frutas; Doces; Queijos; Vinhos; Licores.

Pelo Natal, os perús eram às dúzias e por ocasião da Páscoa as amêndoas e as mais refinadas guloseimas eram quási às arrobas.

Se o cliente era confeiteiro, por exemplo, o Marrare, já célebre naquela data, não raramente sucedia que, além da paga em moeda com que era saldada a dívida dos serviços médicos — acompanhando o respeito pela observância das boas contas — houvesse, por parte do cliente reconhecido, o oferecimento, com abundância e variedade, de magníficos doces, champagne, marrasquino, chá Hisson, etc.

* * *

Alguns clientes que não ofereciam espécies alimentares ao médico, para sua utilização própria, ofereciam-lhe alguns moios de cevada, panos de palha, etc., para alimentação das cavalgaduras, por êle, utilizadas em seu transporte, pela cidade, em visita à clientela.

Não faltavam também clientes que forneciam lenha e carvão, para a cozinha e outros que, prestando às necessidades da alma maior atenção do que às do corpo, presenteavam o seu clínico com alguns arráteis de cera para o seu oratório.

* * *

Peças de pano de linho e algodão; Fazenda para fato; Objectos de vestuário figuram também entre as dádivas de vários clientes que, com estas, retribuíam ao seu médico, os serviços clínicos que dêle tinham recebido.

* * *

São de natureza muito diversa os objectos que, na lista indicada, estão apontados como tendo sido oferecidos, mais a título de gratificação, testemunhando reconhecimento, do que a título de paga, ao Dr. Bernardino Gomes.

Aí vão alguns exemplos. Valiosos objectos de prata:

Bacias grandes de lavatório; Salvas; Bandejas; Serviços de mesa ou de chá; Cestas; Escrevaninhas; Bolsas, etc.

Serviços de mesa em porcelana e em vidraria:

Relógios de parede; Bibelots, etc.

* * *

Lindas e valiosas jóias foram também oferecidas ao ilustre médico de que estamos falando.

Só nos dois anos de clínica a que se referem os apontamentos agora aqui utilizados, recebeu êle:

Anéis e alfinetes de peito, uns com esmeraldas, outros com brilhantes, outros conjuntamente com estas duas qualidades de pedras preciosas; A insígnia dum hábito de Cristo, com a cruz esmaltada; Um espadim dourado, etc.

* * *

Num dos cadernos de contas do Dr. Bernardino figura também a oferta duma (linda, segundo a respectiva nota) parelha de cavalos franceses. Ao lado desta citação, e porque esta oferta tinha substituído uma paga, devendo por isso figurar no rol dos lucros clínicos, indicou o presenteado o valor pecuniário que atribuía àquele brinde:

100$000 réis!

Que bons tempos eram aqueles.

* * *

Alguns clientes, em vez de presentear o Dr. Bernardino Gomes, exprimindo-lhe desta arte o seu reconhecimento pela dedicação com que os tinha tratado, presenteavam a filha do ilustre médico a Sr.ª D. Henriqueta, que recebeu, com essa proveniência, valiosos brindes constituídos por magníficos estojos de costura, peças de vestuário, jóias, etc., e que pela sua significação, eram tanto ou mais lisongeiramente apreciados pelo Dr. Bernardino Gomes do que se outros fôssem e a êle próprio directamente destinados.

O INVESTIGADOR SCIENTÍFICO—ESTUDOS DE BOTÂNICA FEITOS NO BRASIL

Já deixámos bem assinalado que Bernardino Gomes revelara, desde o seu tempo de estudante, notável e constante desejo de se instruir.

Quando, pela primeira vez, foi ao Brasil, em 1797, aproveitou, com entusiasmo, logo que ali desembarcou, o magnífico ensejo que a luxuriante vegetação daquelas paragens lhe oferecia, para estudos de botânica médica, pois havia reflectido, como declara, nos seus *Apontamentos autobiográficos,* que, em um país tão remoto e tão diverso da Europa, deveria haver moléstias e formas de moléstias diversas das europeas e igualmente remédios indígenas do país desconhecidos talvez dos europeus e mais baratos de que na Europa.

«Com um empenho, novo entre nós, acrescenta êle ainda, e constância infatigável e superior aos incómodos dum clima enervante e aos obstáculos que a ignorância crassa e orgulhosa, inimiga indiscreta dos progressos das luzes me opunha de contínuo, procurei estudar no livro da Natureza ou por própria observação o que doutra sorte não podia bem conhecer».

Em incessante e laboriosa investigação ia, conforme se lê nos citados apontamentos, repetidas vezes, às roças e aos matos, para ver e observar, até poder descrever e classificar, as plantas de uso médico ou alimentar do país, tendo desse ímprobo trabalho, mais ímprobo ainda pela falta de livros de Botânica e até de bastante prática dele, Dr. Gomes, neste ramo das Sciencias Naturais, resultado, entre outras publicações, a *Memoria sobre a Ipécacuanha fusca do Brasil ou Cipó das nossas Boticas,* impressa em 1801 na tipografia do Arco do Cego. *Vide nota 1.ª*

Êste opúsculo, conforme declarava o seu autor, tinha o mereci-

mento de apresentar a primeira descrição completa da célebre ipecacuanha. que tôda a gente conhecia de nome e pela utilidade e ninguém botânicamente; além disso, pertencia-lhe um outro merecimento, a que se não teria prestado a devida atenção, o de ensinar um meio facílimo de cultivar esta lucrativa e utilíssima planta e de obviar à sua raridade e à extinção de que estava ameaçada.

Tinham indiscutível importância scientífica êstes estudos do Dr. Bernardino Gomes, pois que no tempo dêle, à ipecacuanha pertencia a categoria de precioso remédio na cura de certas disenterias, o que lhe fizera merecer, desde remotas eras, as designações de *Pó de ouro* e de *Ancora sagrada* dos disentéricos.

Gozava a fama de utilíssima, quando ingerida em dose nauseosa, para fazer cessar hemoptises.

Proclamavam-na ainda um eficaz vomitório, facilitando a expulsão de mucosidades; uma excelente droga para debelar vómitos pertinazes não relacionados com lesões do estômago; finalmente um vantajoso diaforético (1) quando utilizada na composição do preparado farmaceutico chamado *Pós de Dower*.

Hoje mal se pode acreditar que a ipecacuanha, actualmente substituída por outras substâncias, entre elas, um dos seus alcalóides ou princípios químicos activos a *emetina,* tivesse gozado, algúma vez, tão alta fama universalmente consagrada.

* * *

As observações simultâneamente botânicas e médicas que, além das referidas à ipecacuanha, foram realizadas, no Brasil, pelo Dr. Bernardino, recaíram sôbre quinze espécies de plantas, até então, muito mal estudadas, algumas vezes mesmo completamente desconhecidas.

As respectivas descrições, em latim (2), feitas pelo nosso compatriota são magníficas, a ponto do célebre botânico inglês Roberto

---

(1) Agente medicamentoso que provoca forte sudação.

(2) O facto das observações serem descritas em latim concorreu notàvelmente para a vulgarização internacional dos trabalhos do Dr. Gomes. Em Sciência, naqueles tempos, escrevia-se bastante em latim, língua que nos centros intelectuais estrangeiros era mais conhecida do que o português.

Brown chamar à obra, em que elas se encontram descritas, «a *Respectable Work*.

Foi êste notável botânico que, falando duma orquídea do Brasil, em que reconheceu um género novo, resolveu dar-lhe o nome de *Gomesia recurva* (1) em homenagem ao Dr. Gomes, por ter prestado à Sciência apreciabilíssimos serviços, com as suas observações botânicas e descrições das espécies vegetais por ele estudadas.

* * *

As observações do Dr. Gomes sôbre a *Arvore da Canela* do Rio de Janeiro, escritas a rogo do Senado da Câmara, nesta cidade, foram impressas com tal atraso que vários biógrafos não as mencionam supondo que nunca foram publicadas.

Aí o Dr. Bernardino Gomes historia a introdução da canela no Brasil, facto, por ele, atribuído aos jesuítas, analisa as condições para o desenvolvimento desta planta, comparando-a, sob esse ponto de vista, com as de Ceilão que lhe são superiores; enumera os preceitos para a sua cultura, separação da casca, seu ulterior tratamento e transporte; ocupa-se, finalmente, com o estudo dos produtos derivados da mesma planta: cânfora (tirada da raiz), essencia da casca, etc.

Em apéndice à citada Memória, fala o mesmo exímio investigador da introdução e cultura, no Brasil, das *Arvores da Pimenta,* do *Cravo* e da *Noz moscada.*

Bernardino Gomes realizou também trabalhos importantes de herborização, no Brasil.

Deveu-se-lhe, finalmente, a criação do prímitivo horto botânico da Antiga Escola Médica de Lisboa.

---

(1) A nova orquídea foi descrita por Brown, sendo a descrição acompanhada por uma estampa, no XLI volume, página 1748 do *Botanical Magazine* de Curtis.

UMA NOTÁVEL DESCOBERTA QUÍMICA

No ano de 1638, século e meio após a descoberta do Novo Mundo, era Vice-Rei do Peru um homem chamado Jerónimo Fernandes Cabrera, *Conde de El-Chinchon.*

Adoeceu sua esposa com sezões e um espanhol, governador de Loxo, aconselhou-lhe o uso, em que os índios o tinham industriado, dum cozimento de casca de quina.

Daí derivou o nome de *Cinchona,* para alguns, mais correctamente *Chinchona* que, desde então, foi dado à Quina (1).

Veio esta pouco depois, trazida pela Condessa, para a Europa, onde os jesuítas, em 1678, vulgarizaram o seu emprego, utilizando-a sob a forma de pó com que faziam uma infusão e ao qual foram dadas as designações de *Pó da Condessa, Pó dos Jesuítas* ou *dos Padres.*

Em Roma, o Cardial Lugo distribuiu o remédio pela pobreza, que lhe chamava *Pó Cardial.*

Sebastião Baldo, médico do mesmo Cardial, foi o primeiro que escreveu àcerca das propriedades febrífugas da quina.

Pouco depois caía esta em descrédito, por terem levantado, contra ela, uma acesa campanha certos médicos muito conceituados, Rammazini, Baglivi, etc., mas um curandeiro, Roberto Talbor (2), que chegou

---

(1) A parte utilizável desta planta é a casca da respectiva árvore.

(2) Êste nome é muito estropiado pelos autores que dêle fazem citação, a propósito da quina.

No seu livro publicado em Londres, em 1762, com o título de *Pyretologia* o famoso curandeiro assina-se Roberto Talbor e intitula-se *Pyretiatro,* isto é, médico que cura febres.

No *Dictionary of National Biography* figura com todos estes nomes: *Roberto Tabor, Tabord, Talbor* e *Talbort;* nas últimas edições do *Eckelyn's Diary* é-lhe dado o nome de Tudor.

A famosa escritora M.me de Sévigné que era duma pasmosa credulidade, perante todos os curandeiros, mulheres de virtude e panaceas, concorreu notàvelmente para os créditos do charlatão, ao qual chamava Tabord.

a adquirir grande celebridade, conseguiu, apoiado pelo grande Sydenham, restabelecer vitoriosamente os créditos da citada casca.

Mais reabilitados ainda êstes ficaram, quando Luís XIV comprou a Talbor, em 1679, por 48.000 francos (por 48 luíses em ouro e 10.000 francos vitalícios, dizem outros) o segrêdo do novo método de preparação química, para se curar (1) dumas rebeldes sezões que tinham resistido a todos os tratamentos contra elas instituídos.

Disse o La Fontaine que Luís XIV mandou comprar grandes quantidades da casca de quina, em Lisboa e Cádiz.

Talbor tentou assambarcar a casca em França, chegando a pagar 15 libras por cada arrátel.

* * *

Até os primeiros anos do século XIX, os princípios activos contidos na casca da quina (casca peruviana) eram utilizados juntos com outras cousas sob a forma de chá (infusão) ou cozimento (decocto) em água comum.

Começaram então um grupo de químicos estrangeiros, alguns deles bastante afamados e entre nós uma comissão nomeada pela Academia Real das Sciencias (2), a fazer uma série de investigações, com o fim de descobrir, aproveitando os recursos analíticos de que a Sciencia dispunha naqueles tempos e que na realidade eram bem fracos, o princípio ou princípios (substância ou substâncias) a que a solução (o chá ou o cozimento) da casca de quina deveria as suas virtudes febrífugas.

---

(1) Dizem alguns historiadores que o doente com sezões não era o Rei, mas sim o Delfim de França.

O remédio de Talbor era um extracto de casca de quina dissolvido em vinho. A fórmula, para disfarce, variava de tempos a tempos.

A palavra *kinakina* parece servir aos índios para designar a febre e as sezões.

(2) Os trabalhos da Comissão nomeada pela Academia, realizados no laboratório da Casa da Moeda, tiveram por objecto o estudo das cascas supostamente da quina destinadas a substituir a casca peruviana e que, oferecidas pelo govêrno do Brasil, tinham vindo, dêste país, para Portugal.



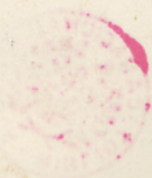


DR. JOÃO LUIZ ALIBERT

(Barão de Alibert)

Nasceu em 1766; Morreu em 1837

Médico célebre—Notável professor—Primoroso escritor scientífico—Homem de letras muito distinto—Um dos principais promotores da Dermatologia em França—Autor dum monumental tratado sôbre as doenças de pele.—Foi grande admirador de Bernardino Gomes, com quem se correspondia por escrito e cujos trabalhos apreciou, elogiou e vulgarizou, na Europa, advogando sempre a prioridade que ao médico português pertencia, em várias das suas investigações scientíficas, e que alguns autores lhe contestavam.



São vários os princípios activos, cuja natureza os progressos da Química permitiram reconhecer, mais tarde, contidos nas infusões ou nos cozimentos de quina.

Coube ao Dr. Bernardino Gomes a glória de ter sido o primeiro de todos os investigadores ocupados com o assunto a demonstrar a existência de um desses princípios ao qual, por ter sido descoberto na quina e esta se chamar Cinchona, deu o nome de *Cinchonino,* substituído actualmente pelo nome de *Cinchonina.*

Ao cabo de hábeis investigações, obrigando a numerosos ensaios de que só quem é químico pode avaliar a impertinência, à mistura com surprezas, confusões, desalentos, etc., que lhes andam adstrictos, conseguiu o Dr. Bernardino Gomes, na fase ainda rudimentar da análise química, enriquecer a Sciência com o descobrimento duma nova substância, um composto que, pelas suas propriedades, deveria ser, como foi, incluído pelos Químicos, na classe dos compostos denominados *alcalóides.*

Foi, a partir do valioso descobrimento químico realizado pelo eminente investigador português e do eco de tão memorável facto, em todo o mundo scientífico, que se intensificaram os estudos dos alcaloides, principalmente dos que existem nos vegetais utilizados no tratamento das doenças.

A moderna Química dos alcalóides recebeu um fortíssimo impulso do Dr. Bernardino Gomes e não é êste um dos seus menos notáveis e legítimos títulos de glória.

* * *

Um célebre professor da Faculdade de Medicina de Paris, o Dr. Alibert, diz, numa das suas mais importantes obras em francês agora aqui traduzido, referindo-se aos trabalhos do Dr. Bernardino Gomes:

«*Desejo principalmente reproduzir aqui as investigações mais notáveis feitas, nestes modernos tempos, sôbre o assunto que nos ocupa e cujo merito principal foi o de separar da casca do Peru a substância elementar* (o Cinchonino) *em que reside a propriedade eminentemente febrífuga que a torna preciosa para as necessidades quotidianas de numerosos doentes*».

Os operosos investigadores que criaram definitivamente a Química dos alcalóides e com mais brilho e sucesso a engrandeceram, inspiraram-se evidentemente nos trabalhos do químico português, do qual, no dizer dos historiadores de sciência, foram devotados e fecundos continuadores.

Pertenceram a êste número os ilustres químicos franceses Pelletier e Caventou, a partir de 1818.

«*A descoberta, por Gomes, de Lisboa,* (lê-se na excelente obra de Dupuis, *Les Alcaloïdes), duma substância cristalizável, na quina cinzenta, levou Pelletier e Caventou a empreenderem investigações químicas sôbre as quinas*».

Referindo-se a outro químico, que também se ocupou com o estudo dos alcalóides, diz-nos o já citado Professor Alibert: «*Quanto à matéria cristalina isolada, com muita habilidade por Lambert, ela é, nem mais nem menos do que o cinchonino do senhor Gomes, sábio químico de Lisboa*».

* * *

Aos prestimosos químicos franceses, autores de importantíssimos estudos, Pelletier e Caventou, que tão fecundos tornaram os trabalhos realizados pelo Dr. Bernardino Gomes, tendo sido conduzidos por êles ao isolamento da quinina foi conferido, pela Academia das Sciências de Paris, em 1827, o prémio Monthyon, de 10.000 francos, destinado a galardoar serviços humanitários; a Nação erigiu-lhes um monumento (estátuas, em grupo, sôbre o mesmo pedestal) no Boulevard Saint Michel, em Paris, por terem sido êles os primeiros químicos que fabricaram o sulfato de quinina, agente específico do mesmo modo que os outros compostos químicos no tratamento do paludismo. (1)

---

(1) Actualmente está-se voltando ao emprêgo da cinchonina, principalmente nos casos de paludismo rebeldes aos compostos de quinina.

* * *

O Dr. Bernardino Gomes leu a sua Memória sôbre o Cinchonino à Academia Real das Sciências, em sessão, que, por êsse facto, ficou memorável, no dia 7 de Agosto de 1810.

Foi publicado êsse interessantíssimo e hoje histórico trabalho, nas *Memórias Académicas,* Tomo III, 1.ª parte, MDCCCXII; no *Investigador português* e, lá fora, no *Edinburg Medical Journal* e no *Medical and physical journal.*

* * *

A primeira notícia que tenho de referências feitas, pelo próprio Dr. Bernardino Gomes, aos seus trabalhos sôbre as cascas da quina é esta que se encontra nos seus *Apontamentos autobiográficos:*

«Em Dezembro de 1806 tive participação de que o Ministro da Marinha havia mandado um caixote de Quina do Brasil, para o Hospital da Marinha e incumbia os respectivos medicos de observar os seus effeitos e de participar o resultado à Secretaria do Estado.

Na mesma epocha achei, no Hospital militar, grande copia de cascas de duas qualidades vindas tambem do Brasil, com o nome de quina, mas differentes destas no aspecto e provavelmente no genero. Não era necessaria a ordem do Ministro da Marinha, nem outra similhante do Ministro da Guerra, que provavelmente acompanhou a remessa destas supostas quinas do Brasil, para o Hospital militar, para eu me dar a uma indagação a que a minha natural curiosidade, amor da gloria e bem da Nação me convidavam.

Fiz, por conseguinte, e colligi um grande numero d'observações sobre a força febrifuga das trez mencionadas cascas e tendo achado que a do Rio de Janeiro, não obstante ser verdadeira quina, era pouco ou nada febrifuga e que as outras duas, uma mui delgada, amarella, lisa e enrolada, de Minas Geraes e outra grossa em forma de telha, da vila de Camamu erão tão febrifugas como a boa quina peruviana, propuz-me indagar donde provinha esta diversidade de virtudes o que me meteo em

um longo e difficil trabalho qual o de analyses chimicas de substancias vegetaes.

Mas «que não vence indefesso e improbo trabalho que põe na gloria o fito?!»

Depois de innumeraveis e reiteradas experiencias, consegui achar o que buscava e tambem como se poderia conhecer a força febrifuga de qualquer quina ou de qualquer outra casca antes de se fazer uso d'ella.

Desta interessante investigação resultou a *Memoria sobre o Cinchonino*», que foi, como ainda ha pouco dissemos, publicada em Portugal e no estrangeiro.

* * *

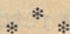
O último documento que conheço relativamente a trabalhos do Dr. Bernardino Gomes sôbre as quinas é o seguinte:

«*Levando á presença de Sua Magestade a Carta que V Mce me dirigio, em que expunha os ensaios clinicos e chimicos que havia feito, desde o anno de 1807, sobre as duas cascas vindas do Brazil, reputadas equivalentes á Quina e que propondo-se a completar os seus trabalhos, afim de offerecer á Humanidade e á Patria a confirmação de hum descobrimento assaz importante, dezejava que, do Brazil, se mandasse vir copia bastante das referidas cascas; Sua Magestade a quem a Sciencia e os Sabios merecem distincto acolhimento, manda participar a V Mce que os seus esforços sobre este objecto são dignos do seu Real Agrado e que, em data de 6 do corrente, se expediram as ordens necessarias ás Juntas Provinciaes do Rio de Janeiro e Bahia, para se remetter a maior quantidade possivel da mencionada casca, ramos com folhas e quando os houver com flores e fructos e bem assim se satisfizesse a todas as indicaçoens que V Mce julgasse conveniente, para se conseguir hum resultado que tanta vantagem promette á Humanidade e ao Commercio Nacional.*

Deos Guarde a V Mce Palacio de Queluz em 24 de Dezembro de 1821.

Felippe Ferreira de Araujo e Castro».

Sr. Bernardino Antonio Gomes.



Os memoráveis trabalhos do investigador português que o levaram ao isolamento da Chinchonina (1) foram a princípio pouco conhecidos, sendo, ao mesmo tempo, em virtude da natureza especialíssima do assunto, muito insuficientemente compreendido, para ser condignamente apreciado o seu incontestável valor.

Dêste lamentável facto foi principalmente culpado o próprio autor de tão fecunda conquista, no campo da Química.

Da sua excessiva timidez ao transpôr os umbrais da Sciência, que tão fecundamente serviu, derivou, por vezes, a sua atitude prejudicialmente modesta.

Tinha a íntima noção de quanto eram valiosas as aquisições por êle realizadas, com muito trabalho e em luta com grandes dificuldades mas, a-pesar-disso, reputava fracos os méritos pessoais que lhe tinham permitido alcançá-los, ao mesmo tempo que se julgava pouco autorizado scientìficamente, para poder impor, com sucesso, à pública e geral consideração os resultados dos seus estudos.

Aí vão algumas frases em apoio do que fica dito:

«Não é sem alguma desconfiança que me vejo dissentir das opiniões do Doutor Duncan e do Sr. Vauquelin, porque os nomes célebres destes dois sabios infundem-me um grande respeito pelos seus trabalhos e maneira de interpretar os resultados a que eles conduziram...»

e depois enchendo-se de coragem:

«todavia não deixarei de dizer, com ingenuidade e franqueza, o que achei e julguei differente do que elles pensaram».

Bernardino Gomes chêga, com a máxima isenção scientífica, a tirar de si, para as atribuir aos químicos que o precederam, a honra e

(1) Actualmente é êste o nome dado ao alcalóide extraído da casca da quina, pelo Dr. Bernardino Gomes, antes de qualquer outro investigador o ter conseguido. Em regra os nomes das substâncias pertencentes ao grupo dos alcalóides são do género feminino e terminam em *ina:* morfina; codeína; atropina; estricnina, etc.

glória de terem sido conduzidos a resultados que a êle, (Gomes), apenas serviram, como o afirmam os seus comentadores, de bússola nas suas investigações pessoais com as brilhantes e definitivas conseqüências que, por outros distintos investigadores, não tinham sido atingidas.

* * *

A prioridade no isolamento da Cinchonina tem sido, com flagrante injustiça, atribuída em certas obras estrangeiras, aos ilustres químicos franceses já mencionados, Pelletier e Caventou.

É fácil desfazer êsse êrro histórico que para os leitores destas páginas, já desfeito ficou com o que dissemos ao citar as obras de Alibert, Dupuis, etc.

ESTUDOS ORIGINAIS SÔBRE AS TÉNIAS E AS PROPRIEDADES TENÍFUGAS DA ROMEIRA BRAVA

Dois médicos ingleses, os Drs. Breton e Buchanam tinham chamado, em um livro, por êles publicado, a atenção dos clínicos, para o uso que, na Índia, desde remotas eras, se fazia da casca da romeira para combater a ténia.

Sempre em dia com a literatura médica estrangeira, não tardou Bernardino Gomes em adquirir aquele livro e proceder a experiências numerosas e muito bem conduzidas, para determinar, por observação própria, o valor das propriedades vermífugas da casca da romeira, utilizando, com êsse fim, o respectivo cozimento.

Do método por êle, adoptado, nessa ordem de investigações, e dos resultados obtidos nos deixou notícia, numa instrutiva monografia publicada, em 1822, sob o título de *Memória sôbre a virtude tenífuga da romeira*.

Aí se encontram sucessivamente êstes Capítulos:

História do tenífugo da romeira;
Descrição de observações clínicas relativas aos casos em que foi empregado;
Estudo de cinco variedades de ténias;
Enumeração dos sintomas pelos quais se revela a presença dêstes parasitas;
Indicação dos preceitos técnicos a adoptar no emprêgo do mesmo tenífugo e, por último, a exposição dos resultados obtidos, nas múltiplas e instrutivas observações e experiências do autor relativas à ténia.

Ligou-se grande importância a esta aquisição farmacológica e aos memoráveis trabalhos do médico português divulgados, pela Memória, por êle, escrita, anteriormente citada, que foi traduzida, em francês, pelo Dr. Mérat de Paris.

Muito elogiosamente se lhe referiu também um precioso tratado de Terapêutica (1) que, naqueles tempos, era um dos melhores evangelhos da Medicina.

Ali escreveu o seu conceituado autor êstes períodos:

«A casca da raiz da romeira figura à frente dos vermífugos mais poderosos».

Citando depois os nomes de médicos notáveis que a experimentaram, na sua clínica, acrescenta: que estes viram «*confirmada a exactidão e demonstrado o valimento dos factos anunciados pelo médico de Lisboa* (refere-se ao Dr. Gomes do qual, em parágrafos anteriores, já citara o nome) de modo que a Medicina poderia, desde aquela data, considerar-se glorificada por possuir, cousa bem rara, um verdadeiro específico, contra uma das afecções mais temíveis pela resistência que opõe freqüentemente a todos os meios mais reputados e apropriados para a combater».

O cozimento feito com a casca da raiz de romeira é, quando bem administrado, um vermífugo eficaz, sem nenhum dos inconvenientes, por vezes, bastante lamentáveis, do feto macho ao qual é, segundo opinião de clínicos distintos, entre êles o notável neurologista americano, Weir Mitchell, bastante superior.

---

(1) *Nouveaux Éléments de Thérapeutique et de Matière Médicale* por J. L. Alibert, 5ème edition, 1826.

OBSERVAÇÕES PESSOAIS SÔBRE O TRATAMENTO DA FEBRE PELA ÁGUA FRIA

Num ramo especial da Terapêutica, em nossos tempos tanto em moda, a que é realizada pelos agentes físicos, Bernardino Gomes foi um ardente promotor e vulgarizador do *Método de refrigeração no tratamento das febres de origem infecciosa.*

No ano de 1800 tinha o médico inglês Dr. Tiago Currie (1) publicado uma obra intitulada: *Medical reports of the effects of Water cold and warm as a remedy on fever and other diseases.*

Bernardíno Gomes, a quem não escapava fàcilmente qualquer publicação interessante sôbre literatura médica, no Estrangeiro, não se demorou em adquirir a obra do Dr. Currie, resolvendo, desde logo, ensaiar, na primeira ocasião, que, para isso, se lhe oferecesse, o método de combater a febre preconizado pelo médico inglês.

Proporcionou-lhe inesperadamente um favorável ensejo a epidemia de tifos (segundo a designação então adoptada pelos médicos) que, em 1802, se manifestou na tripulação da Esquadra portuguesa que cruzava no Estreito de Gibraltar.

Nesse momento, foi utilizada, como já vimos, a Fragata *Tétis* para navio hospital e aí tratados os vários casos daquela infecção que sucessivamente se manifestavam.

Dos notáveis resultados então ali obtidos, com o método de Currie, comprovando a sua utilidade, no abaixamento da temperatura febril dos doentes, foi o médico inglês informado pelo Dr. Gomes.

---

(1) Êste médico foi precedido, na aplicação da refrigeração, para combater o calor da febre, por Gregório Wright que experimentou essa aplicação em si próprio; Roberto Jackson também experimentara o método em 1791.

Tanto os apreciou e teve em boa conta que os enumerou, com louvor, para o médico português, na segunda edição da memorável obra já citada.

Gomes publicou também, sôbre o mesmo assunto, uma elucidativa memória intitulada :

Método de curar o tifo ou *as febres malignas contagiosas pela efusão d'água fria* etc.

Mais tarde, numa segunda epidemia da mesma infecção, repetiu a aplicação do valioso método, em 445 doentes internados no Lazareto da Trafaria, tendo a satisfação de ver confirmadas as vantagens dos banhos e efusões frias de cuja utilidade os ensaios na primeira epidemia já o tinham deixado convencido. *(Nota 2.ª)*.

Sessenta anos aproximadamente mais tarde (1861-1863) foi o método de Curie cujas vantagens tinham sido confirmadas, como vimos, pelo Dr. Bernardino Gomes, reintroduzidas na clínica pelo médico Ernesto Brand, (de Stettin) que o empregou no tratamento da febre tifóide, com admiráveis resultados corroborados pelos grandes médicos Jurgensen, Baruch, Osler, Wilson.

Muito favoráveis se mostram para os créditos dêsse tratamento as estatísticas dalguns hospitais, entre outras, as do Royal Victoria Hospital de Mont Real (Canadá) onde a mortalidade pela febre tifóide desceu a quatro por cento.

O método de Brand, principalmente a sua modificação *Método de refrigeração progressiva,* cuja eficácia depende imprescindìvelmente da escrupulosa observância das regras muito rigorosas a que está hoje subordinado, não tem inconvenientes e é evidentemente proveitoso.





Reproduzido do livro publicado pela
Academia de Medicina de Paris, em
1923, por ocasião do 1.º Centenário
da morte de Jenner.

EDUARDO JENNER

Nasceu em 1749; Morreu em 1823

Célebre médico inglês que criou o método scientífico rigoroso para aplicação da Vacina preventiva das bexigas ou varíola. Membro da Sociedade Real de Londres e de muitas outras Sociedades Scientíficas da Europa





Reproduzido do *Aere perennius*
Á Memória de D. Maria Isabel Van Zeller

Diplomas da *Instituição Vacínica*, acompanhando ofertas de livros (1) à Sr.ª D. Maria Isabel Van Zeller a título de recompensa ou prémio pelos serviços, por ela, prestados à implantação da Vacina em Portugal.—Em cima desenhos da medalha (2) da Academia.

---

(1) Oeuvres de J. Racine et Oeuvres de J. P. Floriam.
(2) De igual modêlo era a medalha de ouro conferida, pela Academia à mesma Senhora em 1814.

SERVIÇOS PRESTADOS À CAUSA DA VACINAÇÃO JENNERIANA

A primeira publicação de Eduardo Jenner sôbre a vacina anti-variólica apareceu em 1798.

No ano seguinte, já médicos portugueses vacinavam, no Hospital de Vacinação instalado em Lisboa.

Em 1804 criou-se, em Coimbra, o Instituto Vacínico.

Várias causas vieram inesperadamente impedir a generalização da vacina.

Uma delas foi o triste facto do filho do Duque de Lafões ter sido atacado de convulsões, morrendo pouco tempo depois de vacinado.

A-pesar-do bom senso do Duque, a quem a mágoa de perder o filho não alterou o são julgamento, de modo a fazê-lo ver uma relação de causalidade onde houvera simplesmente uma coincidência, tendo, por isso, continuado a não embaraçar e pelo contrário a auxiliar a generalização da vacina, sofreu esta, todavia, um grande descrédito que levou muito tempo a dissipar-se.

Mais sofreu, porém, ainda o progresso da implantação do mesmo método, entre nós, com uma publicação contra a vacina, em inglês e devida a um médico português, parece que mais mariola do que parvo, em que atacava brutal e grosseiramente a vacinação antivariólica a qual seria sempre nefasta e por modo algum vantajosa ou eficaz.

Muito paralisados estiveram os trabalhos vacínicos, durante a invasão francêsa e só quatro anos depois desta haver terminado é que o Dr. Bernardino Gomes, admitido pela Academia Real das Sciências, em 1812, como seu sócio efectivo, dirigiu a esta ilustre corporação uma *Nota,* chamando a sua atenção para o método jenneriano de prevenção contra a varíola, o que teve como resultado a criação da *Instituïção Vacínica,* para cuja valiosa eficácia êle poderosamente concorreu.

Encontrou, é certo, eméritos colaboradores, nalguns dos seus

mais prestimosos confrades e em vários médicos estranhos à Academia, mas que se prestaram, com a sua assídua dedicação, a coadjuvá-la na sua nobilíssima cruzada em benefício da Humanidade.

Relevantíssimos serviços, que nunca serão suficientemente rememorados, foram prestados à implantação e vulgarização da vacina, em Portugal, pelas beneméritas senhoras D. Maria Isabel van-Zeller (do Pôrto) e D. Angela Tamagnini de Abreu (1) (de Tomar), bisavó do muito ilustre general, com êste apelido, e, que tão notàvelmente honrou a nossa Pátria, durante o período em que comandou, por ocasião da Grande Guerra, o Corpo Expedicionário Português em França.

A Instituïção Vacínica prestou enormes serviços:

Em 1817, o número das vacinações, por ela, promovidas, em vários pontos do país, já tinha atingido a bonita cifra de desassete mil.

Alguns dos relatórios, muito apreciáveis pela sua pormenorização e sábias considerações ali apresentadas, sôbre os trabalhos da referida Instituïção, foram elaborados pelo Dr. Bernardino Gomes e publicados na História e Memórias da Academia, com os títulos indicados na lista bibliográfica completa das obras daquêle incansável publicista.

A História da Instituïção Vacínica está dispersa pelas Memórias da Academia das Sciências de Lisboa, desde 1814 até 1821, em elucidativos relatórios escritos por êstes médicos:

Dr. Bernardino António Gomes (1814 e 1816); Dr. Francisco Elias Rodrigues da Silveira (1815); Dr. António de Almeida (1816); Dr. Justiniano de Melo Franco (1816); Dr. Wenceslau Anselmo Soares (1818); Dr. Inácio António da Fonseca Benevides (1819); Dr. Joaquim Xavier da Silva (1819); Dr. José Maria Soares (1821).

As relações dos serviços, apresentados pelos membros correspondentes da Instituïção Vacínica, foram publicados nas Memórias da Academia nos anos de 1817; 1818; 1819; 1820; 1821; 1823; 1825; 1827.

A colecção dos opúsculos sôbre a vacina compreende os números 1 a 13 e foi publicada pela mesma Academia, nos anos de 1812 a 1814.

---

(1) Os trabalhos da Instituïção Vacínica foram iniciados com a aplicação da matéria sêca que o Dr. Francisco de Melo Franco obteve da sr.ª D. Angela Tamagnini de Abreu.



D. MARIA ISABEL VAN ZELLER

Caritativa dama que muito contribuiu, com os seus valiosos serviços, para a implantação da vacina antivariólica em Portugal—Infatigável auxiliar da *Instituïção Vacínica*





D. ANGELA TAMAGNINI DE ABREU

Benemérita auxiliar dos primeiros promotores da vacinação antivariólica em Portugal, a cuja causa prestou relevantes serviços. Foi muito eficaz colaboradora da *Instituïção Vacínica*

ESTUDOS SÔBRE O VALOR RELATIVO DE VÁRIOS DESINFECTANTES QUÍMICOS

No tempo do Dr. Bernardino Gomes, portanto antes dos fecundíssimos trabalhos de Pasteur, que nasceu no ano imediatamente anterior ao da morte do nosso compatriota, já se aplicavam, ainda sem bases scientíficas, que servissem de justificação e apoio ao seu emprêgo, certas substâncias químicas às quais se atribuíam propriedades profiláticas ou preventivas em relação a determinadas doenças contagiosas.

Entre essas substâncias, disfrutavam particular nomeada os vapores de vinagre (ácido acético), o gás produzido durante a combustão do enxôfre (gás sulfuroso) e o gás cloro que tinha sido recentemente descoberto pelo químico sueco Carlos Scheele.

Com aquela ânsia de investigação scientífica que tão acentuadamente caracterizava o seu feitio espiritual, Bernardino Gomes estudou meticulosamente êsses três desinfectantes, determinando o seu valor relatívo quanto à propriedade que lhes faz atribuir êste nome e concluíu que êsse poder é mais enérgico no gás sulfuroso, seguindo-se-lhe, em ordem decrescente, o cloro e os vapores de vinagre.

Verificou, por essa ocasião, que a desinfecção de cartas vindas de logares onde reinasse qualquer epidemia de moléstia contagiosa, se podia fazer sem a necessidade de as abrir ou golpear, bastando a sua exposição, mesmo fechadas, à acção da substância desinfectante, principalmente quando esta fôsse gás sulfuroso.

Sôbre o interessante assunto escreveu o Dr. Bernardino Gomes uma importante Memória mais adiante citada na lista bibliográfica dêste autor e, que, depois de traduzida em inglês, foi lida na Sociedade Real de Londres, em 1815.

VALIOSOS TRABALHOS SÔBRE AS MOLÉSTIAS DE PELE

Os estudos de Bernardino Gomes sôbre as *Moléstias de pele* tiveram o seu início por ocasião da primeira viagem do ilustre médico ao Brasil e sua permanência ali, desde Janeiro de 1797 até ao segundo semestre de 1801.

Começou êle os seus trabalhos pelo estudo das *Boubas,* moléstia cutânea observada nos habitantes do Brasil e que se supunha originária da África e dali levada à América pelo tráfico da escravatura.

Sôbre o assunto escreveu uma obra muito interessante, publicada, em 1815, nas Memórias da Academia das Sciências de Lisboa sob o título de *Ensaio sobre as Boubas,* em que se encontram êstes capítulos:

Noções preliminares; Descrição das Boubas; Sua analogia com o *Pian* e o *Yaws;* Causas ocasionais; Indole do vírus bouboso; Prognóstico; Regímen dos boubentos; Tratamento.

* * *

Em 1817, quando o Dr. Bernardino Gomes foi, pela segunda vez, ao Brasil e ali se demorou cêrca de seis meses, voltou a ocupar-se com o estudo das moléstias de pele, dedicando-se especialmente a investigações relativas à Elefantíase.

Nos seus escritos sôbre esta moléstia o autor trata, com muita proficiência, de diferentes questões concernentes às causas, sintomas e tratamentos da referida infecção.

Apurou mais tarde a história da Elefantíase em Portugal e com a atenção meticulosa de sempre, quando se ocupava de qualquer assunto

de Sciência, a História dos Hospitais de Lázaros ou Gafarias, antigamente bastante numerosas no nosso país.

Estudou depois minuciosamente a doença nos gafos ou leprosos internados no Hospital de S. Lázaro em Lisboa.

No seu livro *Ensaio dermosographico ou succinta e systematica descripção das doenças cutaneas,* Bernardino Gomes compendiou o que, sôbre estas doenças, naquela data, se conhecia e aquilo que, por êle, foi apurado como conseqüência da sua própria observação.

Particularidade interessante de que já fizemos citação: Os capítulos essenciais dêste livro foram quási todos êles coordenados e escritos a bordo da nau *D. João VI,* quando o Dr. Bernardino Gomes, na qualidade de médico da Real Câmara, acompanhava a princesa austríaca Dona Leopoldina, na sua viagem de Livorno para o Rio de Janeiro, onde, como já dissemos, ía contraìr matrimónio com o príncipe real Dom Pedro de Bragança.



Reproduzido do livro *Rainhas de Portugal*, por F. F. Benevides

A NAU D. JOÃO VI (1)

Construída no Arsenal de Marinha de Lisboa, donde saíu para, em sua primeira viagem, ir buscar a Livorno a princesa D. Maria Carolina Leopoldina, arquiduqueza de Áustria e conduzi-la ao Rio de Janeiro. — Foi a bordo dêste navio que Bernardino Gomes escreveu o seu valioso livro *Ensaio dermosográfico*.

(1) 3600 toneladas; 60 metros de comprimento; 74 bôcas de fogo.

PRESTIMOSO ESCRITOR SCIENTÍFICO

As valiosas investigações do Dr. Bernardino Gomes em vários ramos das sciências naturais, as aplicações práticas, em que as utilizou, principalmente na Medicina, o aproveitamento que fêz, com vantagem, daquilo que foi estabelecido, pela sciência própria e alheia, nos domínios especiais da Terapéutica e da Profilaxia, deram assunto para numerosas publicações nacionais e estrangeiras.

Começaremos pelas primeiras segundo a ordem da sua aparição:

Memoria sobre a Ipecacuanha fusca do Brasil ou Cipó das nossas boticas (com duas estampas). Impressa em Lisboa (1), no anno de 1801;

Memoria sobre a Canella do Rio de Janeiro (ignoro a data certa da sua publicação feita no Brasil) (2);

Methodo de curar o typho pela effusão d'agua fria, com a theoria do typho, etc., segundo os principios da zoonomia de Darwin e explicação do modo de obrar da effusão fria e uma carta ao Dr. James Currie com reflexões e observações sobre aquelle methodo, 1806;

Ensaio sobre o Cinchonino e sobre a sua influencia na virtude da Quina e doutras cascas.

Memorias de Mathematica e Physica da Ac. R. das Sciencias de Lisboa. T. III, Parte 1.ª, 1812;

---

(1) Por ordem de S. A. R. o Principe Regente, na Typographia do Arco do Cego.

(2) Por ordem do respectivo govêrno.

Observationes Botanico-Medicæ de nounullis plantis.
Idem. T. III, Parte 1.ª, 1812;

Recopilação historica dos trabalhos da Instituição Vaccinica, durante o seu primeiro anno, pronunciada em sessão publica em 14 de Junho de 1813.
Memorias de Mathematica e Physica da Ac. R. das Sciencias de Lisboa. T. III, Parte 2.ª, 1814;

Conta annual da Instituição Vaccinica da Ac. R. das Sciencias de Lisboa, pronunciada na sessão publica de 1815.
Historia e Memorias da Ac. R. das Sciencias de Lisboa. T. IV, Parte 2.ª. Segunda edição, 1868;

Ensaio sobre as Boubas.
Historia e Memorias da Ac. R. das Sciencias de Lisboa. T. IV, Parte 1.ª, 1815;

Memoria sobre a desinfecção das cartas.
Historia e Memorias da Ac. R. das Sciencias de Lisboa. T. IV, Parte 1.ª, 1815;

Memoria sobre os meios de diminuir a Elephantiase em Portugal e de aperfeiçoar o conhecimento e a cura das doenças cutaneas (1), 1821;

Carta aos medicos portuguezes sobre a Elephantiase noticiando-lhes um novo remedio (2) *para a cura d'esta enfermidade,* 1821;

Memoria sobre a virtude tenifuga da romeira, com observações zoologicas e zoonomicas relativas á tœnia (com uma estampa), 1822;

Ensaio dermosographico ou succinta e systematica descripção das doenças cutaneas com indicação dos respectivos remedios (com duas estampas) 2.ª edição, 1823; *(Nota .3ª)*

---

(1) «Offerecida ás Côrtes de Portugal de 1821, pedindo a sua attenção para o estado da Elephantiase em Portugal».

(2) O cloreto de cálcio.

Historia d'uma ophtalmia epidemica observada a bordo d'um navio hospital, publicada no «Jornal de Coimbra», n.º 11;

Memoria sobre a enfermidade de que falleceu o dezembargador José Vianna Godinho, na qual se refuta a opinião do doutor I... T..., sobre a sua causa, etc.

* * *

No Estrangeiro foram divulgados alguns dos mais importantes trabalhos do nosso ilustre compatriota pelas seguintes publicações:

Carta ao Dr. Currie pelo Dr. B. A. Gomes, descrevendo as observações, por êste, feitas, no tratamento do tifo pela água fria e publicada na 2.ª edição da obra daquele médico inglês, intitulada:
Medical reports on the effects of Water cold and warm as a remedy on fever and othes diseases;

Tradução em inglês do *Ensaio sobre o Cinchonino* publicada nestas revistas scientíficas: *Edinburg Medical and Chrirurgical Journal,* vol. 7.º, 1811 e no *Medical and Physical Journal,* vol. 27.

Tradução, também em inglês, da *Memoria sobre o modo de desinfectar as cartas,* lida na Sociedade Real de Londres, em 1815 e resumida no *Medical and Physical Journal,* vol. 36.

Tradução, em francês, pelo Dr. Mérat, de Paris, da *Memoria sobre a casca da raiz de romeira.*

Historia d'uma ophtalmia epidemica observada a bordo d'um navio hospital, publicada no «Jornal de Coimbra», n.º 11;

Memoria sobre a enfermidade de que falleceu o desembargador José Pinto Godinho, na qual se refuta a opinião do doutor L... T..., sobre a sua causa, etc.

* * *

No Extrangeiro foram divulgados alguns dos mais importantes trabalhos do nosso illustre compatriota pelas seguintes publicações:

Carta ao Dr. Currie pelo Dr. B. A. Gomes, descrevendo as observações, por este, feitas, no tratamento do tifo pela agua fria e publicada na 2.ª edição da obra daquele medico inglês, intitulada:

Medical reports on the effects of Water cold and warm as a remedy on fever and other diseases;

Tradução em inglês do *Ensaio sobre o Cinchonino* publicada nestas revistas scientificas: *Edinburg Medical and Chirurgical Journal*, vol. 7.º, 1811 e no *Medical and Physical Journal*, vol. 27.

Tradução, tambem em inglês, da *Memoria sobre o modo de desinfectar as cartas*, lida na Sociedade Real de Londres, em 1815 e resumida no *Medical and Physical Journal*, vol. 35.

Tradução, em francês, pelo Dr. Mérat, de Paris, da *Memoria sobre a casca da raiz de romeira*.

CARACTERÍSTICAS PSICOLOGICAS DUM SÁBIO

Nos trabalhos scientíficos realizados pelo Dr. Bernardino Gomes, revela-se, a todo o momento, a variada ilustração scientífica que possuía nos domínios da Botânica, da Química e da Medicina.

Essa ilustração, por êle, tornada fecundíssima, tinha-lhe sido, em grande parte, facilitada pelo ensinamento colhido na literatura scientífica estrangeira, pois muito bem conhecia as línguas francêsa, inglêsa e latina, em que apareciam, então, as boas publicações da época.

Para satisfação das suas ardentes aspirações a instruir-se e a ampliar o cabedal das Sciências que, sempre, com inexcedível brilho e incontestável sucesso, cultivava, Bernardino Gomes, além de possuír uma inteligência muito lúcida e uma capacidade de crítica profunda e rigorosa, era dotado dessa coisa rara, o *espírito scientífico* ou *filosófico*, e dispunha de valiosos dotes de investigador que tornavam fecunda a aplicação daquelas qualidades espirituais e que eram todos êstes:

Curiosidade de cousas scientíficas, quási insaciável e inalteràvelmente constante;

Entusiasmo ardente e sincero, paixão mesmo, pelas investigações de ordem filosófica;

Ansia de aproveitamento de tôdas as ocasiões, para realizar trabalhos novos e investigações pessoais;

Habilidade técnica para as manipulações de laboratório;

Perseverante tenacidade no emprêgo do seu esfôrço espiritual aplicado a problemas scientíficos cuja solução obstinadamente procurava, sempre com a manifesta e nobre intenção de ser útil aos seus similhantes, ambição que brilhantemente viu realizada em todos os casos de emprêgo da sua actividade espíritual, no progresso das Sciências;

Verdadeira idolatria pelo estudo, a qual o fazia pensar noite e dia em Sciência pura ou aplicada, justificando, até aos últimos dias da sua

abençoada existência, o celebrado aforismo de que *docto et erudito homine vivere est cogitare*;

Muita paciência para sofrer, sem desalento e sem revolta, as inúmeras e imprevistas contrariedades inerentes às investigações scientíficas;

Coragem para suportar essas contrariedades, até conseguir removê-las triunfantemente;

Probidade inconcussa, coroa de glorificadora nomeada, que sempre exalto onde a encontro, por êle, religiosamente observada na enunciação dos resultados obtidos com as suas investigações, nos vários distritos da Sciência em que empregou o exercício da sua actividade.

E foi por estar na posse de tôdas estas nobilíssimas qualidades que Bernardino Gomes pôde prestar à Sciência tantos e tão valiosos serviços que esta o incluíu na lista dos seus beneméritos mais dignos do respeito, consideração e reconhecimento de todos que amam as conquistas do labor espiritual e as suas aplicações à vida e à saúde dos povos.

Pelas suas variadas aptidões e talentos, Bernardino Gomes tornou-se comparável a certos homens de Sciência que procuram desencantar, nos ramos mais diversos de conhecimentos, alguns dos problemas filosóficos mais interessantes e sedutores.

Pertencendo a esse grupo, contam-se, por exemplo, na História da Medicina, entre outros, o Jerónimo Fracastor, o João Fernel, o António Scarpa, o Tiago Parkinson, o João Luís Alibert, o Ricardo Bright, etc.

HORAS DE AMARGURA E DE DESALENTO —JUSTOS DESABAFOS

O Dr. Bernardino Gomes sofreu, por vezes, no desempenho dos seus cargos e obrigações oficiais, em cujo cumprimento era exemplarmente caprichoso, bastantes contrariedades, vexames, sensaborias, ingratidões, etc.

Alguns factos, com êle sucedidos, deixaram comprovada esta afirmação:

Quando houve a segunda epidemia de tifos, na Esquadra de Gibraltar, foi utilizado, como já dissemos, o Lazareto da Trafaria, para ali serem recolhidos e tratados os respectivos doentes, serviço êste que competia aos médicos do mesmo lazareto, subordinados à Junta de Saúde; todavia, a-pesar-disso, uma criatura tôla e má, um contador de marinha chamado Fonseca, que exercia habitualmente as funções de intendente, lembrou-se de dirigir ao Dr. Gomes uma ordem de serviço, em termos pouco correctos, mandando-o apresentar ao comandante do Presídio da Trafaria, *para o coadjuvar!* (1) no serviço dos tifosos que, por modo algum, lhe competia, mas sim a outros funcionários médicos, camo dissemos.

Teve vontade de protestar ou de recalcitrar (dizia o Dr. Bernardino, depois repetido pelos seus biógrafos) mas rejeitar a comissão parecia-lhe um acto de indisciplina, embora não lhe competisse o dever de fazer o serviço, a que, essa ordem arbitrária e iníqua, o obrigava; demitir-se, poderia significar mêdo da epidemia e desejo de se esquivar a um trabalho demasiadamente fatigante.

Que atitude tomou êle em tal conjuntura?

---

(1) Para *coadejovar* no curativo dos doentes, é o que se lê na célebre nota do Fonseca.

Desempenhou a comissão o melhor que pôde; mas, logo que esta cessou, pediu a demissão, sem todavia fazer qualquer referência ao motivo dêste seu procedimento, limitando-se a alegar o seu máu estado de saúde e a necessidade de atender aos interêsses de sua família.

Concederam-lhe a demissão, mas em que termos?!

Nestes: «O Principe Regente, Nosso Senhor, attendendo á impossibilidade, em que se acha, por suas molestias, para continuar no Seu Real Serviço, o médico da Armada Bernardino Antonio Gomes, foi servido, por portaria de 6 do corrente (mês de Setembro de 1810), de aceitar-lhe a demissão que requereu do sobredito lugar».

Isto, como vêem, sem uma palavra de louvor referente aos préstimos notáveis de Bernardino Gomes, utilizados durante os treze anos de médico da Armada, em que, além de outros serviços importantes, combateu, com muito sucesso, duas epidemias de tifos, por um método que êle foi o primeiro a ensaiar, no nosso país, método que, desde então, mais legítimos créditos ficou possuindo, e realizou, importantes trabalhos de Sciência admirados e louvados, nos centros intelectuais mais notáveis do Estrangeiro.

Na época em que isto sucedeu, imprimia-se, em Londres, uma revista intitulada o *Investigador portuguez em Inglaterra ou Jornal litterario, politico,* etc.

Aí diziam os respectivos redactores, em página 236 do 6.º número, o seguinte:

«O Dr. Bernardino Antonio Gomes, cujo merecimento o actual governo não conheceu, quando, depois dum tratamento pouco decente, lhe deu a demissão......» (1)

O Dr. Bernardino, mesmo nos seus apontamentos autobiográficos, que não deu à publicidade, não desperdiçava o menor ensejo, que se lhe oferecia, para aí registar os seus desabafos:

«Não obstante, escrevia êle, a injustiça e a ingratidão, aparentemente do governo de Portugal, mas realmente só dum indivíduo, como

(1) Com referência a esta demissão, lê-se na mesma Revista, noutro logar: «O autor (B. A. G.) em quem a Repartição dos Hospitais militares portuguezes perdeu tanto quanto elle lucrou em se retirar.......».

nasci Português (e, por isso, devo mostrar que sempre o sou,) não foi suficiente aquela lição para me desmoralizar e me fazer egoista; desejoso sempre de contribuir para o bem público da minha Nação e observando quanto as Bexigas pelas frequentes epidemias contribuiam para a falta de população......» (Vide pág. 27).

Sensaborias sofreu também o ilustre médico, a propósito da parte oficial no exercício das suas funções, quando acompanhou a Princesa D. Leopoldina desde Livorno ao Rio de Janeiro e, depois, a comitiva de Sua Alteza, no regresso à Europa.

Já dissemos que o Dr. Bernardino Gomes via umas certas vantagens na primeira das comissões a que aludimos; mas reconhecia que lhe correspondiam também alguns inconvenientes, referidos nos seus apontamentos há pouco citados:

«Tornar ao Brasil, donde me retirei, pelo muito mal que ali passava; fazer uma longa viagem por mar, tendo-me isentado do serviço do mar, pelo mal que nelle soffria; tornar-me responsavel, em caso de adoecer, na viagem, a Princeza Real pela preciosa vida de S. A. R.; abandonar, por mais de um anno e perder em grande parte o estabelecimento que tinha, como medico, em Lisboa; suspender talvez, para sempre, a edificação duma caza já meia feita; abandonar, por mais de um anno, uma familia com quatro filhos menores, no tempo em que para a sua educação mais precizavam da presença e do cuidado dum pai, só erão ponderações que amarguravão não pouco o praser da nova commissão».

Vimos que o Dr. Bernardino tomou conta da honrosa comissão e que do seu desempenho não foi demovido por influência das reflexões que deixámos agora registadas.

Não correram as cousas tão bem como êle desejava, segundo se conclui desta sua narrativa:

«No regresso do Rio de Janeiro para Lisboa, quando esperava restituir-me inteiramente ao gremio da minha familia e começar a reparar os prejuizos de uma longa e ruinosa auzencia, recebi ordem de acompanhar até Leorne as Personagens Austriacas que tinham hido com a Princeza Real e que regressavão para a Europa.

Esta nova commissão competente (a querer-se um medico) ou

para o de Marinha ou para um da Familia e que todavia S. M. me deu, provavelmente por dar, á Corte de Austria, um maior signal da particular consideração em que tinha tudo o que era Austriaco, além de me desarranjar muito pela nova viagem de Lisboa a Leorne, a que me obrigava, foi acompanhada de uma circumstancia que realça muito o desempenho com que a executei.

Todos os criados de S. M. nomeados para esta commissão tiverão alem dos seus ordenados uma ajuda de custo, para ella; eu porem que nem tenho ordenado ou soldo, eu que, alem disto, tinha tido e hia ainda ter um prejuizo enorme nos meus interesses não tive ajuda de custo alguma!!

Como eu recebesse a ordem da nova hida a Leorne, na vespera do dia do meu embarque, não tive tempo de fazer ao Exmo Conde dos Arcos, que me havia expedido aquella ordem, mais que uma representação verbal sobre aquellas circumstancias, esta porem me bastou para eu conhecer que aquella omissão do Exmo Governador da Bahia não era filha de um espirito d'injustiça, incompativel com a estimação extraordinaria e geral que elle grangeou naquelle governo, mas provavelmente da pressa, por se mostrar com toda a vontade de me fazer justiça quando lhe requeresse por escripto.

Não havendo tempo de o fazer, no Rio, fi-lo em Lisboa, pedindo ao governo que ou me habilitasse para o resto da commissão, por meio da competente ajuda de custo ou me dispensasse d'aquele resto.

Deste justissimo Requerimento tive por despacho: que *requeresse na Corte.*

Não obstante este despacho que provavelmente teve justos motivos, mas que á primeira vista parece mui injusto, não deixei de fazer o meu logar...»

Mais longe ainda, lê-se êste parágrafo, em que está bem patente o descontentamento e o desânimo do Dr. Bernardino, por não ver suficientemente retribuídos os serviços por êle prestados ao seu país:

«Se eu não tivesse quatro filhos, se eu não sentisse os symptomas da saude muito arruinada e de velhice prematura, dava-me por bem pago de todos os meus serviços, com as honras de Cavalleiro da Ordem de Christo, de Medico da Camara e de Fidalgo Cavalleiro da Casa de S. M. que S. M. me tem conferido; mas como as qualificaçoens exigem

um trato mais nobre e mais dispendioso, como sem saude param as minhas rendas e como he no serviço do Estado que tenho perdido aquella e estas, do Estado tenho razão de esperar graças de manutenção e por isso espero de um Soberano generoso, justo e magnanimo que não deixe sentir indigência a quem estaria agora bem livre della se não tivesse tanto zelo pelo bem do Estado e serviço de S. M. F. que Deus guarde».

Sucedeu o mesmo que sucederia se tivesse clamado no deserto. São totalmente dispensaveis quaisquer comentários.

* * *

Contrariedades, desilusões, amarguras quem as não sofreu, se alguma vez trabalhou, com afinco, e lutou com sucesso, pelo engrandecimento e progresso da Sciência?

Bernardino Gomes, que teve grande desgôsto por causa da atitude tomada pelo Dr. Brotero, no caso da Ipécacuanha (*Nota 4.ª*), não menores sensaborias teve de experimentar, quando foi do isolamento da Cinchonina.

Os resultados obtidos pelo Dr. Bernardino, nos seus trabalhos scientíficos, foram sempre, como ficou bem demonstrado, pelo que dissemos, em páginas anteriores, muito apreciados, no Estrangeiro, logo que eram aí conhecidos, pelas publicações feitas a seu respeito.

O mesmo, infelizmente, não sucedeu entre nós!

Por uns foram recebidos com indiferença aparente ou real, nalguns casos, devido à sua incapacidade de julgamento; por outros com desconfiança e ainda por outros com hostilidade.

Não se demorou em aparecer a turba dos detractores invejosos, sempre maus, todavia dignos de piedade, porque os atormenta a infelicidade de andarem constantemente amargurados com o bem alheio.

As descobertas do Dr. Bernardino foram atacadas no único jornal médico português que então havia! (1)

---

(1) Convém ler a propósito no Dicionário biográfico e corográfico intitulado *Portugal* a biografia do Dr. Bernardino António Gomes.

Foi pôsto em dúvida o isolamento do Cinchonino dizendo-se, além disso, que as razões apresentadas pelo descobridor desta substância eram insuficientes e especiosas e que a técnica empregada, no caso, teria sido imperfeita ou errada.

Convidados os antagonistas a repetir as experiências do autor, nenhum se atreveu a fazê-lo e assim deixaram patente a consciência (que a ninguêm causou surpreza) da sua incompetência para a realização duma tal empreza scientífica.

É sempre mais fácil e menos fatigante amesquinhar o alheio mérito do que trabalhar o suficiente para firmar ou engrandecer os motivos de crédito dos próprios merecimentos.

Não conservou o Dr. Gomes, nesta conjuntura, bem o lamentam os seus biógrafos de que nos socorremos, na elaboração dêste artigo, o sangue frio, que bem conviria a quem tinha a razão por seu lado. Com a polémica, então estabelecida, nos jornais, sofreu grande abalo, muito nocivo à sua saúde bastante precária.

Pena foi que tivesse tomado uma tal atitude, pois muito não tardou que a evidência dos méritos do Dr. Gomes quebrasse os dentes aos que lhe mordiam a reputação scientífica e para isso bastou que os primeiros químicos estrangeiros daquela época confirmassem decisivamente o valor dos trabalhos realizados pelo nosso eminente compatriota, proclamando, ao mesmo tempo, as suas apreciáveis conseqüências sôbre o desenvolvimento da moderna química dos alcalóides.

Bernardino Gomes teve, é incontestável, uma certa culpa na pouca atenção dispensada aos seus trabalhos scientíficos, quando, pela primeira vez, os anunciou entre nós. Apresentou-os e descreveu-os com modéstia (1) mais do que excessiva; a êles se referiu sempre com a máxima cautela e ponderação.

Não lhe serviu de lição o conhecimento do que sucedeu com o Laennec e o Auenbrugger só mais tarde postos no logar que lhes competiu, o primeiro, pelo Andral e o segundo pelo Corvisart.

Foi com uma desculpável, mas, para êle, muito prejudicial timi-

---

(1) Virtude muito simpática que só dá como recompensa a quem a pratica o prazer de se tornar menos antipático àqueles que incomodaria com a impertinente jactância dos próprios méritos.

dez (1), que hesitou em atribuir aos seus trabalhos a devida importância, porque (e isto conclui-se de palavras suas) não se julgava uma autoridade em Química, quer para corrigir o que notáveis mestres, nesta Sciência, tinham dito antes dêle, quer para ampliar, completando, o que êles tinham deixado incompleto.

Fêz mais ainda: chegou a atribuir a outros investigadores o papel principal na descoberta realizada, quando apenas tinham apurado alguns pequenos factos por êle sàbiamente utilizados, com êxito completo, que, pelos seus precursores, não fôra atingido.

A invenção não lhe deu em todo o caso a grande alegria que teria dado se êle tivesse podido prever as notáveis conseqüências que o correr dos tempos assinalou.

Foi naturalmente, para desabafo justíssimo da mágoa que lhe causavam as injustiças, para com êle praticadas pelos seus compatriotas, que o Dr. Bernardino Gomes escreveu, no frontispício da sua última obra, esta dedicatória:

«*A' minha* **injusta,** *todavia sempre amada pátria, este tenue, mas não inùtil, undecimo testemunho dos meus constantes desejos e deligencias em contribuir para o bem publico e gloria nacional,* (2) *como legitimo e, por isso, sempre seu affeiçoado e dedicado filho, dedico e offereço.*

B. A. G.»

Noutra parte já êle tinha escrito:

«... Sacrificios porém, serviços, virtudes patrioticas que valem para homens que não receberão, da natureza ou da educação, sentimentos capazes de prezar o merecimento e que, cheios de orgulho, de rusticidade e de paixoens, longe de promover a prosperidade publica, que depende muito da satisfação geral e do enthusiasmo que causa o merecimento applaudido e premiado, não fazem senão crear egoistas e anihilar todo o germe de virtudes e de prosperidade nacional?»

---

(1) Cheio de coragem, iniciativa e desembaraçado em diversos actos da sua vida, Bernardino era todavia tímido em certas questões de Sciência, não lhe sendo, por isso, aplicável o conceito do poeta mantuano de que *Audaces fortuna juvat,* mas êstes outros: *Timiditas fortunae contraria est* ou *Benemerentis saepe modestia nocet.*

(2) Expressão de muito bem fundamentado orgulho.

MOMENTOS DE COMPENSADORA CONSOLAÇÃO

Nem sempre a Justiça e a Gratidão se conservaram inactivas e silenciosas (sem comtudo se terem mostrado extremamente liberais) quanto à consagração dos altos méritos de Bernardino António Gomes.

Proporcionou-lhe, por exemplo, grande satisfação o honroso ofício que recebeu do Senado do Rio de Janeiro agradecendo-lhe as valiosas contribuïções com que êle concorrera para os progressos da Botânica do Brasil. *(Nota 5.ª)*.

Louvores lhe foram conferidos, no Despacho em que era dispensado, por motivo de doença, de continuar o serviço de médico a bordo.

Em 1810, a Academia Real das Sciências elegia o Dr. Bernardino Gomes seu sócio correspondente conferindo-lhe, dois anos mais tarde, o título por êle muito apreciado e valorizado de sócio efectivo da mesma corporação.

A participação provisória relativa à primeira nomeação era concebida nos seguintes termos:

«A Academia Real das Sciencias de Lisboa, desejando continuar a ser util para satisfazer os seus fins e considerando os merecimentos literarios e outras boas partes que em V M[ce] concorrem, e confiando muito no seu zelo para o bem da Patria e augm[to] das Sciencais uteis, o elegeo, em Assemblea extraordinaria de 7 do prez[te] mez de Janeiro, com unanimid.[e] de votos, p.[a] seu socio correspondente e me ordena communique a V M[ce] isto, paraq.' desde já, e em quanto lhe não expedir sua Carta, possa V M[ce] uzar d'este titulo e concorrer ás Assembleas da mesma Academia, que agora se fazem aos Domingos, pelas cinco horas da tarde. Eu, da minha parte, dou a V M[ce] os parabêns e

me lizongeo de ter esta occasião pª assegurar a V Mce a grande estima que faço da sua pessoa.

Deus Gde a V Mce Secretaria da Academia Real das Sciencias 19 de Janeiro de 1810.

Sñr. Bernardino Antonio Gomes.

De V Mce
Servo attº e venºr

Joaquim Pedro Fragoso
«Vice Secretario da Academia»

A esta participação respondeu o Dr. Bernardino Gomes:

(Sñr. Joachim Pedro Fragoso)

«Illmo e Exmo Sr

O prazer q' tenho em me ver aggregado á sabia corporação dos socios da Academia Real das Sciencias de Lisboa he superior ás minhas expressões, porque esta honra que lizongearia mtº hum verdadeiro sabio, he excessiva pª mim que tão longe estou de o ser. Reconhecendo-me, por conseguinte, summamente obrigado a toda a Illª Assemblea Academica de 7 do corrente mez, tenho a assegurar-lhes que hei-de fazer qto puder por merecer a eleição que de mim quizerão fazer, pª seu socio correspondente e que assim cooperarei qto couber nas mªs debies forças pª os uteis fins que a Academia R. das Sciencias se tem proposto.

Digne-se V Exª fazer sciente a Real Academia dos meus sentimentos e justamente a alta consideração em que tenho a V Exª

Ds Guarde a V Exª

Lisboa 20 de Janeiro de 1810.

O mais attº e obgdo Cdº
Bernarino Antondio Gomes»

Outras honras e distinções recebeu não só no seu país, mas igualmente no Estrangeiro, onde os seus trabalhos, como tivemos ocasião de acentuar, por várias vezes, eram muito apreciados.

Nitidamente confirma esta asserção a correspondência trocada entre os scientistas franceses doutores Virey, Mérat, Pelletan Alibert e o Dr. Bernardino Gomes.

Para êste, e valendo mais do que tôdas as honras e graças, por êle recebidas, a verdadeira, a suprema compensação do seu trabalho indefesso e fecundo foi, como disse mais tarde seu filho (1), médico igualmente e professor distinto:

«A satisfação que experimentam as almas bem formadas de deixar, neste mundo, a lembrança duma existência útil ao Bem da Humanidade.»

---

(1) O Dr. Bernardino António Gomes (Filho).

SOOU FINALMENTE A HORA DE JUSTÍSSIMA CONSAGRAÇÃO

Muitos anos se passaram após o falecimento do Dr. Bernardino António Gomes, antes que alguma referência se fizesse ao alto valimento dos serviços, por êle prestados, à Sciência e à Humanidade.

Em 1859, isto é, trinta e seis anos depois daquele relativamente prematuro e, por tantos títulos. lamentável acontecimento, via a luz da publicidade uma Memória biográfica que é, com todo o fundamento, atribuída ao Dr. Bernardino Gomes (Filho) e da qual reproduzimos, em páginas anteriores, alguns capítulos mais elucidativos sôbre a vida do ilustre descobridor da Cinchonina.

Há vinte e três anos, na sessão de 20 de Junho de 1901 da Academia Real das Sciências, o seu sócio efectivo, Professor de Matéria Médica e Terapéutica, na antiga Escola Médico-Cirurgica de Lisboa, Dr. Eduardo Mota, lia uma Memória destinada ao Jornal da 1.ª classe da mesma Academia, descrevendo minuciosamente a história das importantíssimas investigações realizadas pelo sábio académico Bernardino António Gomes, o primeiro dos médicos portugueses do princípio do século XIX, a cujos trabalhos de laboratório a Terapêutica e a Farmacologia moderna ficaram devendo os primeiros estudos químicos relativos à quina.

Resolveu-se então que o trabalho apresentado pelo professor Eduardo Mota fôsse impresso por ordem e conta da Academia.

O sócio Virgílio Machado propôs que, pela Academia, fôsse tomada a iniciativa duma subscrição para o fim de se colocar numa das salas o busto de Bernardino António Gomes.

Esta proposta foi aprovada por aclamação.

Ainda o mesmo académico sugeriu a conveniência de se pensar em celebrar, na respectiva altura, o centenário do falecimento do benemérito promotor da criação da Instituïção Vacínica pela Academia Real das Sciências.

Tôdas estas deliberações não tiveram, por motivos vários, a desejada realização, mas no *Jornal da Academia,* segunda série, T. IV, Pág. 201, publicou em Julho de 1901, o professor Eduardo Mota um artigo intitulado *Reivindicação,* no qual defende os legítimos direitos de prioridade de Bernardino António Gomes no descobrimento da Cinchonina atribuído falsamente, como já dissémos, aos químicos franceses Pelletier e Caventou.

* * *

Quando se celebraram na Sociedade das Sciências Médicas de Lisboa, as sessões comemorativas do primeiro centenário da fundação desta Sociedade, foi uma delas, a do dia 8 de Março de 1924, consagrada à inauguração da Secção de História da Medicina, tendo sido proferido, nessa ocasião, pelo sócio Virgílio Machado, o Elogio de Bernardino António Gomes um dos fundadores daquela Sociedade Scientífica.

Na sessão de 21 de Março do mesmo ano, a Câmara Municipal de Lisboa, associou-se, como se vê na local junta, publicada no *Diario de Noticias,* à homenagem tributada pela S. S. M. L.:

DR. BERNARDINO ANTONIO GOMES

A CONSAGRAÇÃO NACIONAL AO MAIOR MÉDICO DO SÉCULO XIX

Na reünião extraordinária da vereação da Câmara Municipal, realizada ontem à noite, o presidente, sr. dr. Costa Santos, apresentou uma proposta, na qual, considerando que aquela Câmara, pelo interêsse que vota ao culto dos homens ilustres da nossa terra, não se deve esquecer de que, tendo a Sociedade das Sciências Médicas de Lisboa, por ocasião da inauguração da sua secção de História da Medicina, prestado uma solene e carinhosa homenagem à memória do dr. Bernardino António Gomes, o mais notável médico português do século XIX, foi nessa ocasião alvitrada a idea de se promover, como acto de merecidíssima justiça, uma consagração nacional ao eminente médico, propõe que a Câmara dê toda a sua solidariedade e apoio, secundando-as quanto em si caiba, a tôdas as iniciativas colectivas e particulares, devotadamente empenhadas em dar à sua consagração o carácter de uma ho-

menagem pública, altamente patriótica e proporcionada à elevada valia do sábio ilustre a cuja memória é tributada.

Depois de sôbre esta proposta usarem da palavra os srs. Daniel Rodrigues e Azevedo Neves, que enaltecem a grande figura do dr. Bernardino António Gomes, foi a proposta do presidente aprovada por unanimidade.

Ulteríormente, em sessão de 18 de Junho, foi aprovada, por unanimidade, a proposta apresentada pelo vereador do pelouro de Instrução, Sr. Alexandre Ferreira, para que, dando início à consagração já votada pela Câmara, seja colocada, na frontaria da casa que, na Praça da Alegria, tem actualmente os números 21 a 23, uma lápide indicativa dos altos predicados que ornaram o distinto médico e scientista Dr. Bernardino António Gomes, falecido naquela casa em 13 de Janeiro de 1823.

Por ocasião de pronunciar o elogio acima referido, do Dr. Bernardino Gomes, na S. S. M. L., o orador, pondo em relêvo a importância dos trabalhos do eminente investigador português, principalmente os que se referem a Cinchonina, acentuou o interessante facto de que os famosos químicos franceses Caventou e Petellier, tomando para base, segundo explícita afirmação dos principais autores antigos e modernos, (1) os resultados obtidos nas suas investigações sôbre o princípio activo das cascas das quinas, tinham chegado ao descobrimento da quinina, a preciosa substância curativa das febres palustres.

Acrescentou ainda: a França já afirmou a sua gratidão a estes, seus dois ilustres filhos, pelos serviços por êles prestados à Humanidade, erigindo-lhes um monumento em Paris, no Boulevard Saint Michel, (2) ao passo que o nosso compatriota não tem ainda, nem sequer um modesto busto no átrio dum edifício escolar ou universitário. Para reparar esta injustiça e aproveitando a oportunidade oferecida pelo facto de ter passado ùltimamente (3) o primeiro centenário do falecimento de Bernardino Gomes, contituíu-se uma grande comissão, para obter, por meio de subscrição pública, em Portugal e no Brasil os recursos pecuniários necessários para que do alto valor do exímio médico português e dos serviços por êle prestados à Sciência e à Humanidade seja feita a de-

(1) Veja-se páginas 49 e 50.

(2) Estátuas em grupo, corpo inteiro e tamanho natural.

(3) 13 de janeiro de 1923.

vida consagração, inscrevendo-os em um monumento erigido á memória daquêle que, por tantos modos, conquistou legítimos direitos à gratidão dos seus compatriotas.

Esta comssão tem feito, em Portugal e no Brasil, larga distribuïção de circulares cujo modêlo adiante reproduzimos.

O apêlo contido nêsse documento tem já, até agora, encontrado em pessoas inteligentes, cultas, dotadas de sentimentos patrióticos, e capazes de compreender o valôr intelectual dos trabalhos scientificos e o valôr moral de obras humanitárias, benevolo aconhimento, e franco patrocinio, por qualquer modo, manifestado, mesmo entre aquêles que, em princípio, não concordam com o modo de traduzir ou materializar a referida consagração.

CIRCULAR

Ex.^*mo*^ *Sr.*

O Doutor Bernardino António Gomes, que foi o médico português mais notável do primeiro quartel do século XIX, enriqueceu a Sciência com trabalhos numerosos e importantíssimos, apreciados, nos primeiros Centros scientíficos da Europa, pelas principais Academias e pelos mais afamados sábios contemporâneos do autor.

Fecundíssimas foram as conseqüências das valiosas contribuïções originais do eminente sábio português nos domínios do Química (1), Botânica (2) e Medicina, principalmente nos capítulos da Dermatologia (3), Parasitologia (4), Profilaxia (5), Matéria Médica e Terapêutica.

Foi ainda o mesmo médico quem promoveu a criação da **Instituïção Vacínica,** *pela Academia das Sciências, em 1812, concorrendo assim muito poderosamente para a implantação e vulgarização da Vacina antivariólica em Portugal.*

---

(1) Criação definitiva da Química dos alcalóides, isolamento da Cinchonina que foi ponto de partida para o descobrimento da Quinina, etc.

(2) Estudos de botânica comercial e de botânica médica no Brasil, etc.

(3) Classificacão, descrição e tratamento das doenças de pele.

(4) Ténias e tenífugos.

(5) Estudo do valor relativo de alguns desinfectantes químicos.

Por todos estes motivos, Bernardino António Gomes conquistou legítimos direitos aos títulos de Benemérito da Sciência e Benfeitor da Humanidade, tornando-se bem digno de que os seus compatriotas lhe erijam um monumento (1) numa das principais Avenidas ou Praças Públicas da Capital, no qual sejam inscritos os tópicos fundamentais da vida scientífica e humanitária de quem tão dignamente e por tão diversos modos serviu e honrou a sua Pátria.

A Comissão organizada, por ocasião da recente passagem do Centenário do falecimento do prestimoso médico, com o fim de obter, por subscrição pública, em Portugal e no Brasil, a necessária quantia para levar a efeito a aludida homenagem, com o máximo carácter de colectiva e nacional, ousa solicitar dos Ex.mos Subscritores a adopção dum princípio que simplifica e torna mais acessíveis as contribuïções com análoga aplicação e que consiste na uniformização das quotas individuais, cada uma das quais poderá ser de dez escudos (10$00).

Todos que quiserem levar mais longe a sua contribuïção pessoal, poderão, em vez de pagar a quota única, satisfazer a importância das quotas, em maior ou menor número, relativas a compatriotas seus (amigos, empregados, etc.) que desejarem comparticipar na homenagem projectada e não disponham dos respectivos meios pecuniários.

Esperando de V. Ex.a, e agradecendo-lhe antecipadamente, a atenção que se digne dispensar ao apêlo contido nesta exposição, os abaixo assinados, designados, em virtude dos seus cargos scintíficos e sociais, para promotores (2) da merecidíssima homenagem ao Doutor Bernardino António Gomes subscrevem-se

De V. Ex.a
Muito Atentos Veneradores

Dr. Achilles Machado *(Prof. de Química F. S. L., Presidente da Sociedade Química Portuguesa)*; Dr. Adolfo Artayet *(Director do Hospital Militar do Porto)*; Dr. Alberto de Aguiar *(Prof. de Química Biológica F. M. P. e Redactor da «Revista de Química Pura e Aplicada)*; Dr. Alberto Moreira da Rocha Brito *(Prof. de Dermato-*

---

(1) Por exemplo, um busto sôbre artístico pedestal.

(2) Representantes das colectividades scientíficas: Instituïções médicas nacionais; Professorado nos ramos da Sciência mais directamente servidos pelo Dr. B. A. Gomes; História aa Sciência, etc.

logia F. M. C.); Alberto Mourato Vermelho *(Presidente da Sociedade Farmacêutica Lusitana);* Dr. Alberto Pessoa *(Presidente da Associação dos Médicos do Centro de Portugal e membro da Secção de História da medicina S. S. M.)*; Alberto Zagalo Fernandes *(Presidente da Federação Académica de Lisboa);* Alexandre Ferreira *(Vereador do pelouro de Instrucção C. M. L.);* Dr. Alfredo de Magalhães *(Director da Faculdade de Medicina do Pôrto e Presidente da Associação Médica Lusitana)*; Dr. Alvaro Basto *(Prof. de Química U. C.)*; Dr. António de Almeida Garrett *(Redactor do «Portugal Médico»)*; Dr. António C. Ferreira de Castro *(Prof. de Farmácia F. F. P. e redactor da «Medicina Moderna»)*; Dr. António Pereira Forjaz *(Prof. de Química F. S. L.)*; Dr. Asdrubal de Aguiar *(Prof. da F. M. L., membro da Secção de História da Medicina S. S. M.)*; Dr. A. X. Pereira Coutinho *(Antigo prof. de Botânica F. S. L.);* Dr. A. Cardoso Pereira *(Prof. de Química, Secretário da F. Q. P.);* Dr. António Moreira Beato *(Prof. de Farmácia F. F. L.);* Dr. A. da Silva Carvalho *(Presidente da Secção de História da Medicina S. S. M.)*; Dr. Augusto Nobre *(Reitor da Universidade do Pôrto)*; Dr. Ayres Kopke *(Prof. da Escola ae Medicina Colonial)*; Azeredo Antas *(Presidente da Associação dos Estudantes do Pôrto);* Dr. Azevedo Neves *(Director da Faculdade de Medicina de Lisboa);* Dr. Carlos de Castro Henriques *(Prof. de História Natural das Drogas F. F. P.);* Dr. Carlos França *(Prof. de Parasitologia F. M. L.);* Conde de Nova Goa, D. Luiz de Castro *(Membro da Secção de História da Sciência A. S. L.)*; Dr. Eduardo Burnay *(Antigo prof. de Química E. P. e membro da Secção de História da Medicina S. S. M.);* Dr. Egas Ferreira Pinto Basto *(Prof. de Química Médica F. M. C.);* Dr. Egas Moniz *(Director do Hospital Escolar de Santa Marta—Lisboa)*: Dr. Feliciano A. da Cunha Guimarães *(Prof. de Farmacologia U. C.);* Dr. Filipe de Almeida Figueiredo *(Membro da Secção de História da Sciência A. S. L.)*; Dr. Francisco Gomes Teixeira *(Reitor Honorário da Universidade do Pôrto);* Dr. F. M. da Costa Lobo *(Prof. U. C. e Presidente do Instituto de Coimbra)*; Dr. Gonçalo Sampaio *(Prof. de Botânica da Universiade do Pôrto)*; Dr. João Carlos Mascarenhas de Melo *(Director do Hospital Militar da Estrêla—Lisboa);* Dr. João Duarte de Oliveira *(Director do Hospital da Universidade de Coimbra)*; Dr. João J. D. Souto Rodrigues *(Director da Faculdade de Sciências U. C.)*; Dr. João M. de Almeida Lima *(Director da Faculdade de Sciências U. L.);* Dr. João Paes de Vasconcetos *(Director dos Hospitais Civis e Presidente da Associação dos Médicos de Lisboa)*; Dr. José Diogo Arroyo *(Prof. de Química F. S. P.)*; Dr. José de Magalhães *(Prof. da Escola de Medicina Colonial);* Dr. José Maria de Oliveira *(Prof. de Farmacologia F. F. P.)*; Dr. José Pereira Salgado *(Prof. de Química F. F. P)*; Dr. José Pires de Lima *(Prof. na F. M. P. e membro da Secção de Historia da Medicina S. S. M.)*; Dr. Julio Augusto Henriques *(Antigo prof. de Botânica U. C. e Presidente da Sociedade Broteriana)*; Dr. Lucio Martins da Rocha *(Prof.* de *Terapêutica e História de Medicina U. C.)*; Dr. Luiz Ignacio Woodhouse *(Director da Faculdade de Sciências do Pôrto);* Dr. Luiz Pereira da Costa *(Director da Faculdade de de Medicina U. C.)*; Dr. Luiz Viegas *(Prof. de Dermatologia F. M. P.)*; Dr. Luiz Wittnich Carrisso *(Prof. de Botânica U. C.);* Dr. Manuel Fernandes da Cruz *(Prof. de História Natural das Drogas F. F. L.);* Dr. Manuel Gião *(Membro da Secção de História da Medicina S. S. M.)*; Manuel Gomes de Almeida *(Presidente da Associação Académica de Coimbra)*;

Dr. Paulo Marcelino Dias de Freitas (*Director do Hospital Geral de Santo António no Pôrto*) ; Dr. Pedro A. Bettencourt Raposo (*Prof. de História da Medicina F. M. L.*); Dr. Pedro José da Cunha (*Presidente da Academia de Sciências, Reitor da Universidade de Lisboa*); Raul Lupi (*Prof. de Farmácia Química F. F. L.*); Dr. Ricardo Jorge (*Prof. de Higiene F. M. L., Historiador da Medicina*); Dr. Ruy Teles Palhinha (*Prof. de Botânica F. S. L.*); Dr. Sebastião da Costa Sacadura (*Presidente da Sociedade das Sciências Médicas de Lisboa*); Dr. Sebastião da Costa Santos (*Membro da Secção de História da Medicina S. S. M.*) ; Dr. Silvio Rebelo Alves (*Prof. de Farmacologia e Terapêutica F. M. L.*) ; Vicente de Almeida Eça (*Presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa*); Dr. Xavier da Costa (*Membro da Secção de História da Medicina S. S. M*).

Comissão Organizadora de Homenagem

Presidentes de honra — Dr. Pedro José da Cunha (*Presidente da Academia de Sciências de Lisboa*); Dr. Sebastião da Costa Sacadura (*Presidente da Sociedade das Sciências Médicas*).

Presidente — Dr. Virgilio Machado (*Antigo Prof. de Química e Presidente da Seccão de História da Sciência A. S. L.*).

Vogais—Dr. Alberto de Aguiar (*Presidente do Núcleo do Pôrto da S. Q. P. e Redactor da «Revista de Química Pura e Aplicada»*); Alberto Zagalo Fernandes (*Presidente da Federação Académica de Lisboa*) ; Adriano Julio Coelho (*Presidente da Associação Comercial de Lisboa*); Dr. Arlindo Monteiro (*Membro da Secção de História da Medicina S. S. M.*); Dr. Austregésilo (*Prof. na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro*) ; Dr. Luciano Pereira da Silva (*Prof. da Universidade de Coimbra, Membro da Secção de História da Sciência A. S. L.*) ; Manuel de Oliveira (*Presidente da Associação Comerciel do Pôrto*); Dr. Manuel Sardinha (*Médico e Prof. no Funchal*) ; Moses Amzalak (*Vice-Presidente da Associação Comercial de Lisboa*).

Tesoureiro — Dr. António F. de Azevedo (*Redactor da «Medicina Contemporânea*).

Secretário — Dr. Alberto Mac-Bride (*Membro da Secção de História da Medicina S. S. M.*).

NO TEMPO DO DR. BERNARDINO GOMES

LOGARES

No tempo do Dr. Bernardino Gomes, a Praça da Alegria, (1) em que êle tinha a sua residência, (2) quando faleceu (ano de 1823), apresentava a disposição indicada no fragmento da planta de Lisboa, (3) que representa esta cidade tal como ela era há precisamente um século.

Na linguagem corrente do povo, falava-se de uma Praça de cima e de uma Praça de baixo. Em nossos dias, subsiste a Praça de cima, hoje com a simples designação de Praça da Alegria.

Está ajardinada desde 1881 e sustentada por um paredão de cantaria construído quando, nessa data, foi rebaixada a faixa de terreno que ligava a Praça de cima com a de baixo, tendo as lojas dos prédios que limitavam lateralmente essa faixa passado, por tal motivo, a ficar à altura dum primeiro andar.

Há um século, a Praça de baixo ainda não estava completada na sua limitação por prédios que bem lhe definissem o perímetro rectangular, mas dentro dalguns anos ficava concluída essa limitação que se manteve, até serem demolidos, porque assim o exigiu a construção da Avenida da Liberdade, os prédios fronteiriços ao tôpo norte do Passeio Público.

Das duas antigas Praças da Alegria, a de baixo e a de cima, só tem algum interêsse histórico a primeira também chamada antigamente *Praça das Hervas* ou *Praça do Chafariz* (4).

---

(1) Ninguém conseguiu, até agora, apurar o motivo desta designação.

(2) Na identificação da residência do Dr. Bernardino Gomes fui valiosamente coadjuvado pelos meus eruditos amigos João Pinto de Carvalho e Manuel da Costa Carneiro.

(3) Veja-se a página seguinte.

(4) Designação proveniente de existir naquele logar um chafariz que, vinte anos após a época a que nos reportamos, foi transferido para a Rua da Mãe de Água e aí colocado junto ao sopé da Escada da Cotovia.



Praça d' Al
S. o
JOZE
Largo d' Anunciada
Largo do Passeio Publico
Largo de S. Pedro de Alcantára
Muralha
R. das Portas de S.to Antão
PRAÇA
DO
ROCIO

Ali existia o histórico *Palácio azul* (1); ali se fês desde 1809 a 1835 a célebre e muito popular *Feira da Ladra* (2), ali houve o mercado de ferro, transferido em 1835 para o Campo de Sant'Ana.

Por detrás dos prédios, no lado norte da Praça de baixo, existia, e na planta bem visível é, uma parte das históricas *Hortas da Cêra* que vinham já do século XVII com a designação de *Hortas de S. José*. Que mais, no tempo de Bernardino Gomes havia ainda e hoje já não existe ou está transformado no bairro, onde êle residia?

Limitando-nos às cousas, que mais interessantes poderiam ter sido para os moradores naquele bairro, teremos de citar, e a planta de Lisboa de há um século o deixou gràficamente registado: A antiga *Praça* de touros do *Salitre* (3) o *Teatro* do mesmo nome, finalmente o *Passeio Público*.

Bem visível está, na Planta, a localização da Praça de touros construída em 1780. Muito interessante é a sua história e a das variadas diversões tauromáquicas e outras ali realizadas durante os noventa e cinco anos da sua existência.

Em contigüidade, e a noroeste desta praça, havia o Teatro do Salitre, na linguagem popular, *Teatro do Varela* (4), ali inaugurado em 1782 e que depois de ter tido os nomes de *Teatro Nacional* e de *Real Teatro* veio a acabar por ser o *Teatro das Variedades* onde se deram

---

(1) Êste palácio assim designado por causa da côr com que estava pintado, ocupava também uma pequena área na Praça de cima. Nêle nasceu o ilustre historiador Anselmo Braamcamp Freire.

(2) A *Feira da Ladra* que, segundo alguns autores, deveria ser *Feira da Lada* (Veja-se o Dicionário biográfico e corográfico Portugal), tem, quanto aos seis logares diferentes por ela ocupados, algumas vezes repetidamente em ocasiões diversas uma história por vários títulos curiosa a partir da sua primitiva localização no Chão ua Feira, junto às muralhas do Castelo perto da Rua de S. Bartolomeu e Largo do Contador, continuando depois pela Ribeira, Rossio, Rua Ocidental do Passeio Público, Praça da Alegria, Campo de Sant'Ana e de Santa Clara.

A feira que se fazia na Praça da Alegria estendia-se pela Rua Ocidental do Passeio até ao Palácio do Marquês de Castelo Melhor actualmente Palácio Foz.

(3) Êste nome de Salitre cuja origem muita gente ignora, derivou duma nitreira ou salitreira que havia na Horta dos Brunos, uma das Hortas da Cêra ou de S. José anteriormente mencionadas.

(4) Apelido do boticário (João Gomes Varela) proprietário do Teatro e igualmente da Praça de touros do Salitre.

representações dramáticas que de si deixaram famosa memória. Ali tiveram o seu baptismo de arte alguns actores portugueses notáveis, actualmente, na sua maioria, já falecidos.

Há cêrca de quarenta anos que do edifício onde, no princípio do século XIX funcionava o teatro do Salitre deixaram de existir quaisquer vestígios por ter sido abrangido pelas demolições que tiveram de ser feitas para a abertura da Avenida da Liberdade através das antigas Hortas da Cera e regiões limítrofes.

* * *

O Passeio Público de há um século não era o mesmo de que algumas pessoas falam, pelo facto de o terem ainda freqüentado ou por haverem, de quem o freqüentou, ouvido descrições baseadas no conhecimento pessoal e directo que a seu respeito possuíam.

O Passeio Público de então era o primeiro que ali houve, devendo chamar-se o segundo, ao que resultou de grandes melhoramentos daquele e durou até à construção da Avenida da Liberdade.

O primeiro Passeio era, como está indicado na Planta, uma alameda rectangular com o seu maior eixo no sentido sueste-noroeste, ao longo da qual havia numerosos renques de árvores, tanques, etc.

Essa alameda estava fechada de um outro dos seus lados mais compridos por espessos muros ou paredões pelos quais estavam distribuídas quinze janelas gradeadas tendo cada uma dois assentos de pedra.

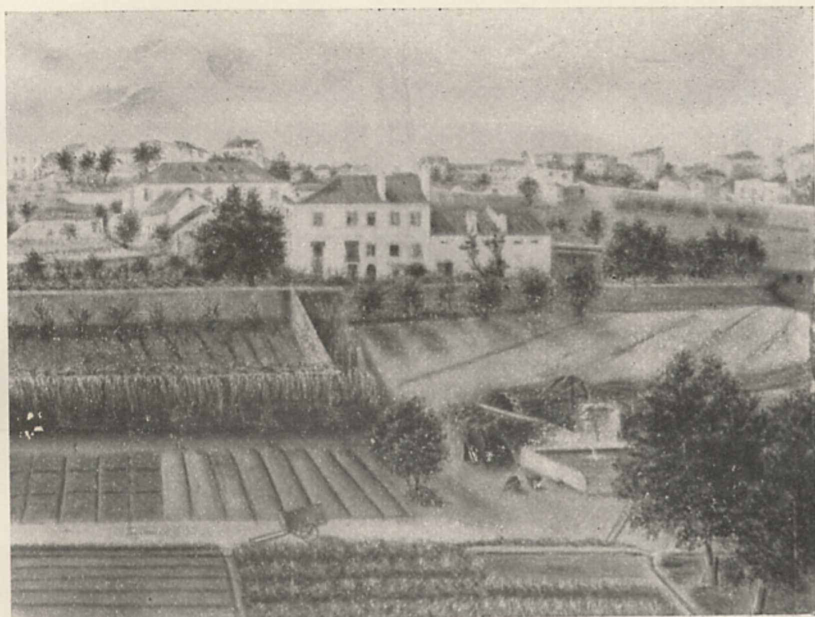
Ficava uma dessas janelas em frente da Calçada da Glória.

No tôpo norte do Passeio em frente à Praça da Alegria de baixo, havia também um muro com grades. No tôpo sul, quási pela altura da Rua dos Condes, um reles tapume de madeira com uma porta.

Com as histórias da Praça da Alegria e do Passeio relacionam-se mais directamente as interessantes notícias históricas relativas ao Palácio do Marquês de Castelo Melhor.

Grandes foram as modificações feitas neste primeiro Passeio Público e que só ficaram concluídas catorze anos após a época a que se refere esta rápida notícia.

Não foi longa a vida do segundo Passeio que destas modificações derivou, não ultrapassou meio século de que os últimos anos ficaram



Reprodução duma excelente cópia do natural a pastel pela Ex.ma Sr.a D. Julia de Sousa de Almeida no ano de 1859.

Um trecho das hortas e prédios que, antes da abertura da Avenida da Liberdade, existiam ao norte da Praça da Alegria, debaixo, desde a altura do actual Teátro da Avenida até ao cimo do Vale de Pereiro.

sendo de bem saudosa memória para os poucos alfacinhas que freqüentando-o então, ainda hoje existem, agora já vergados sob o pêso duma boa continha de janeiros.

Bons e singelos tempos aqueles em que o logar mais concorrido para ponto de reünião da sociedade de Lisboa em domingos, dias de festa e algumas noites de verão, com belos concertos musicais, fogos de artifício, etc., era o Passeio Público.

Assistimos ao triste fim da sua gloriosa existência, não sem alguns protestos, com esbôço de revolta, dos lisboetas, quando se tratou de construir a Avenida, da qual êle agora, só representado pela sua antiga área e depois de perder o gradeamento que o assemelhava a uma jaula de perigosas feras, ficou constituindo o primeiro trôço, isto é, o que vai da Praça dos Restauradores até ao logar que outrora foi, como dissémos, a Praça da Alegria, de baixo.

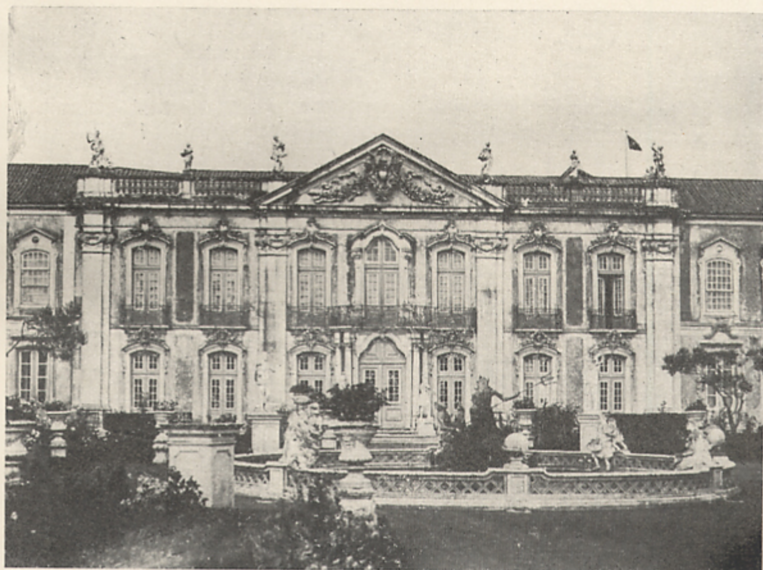
Uma larga rua correspondendo aproximadamente ao segmento terminal norte da actual Rua 1.º de Dezembro punha em comunicação o largo do Passeio Público e o Rossio.

Esta praça, de que a planta junta só abrange a metade norte, tinha já a forma rectangular em vez de ter a dum quadrilátero irregular como sucedia antes do terremoto de 1755.

Era limitada ao norte pelo tôpo sul do quarteirão compreendido entre ela e a histórica Rua do Jardim do Regedor.

Era nesse tôpo sul, defrontando, pela face virada ao poente, com o Palácio do Duque de Cadaval, e, pela outra virada ao nascente, com a Igreja de São Domingos, que estava a fachada principal do *Palácio da Inquisição,* também denominado, no tempo do Dr. Bernardino Gomes, *Palácio da Regência* primeiramente e *Palácio do Govêrno* mais tarde.

Não havia ainda, naquele tempo, o largo de Camões, actualmente de D. João da Câmara, para a formação do qual tal como se encontra agora concorreram sucessivamente, em épocas distantes, o desentulho dos escombros do Palácio da Inquisição destruído por incêndio em 1836, a construção do Teatro de D. Maria II (agora Teatro Nacional Almeida Garrett) e a demolição do Palácio do Duque de Cadaval que se tornou necessária para, no logar ocupado por êsse edifício, ser construída a Estação dos Caminhos de Ferro do Rossio.



Fachada do Palácio de Queluz, que deita para o jardim principal.
Tanque do açafate

Em resposta á Carta que Vm.ce me dirigio em data de 2 do corrente mês, se
me offerece dizer-lhe, que S. A. R. a quem tem sido prezentes a actividade, e a intel-
ligencia com que Vm.ce tem procurado, e felizmente conseguido diminuir consideravelmen-
te as molestias com que era accomettida a Esquadra do Estreito, fica muito satisfeito do
Serviço que por este motivo lhe tem feito, e espera que Vm.ce continuará a dar provas
da sua idoneidade, e a merecer a Real Approvação do mesmo Senhor.

D.s G.e a Vm.ce. Palacio de Queluz em 21 de Agosto de
1802.

Visconde de Anadia

Louvor oficial ao Dr. Bernardino António Gomes pelos seus serviços, durante a epidemia de febres infecciosas, na Esquadra portuguesa que fazia o cruzeiro, no Mediterrâneo, em 1802

(Escala 1/2)

ALGUMAS HORAS EM QUELUZ

Encontram-se, em umas ou outras notas autobiográficas de Bernardino Gomes, referências várias ao logar de Queluz.

Deveu-se o facto à circunstância de ter sido o Palácio, ali existente, a sede da Côrte portuguesa (1), entre outras vezes, em duas ocasiões sucessivas, a primeira, desde 1794 até 1807, data em que a família real emigrou para o Brasil, a segunda a partir do seu regresso a Lisboa, nos primeiros dias de Julho de 1821.

Alguns diplomas oficiais referidos ao Dr. Gomes foram assinados, pelo Príncipe Regente, mais tarde Rei, ou pelos seus ministros, no Palácio de Queluz.

Pertenceu a êsse número um ofício aqui reproduzido, com a data de 21 de Agosto de 1802, subscrito pelo ministro da Marinha, Visconde da Anadia, louvando o Dr. Bernardino Gomes, pelos serviços por êle prestados, por ocasião do tifo que atacara a esquadra portuguesa, que fazia o cruzeiro de Gibraltar.

Neste interessante documento, torna-se digno de aprêço a esmerada caligrafia (arte de escrever com boa letra) empregada geralmente nas repartições do Estado, na feitura dos diplomas submetidos à assinatura do Príncipe Regente ou de ministros que, com raríssimas excepções, seriam reprovadas num exame caligráfico dum curso rudimentar de instrução primária.

Depois do regresso de D. João VI, Bernardino Gomes, na sua qualidade de médico da casa real, embora honorário e não em serviço

---

(1) O Dr. Bernardino Gomes era médico da real Câmara.

efectivo, por várias vezes, nos dois últimos anos que lhe restaram de vida, foi visitar o Rei a Queluz e a uma das vezes, em que ali foi, se refere na carta escrita ao filho Bernardino, em 25 de Outubro de 1822.

O Dr. Bernardino Gomes tinha pelo Rei, que o tratava com familiaridade, especial simpatia que se avigorou por ocasião de ter com êle mais íntimo trato, quando foi ao Brasil, na comitiva da princesa Leopoldina que acompanhara na sua viagem desde Livorno até ao Rio de Janeiro.

Rei e médico passeando juntos, por algumas das lindas salas do Palácio de Queluz, com que Bernardino não tinha tido ocasião de se familiarizar suficientemente, por motivo da longa ausência da família real, no Brasil, ter-se-íam referido a festas palacianas de que eram ainda recentes as tradições, num tempo em que já se vivia quási de recordações da tal natureza, pois que as festas mais pomposas estavam reduzidas ùltimamente aos festejos por ocasião do aniversário da Rainha D. Carlota Joaquina, em que havia recepção, beija-mão na Sala do Trôno, iluminação do Palácio e fogo de artifício.

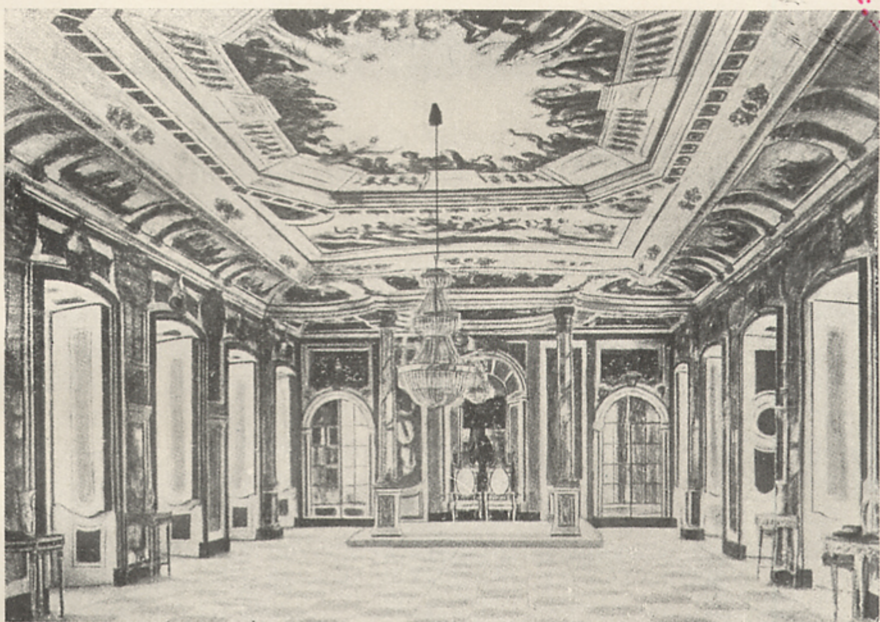
Já nada nestes tempos se parecia com as festas deslumbrantes, bailes sumptuosos, magníficos concertos em que tomavam parte o Rei D. José, o infante D. Pedro, as princesas, etc., sob a direcção artística do afamado maestro David Peres.

Ficou célebre uma dessas festas musicais, a que na época davam o nome de *serenins,* tendo sido por mão de bom artista, cujo nome parece não se ter podido rigorosamente averiguar, reproduzido pela pintura, no teto da Sala das talhas (1) ou dos Embaixadores, em um quadro de cujo centro está pendente o lustre.

Memória de si tinham também deixado, sendo a miúde recordadas, por aqueles que, mais de perto, conheciam as festas palacianas, a execução, que parece ter sido excelente, da ópera de Glück, *Il Parnaso confuso* e a representação do drama *Galatea,* no teatro que, dentro do próprio palácio de Queluz, fôra inaugurado, em meados de Dezembro de 1792.

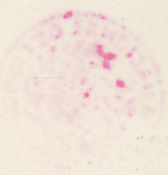
Algumas vezes, o cavaco, à falta doutros assuntos, teria recaído sôbre os dois séculos incompletos de história do Palácio que, das simples

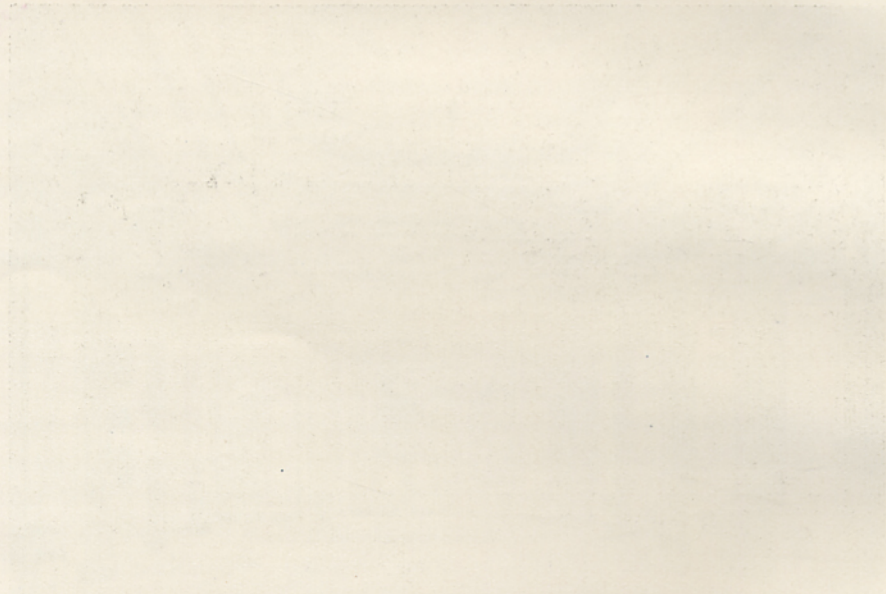
(1) Belíssimas talhas da China e do Japão, a pouco e pouco deslocadas, pelos diversos reis, para outros palácios em que mais habitualmente residiam.

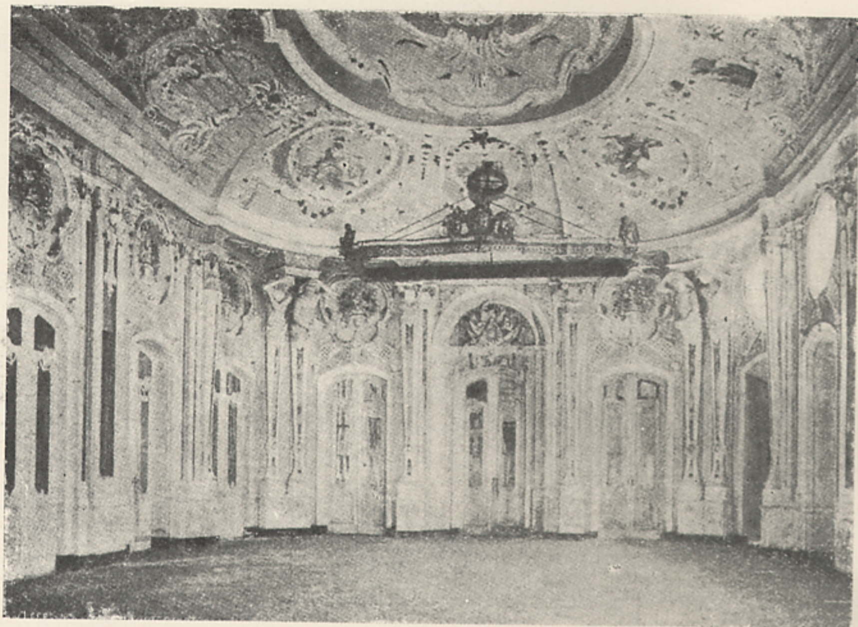


Reproduzida do *Branco e Negro*

Sala dos Embaixadores (ou das talhas) também chamada Sala dos Concertos, no Palácio de Queluz







Reproduzida do *Branco e Negro*

Sala do Trono no Palácio de Queluz

Barracas do Marquês, chegara a ser a ampla moradia régia, tendo sido, desde a confiscação das mesmas barracas ao seu possuïdor, Marquês de Castel Rodrigo, traidor à patria e que fugira para Espanha, quando foi da Restauração de 1640, usofruída pelo infante D. Pedro (mais tarde Pedro II) depois pelo infante D. Francisco que das suas poezas agaiatadas deixou detestável lembrança, por muito tempo, conservada pelos habitantes de Queluz que, por mal dos seus pecados, as haviam suportado.

Quem com o mesmo palácio mais se importou foi um outro infante Pedro, êste, porém, filho de D. João V e que, por ter chegado a casar com a sobrinha, D. Maria I, veio a ter, na história de Portugal, o título de Pedro III.

Isto fez com que tal rei ficasse considerado, com uma certa justiça, e relativa verdade histórica, o principal fundador do Palácio de Queluz, pelo menos da sua parte mais essencial ou importante.

Ulteriormente outros acrescentamentos ali foram realizados: ficou-se devendo o último, concluído em 1794, à Rainha D. Maria I.



Bernardino Gomes, nas suas visitas ao Palácio de Queluz, nunca deixaria de apreciar, encontrando nêlas, sempre alguma cousa nova, inapercebida em vezes anteriores, certas belezas de ornamentação realizada com magníficas obras de talha ou com excelentes pinturas das quais algumas, conservando, ainda agora, notável frescura, estão dispersas pelas Salas do Trôno e dos Embaixadores, onde a outras sobrelevam pelo interêsse dos assuntos, os três grandes quadros pintados no tecto desta última, em que se encontram respectivamente representados: Um régio serenim, em que tomou parte a família real e ao qual já fizemos uma ligeira referência; uma assemblea magna de Deuses e Semideuses presididos pelo Jove tonante no Olimpo; Uma reünião, em artístico grupo, do Apolo com as musas submetidas ao seu mando supremo embora sempre afectuosa e ternamente exercido.

Não teria prendido menos a atenção do espírito culto de Bernardino Gomes, acordando, no seu espírito, recordações literárias, a representação, pela pintura, em quadros, uns no teto, outros nas paredes, das scenas mais interessantes da vida de D. Quixote que adornam a camara onde nasceu e morreu D. Pedro, o quarto rei, com êsse nome, em Portugal, e no Brasil seu primeiro imperador.

Por mais duma vez, em momentos de familiar conversação, passeando juntos pelo jardim ou pelo parque anexos ao palácio, o Rei (cujo bom senso e asisada crítica até alguns dos seus mais ferrenhos adversá-

rios não contestavam) e, com êle, afinando por modo igual, em uníssono nas suas apreciações, o médico e amigo ter-se-iam referido, ora com bom humor e *verve,* ora com lástima, à salgalhada de preciosidades arquitectónicas (1) representada no seu conjunto, pelos paços de Queluz.

Em obediência à regra geral, quando se trata de edifícios públicos cá da terra, êles lá estão incompletos, não tendo chegado nunca a ser reünidos os três corpos distintos: O edifício em que está a *Tôrre dos Sinos;* um outro, hoje, utilizado em quartel de duas batarias de artelharia e finalmente (sacrificando, nêste caso, a importancia do objecto à ordem em que é descrito) fronteiriço ao edifício do quartel e, em parte muito restrita, reproduzindo-o arquitecturalmente, o corpo fundamental do Palácio. É êste corpo, de passagem seja dito, constituído por peças diversas (que alguns teem chamado pavilhões) associadas como que fundidas, umas com as outras, por vezes evidentemente alteradas, pelo menos, em parte, quanto ao plano a que teria obedecido primitivamente a sua construção.

A-pesar-de muitas irregularidades e de verdadeiros crimes de lesa--arte, ali se tem pretendido encontrar interessantes subsídios para as histórias da arquitectura e da escultura quer gerais, quer nacionais, a partir da segunda metade do século XVIII.

Não faltam êsses subsídios nas diversas fachadas do Palácio viradas para os jardins anexos; são mais abundantes ainda na parte mais ocidental do edifício, quer no seu topo sul, quer na sua face virada para o poente e portanto deitando para o parque também anexo ao Palácio.

É dêsse lado que se encontra a elegante escadaria que conduz ao terraço todo em cantaria, limitado por colunas na sua parte interior ou mais recolhida e por balaustrada, vasos e estatuetas pelo seu lado externo; terraço que uma bela escada interior, de mármore (por onde se entra pela primeira porta à esquerda, na extremidade superior da escadaria) põe em comunicação com o extremo ocidental da Sala das talhas, no andar nobre, onde se encontra a varanda superior.

Mais restritamente nos domínios da escultura, encontravam-se ali, há um século, como se encontram hoje, dignos da curiosidade e atenção dos visitantes, as estátuas das famas, na passagem do jardim para o parque, desenhadas pelo arquitecto Robillon, o baixo relêvo erradamente considerado representativo da cabra Amaltea, sôbre o pórtico correspon-

---

(1) Assim consideradas por eminentes autoridades na Arte.

dente à Sala do D. Quixote; dispersos pelo jardim principal os *Tanques do Açafate do baleote* e *dos macacos;* muitas estátuas, urnas e vasos etc. Não já pelos jardins, mas disseminados pelo parque e então sem ter ainda sofrido a acção do tempo tão longa como a que desde então se tem produzido até aos nossos dias, a imponente cascata, os jogos de água, as bacias de mármore sob a forma de conchas, lindos azulejos guarnecendo os muros que, dentro do parque, limitam, dum e doutro lado, o leito do rio Jamor que, como se sabe, vai desembocar, no Tejo, pela altura da Cruz Quebrada e nos quais estavam desenhadas, por vezes, com arte, várias scenas mais ou menos interessantes da História Universal.

Infelizmente às conseqüências de deterioração expontânea vieram associar-se, feitos por mãos inábeis, certos aditamentos, substituïções, reparações, etc., que, para o respeito devido à Arte, foram mais nocivos do que tudo quanto à acção destruïdora de agentes vários, que actuaram durante anos, possa, com fundamento, ser atribuído.

Críticos imparciais, como êles eram, elogiando o que era bom e condenando fàcilmente, com a mesma sinceridade, tudo quanto lhes parecia mau, teriam os dois interlocutores condenado a mistura, a cada passo, observada, de esculturas de pessoas e objectos de mármore com figuras de chumbo, algumas vezes associadas, na mesma peça, por exemplo, nos tanques que anteriormente citamos com as respectivas denominações. E pena lhes teria causado que de chumbo fossem feitas algumas estátuas muito regularmente executadas, dignas de apreço quer pelas personagens quer pelos factos que representavam.

Pertenciam a êsse numero: o grupo actualmente colocado junto à *Fonte do Dragão,* em que figuram o Eneas, o Anquises, a Creusa e o Ascanio, quando o primeiro foge de Tróia, levandó o pai às costas e conduzindo o filho pela mão; o roubo das Sabinas; Sansão e os Filisteos; Vénus e Adónis; as Estações do ano, etc.

Não teria também escapado aos remoques dos mesmos comentadores a promiscuïdade, que freqüentemente ali se nota (na representação materializada, por figuras) da assuntos da Mitologia, da Fábula ou da História profana com assuntos da História Sagrada.

E assim, em amenas cavaqueiras, passando alguns minutos de familiar convívio, em simples e anodinas bagatelas, teriam consumido o seu latim, não sendo provável que o rei tivesse desabafado, com o seu médico, as máguas que, naquele logar, onde estava então vivendo, o traziam torturado, sem, por vezes saber, donde com mais fundados

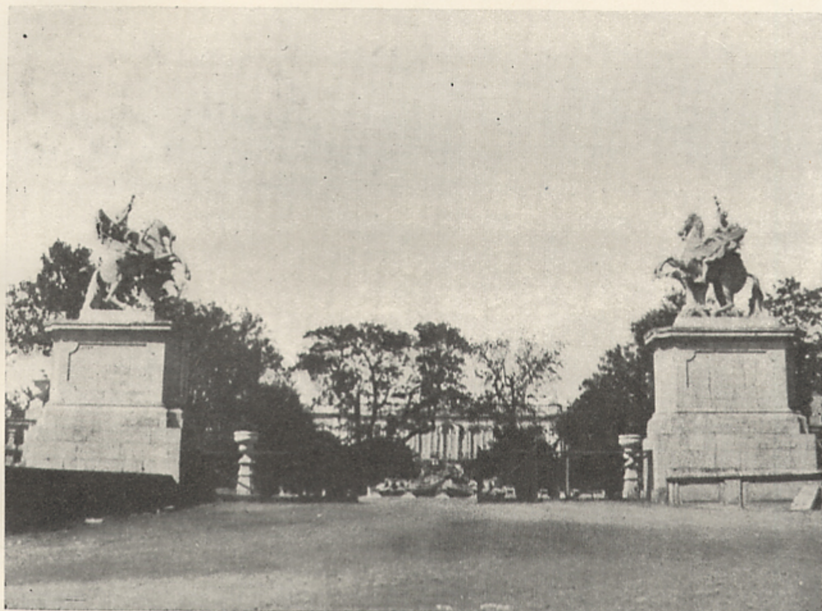
motivos, elas derivavam se de intimos desgostos pròpriamente de família, se doutros, por esta igualmente produzidos, mas, por sua natureza, quási exclusivamente políticos, que muito mais numerosos e graves vieram a ser nos anos subseqüentes.

E quantas interessantes revelações não simplesmente referidas à época a que nos reportámos, mas também antes e depois dela, todos os logares a que aludimos, se falassem, não fariam, dando-nos páginas interessantes de muitos romances ali vividos, de muitas horas dramáticas ali passadas!

Por isso é que, presumindo-lhes a possibilicade, alguns romancistas teem empregado a fantasia, em certas composições, urdindo, com engenho e elegante prosa, algumas scenas que se deveriam ter passado nos históricos Paços e Jardins de Queluz e cuja narração habilmente delineada lhes comunica um interêsse quási igual ao que seria determinado pela sua realidade, se elas tivessem sucedido tais como são descritas.

Pouco correctamente, no ponto de vista do rigor histórico, teem andado alguns escritores que, arquitectando imaginários romances passados na régia moradia de Queluz, não declaram quanto nêles foi grande o papel da fantasia e pretendem fazer acreditar, como verídica expressão da realidade, certas hipóteses mais ou menos contestáveis, sem qualquer apoio em tradições escritas ou faladas dignas de crédito ou de confiança.

Eu, que bem perto daqueles logares nasci e, a miúde, por largo tempo, os tenho freqüentado, nunca tive ocasião de conhecer essas tradições como sucede a respeito doutras cuja existência, parece indiscutível, não tendo sido a-pesar-disso sido tomada em consideração pelos historiadores, nem por êles utilizada, nos seus trabalhos.



Passagem entre o jardim principal e o parque anexos ao Palácio de Queluz.
Estátuas das Famas pelo arquitecto Robillon.



PALÁCIO DE QUELUZ

Escadaria que, pelo lado do Parque, dá acesso ao *Terrasso das Colunas* o qual, por uma escada interior, cuja entrada se vê no extremo esquerdo da gravura, comunica com a Sala dos Embaixadores e pavilhão D. Pedro IV

UMA ÉPOCA MEMORÁVEL

Não foi mesquinha em acontecimentos políticos, a época em que viveu o notável médico, principalmente nos últimos dezaseis anos por ela abrangidos.

Bastará, para o confirmar, a simples indicação dos factos mais notáveis então sucedidos, enumerados em um quadro, sob a forma de efemérides:

1801 — Março — Guerra, que poucos meses durou, com a França e a Espanha.

— Invasão do Alentejo;

1807 — 29 de Novembro — Fuga da Família real para o Brasil;

» — Dia seguinte — Entra, com o seu exército, em Lisboa, o general Junot, mais tarde Duque de Abrantes;

1808 — 7 de Março — Chegada da Família real ao Brasil, depois duma viagem de três meses aproximadamente;

» — 8 de Junho — É arvorada a bandeira francesa, nos edifícios públicos e nos navios fundeados no Tejo; À noite: Récita de gala no Teatro de S. Carlos;

» — Agosto — O Duque de Wellington obriga o Junot a capitular;

» — 15 de Setembro — Retirada dos franceses;

1809 — Março — Segunda invasão dos franceses, esta sob o comando do Marechal Soult;

---

(1) Alguns historiadores indicam o dia 30.

1810 — Terceira invasão, agora sob o comando do Marechal Massena;
1811 — 5 de Março — Retirada do Massena;
1816 — 20 de Março — Morte de D. Maria I; D. João começa o seu reinado, no Brasil, com o título de Rei do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves; Conspiração e execução do general Gomes Freire;
1817 — 6 de Novembro — Casamento do Infante D. Pedro, filho de D. João VI, com a arquiduquesa de Austria, Princesa D. Maria Carolina Leopoldina, filha do Imperador Francisco I;
1820 — 24 de Agosto — Revolução no Porto;
1821 — Extinção do Tribunal de Inquisição;
» — 3 de Julho — Entrada de D. João VI e da Família real (menos o D. Pedro e sua mulher) (1) em Lisboa depois dum exílio de catorze anos;
1822 — Maio e Agosto — O Brasil declara a sua Independência;
» — 1 de Outubro Juramento da Constituïção do reino.

O período mais amargurado, dentro dêstes dezaseis anos, foi o que diz respeito às invasões francesas e a êle se refere, como vimos, o Dr. Bernardino Gomes num trecho dos seus apontamentos autobiográficos, na página 9 aqui reproduzido.

(1) Ficaram no Brasil.





Reproduzido do livro: *Nota ácerca das Invasões francesas em Portugal*, por Brito Aranha.

GENERAL GOMES FREIRE

Mártir da Pátria

HOMENS QUE, NOS ÚLTIMOS ANOS DA VIDA DO DR. BERNARDINO GOMES, ESTAVAM PRESTANDO SERVIÇOS ÀS NOSSAS INSTITÜIÇÕES SCIENTÍFICAS E HUMANITÁRIAS

Na Academia das Sciências destacavam-se, pela importância da sua colaboração, em valiosos trabalhos: o abade José Correa da Serra que fôra o braço direito do fundador daquela prestigiosa Instituïção, o Duque de Lafões; o célebre botânico Dr. Felix Avelar Brotero que disfrutava de famosa reputação nos centros scientíficos mais notáveis da Europa; José Bonifácio de Andrade e Silva, conceituado mineralogista, director do Laboratório Químico da Casa da Moeda.

Nas aulas régias de cirurgia estabelecidas no Hospital Real de S. José desempenhavam condignamente as suas funções de professores em Anatomia, Manuel José Teixeira; em Higiene e Patologia geral, Francisco Luís de Assis e Leite; em Patologia e Terapêutica cirurgica, Jacinto José Vieira; em Operações, António de Almeida, que durante a sua ausência, no Rio de Janeiro, quando ali estava residindo a família real, era substituído pelo cirurgião António Joaquim Farto, professor de Obstetrícia.

Tinha créditos de bom profissional, o mestre de sangria no Hospital de S. José, Isidoro do Nascimento.

Nos serviços da Assistência mereciam especial consideração dos seus contemporâneos, pelo zêlo com que desempenhavam as funções dos seus cargos o ilustre académico Inácio António da Fonseca Benevides, médico da visita de Nossa Senhora, na Santa Casa da Misericórdia

de Lisboa e o visitador da visita de Nossa Senhora que tinha nome igual ao dum distinto médico português contemporâneo, do qual deve ter sido parente, Tomás de Melo Breyner, que era encarregado do Hospital Real de S. José, tesoureiro e executor da sua Fazenda.

Do Estado, no tempo do Dr. Bernardino Gomes, receberam algumas instituïções scientíficas e outras humanitárias importante e disvelada atenção traduzida por benefícios que, na História, figuram como outros tantos honrosos títulos para a memória do governante que então presidia aos destínos da Nação.

Citam-se êsses serviços com louvores que, dalgum modo, atenuam o mau efeito produzido pelas acusações feitas ao monarca, nas quais lhe eram atribuídas responsabilidades de muitas cousas más só porque no seu tempo se tinham passado, pois se destas não se lhe puder, em virtude duma tal circunstancia, negar a culpa, das outras, por serem boas, ninguém poderá, se fôr coerente no seu julgamento, recusar-lhe, a paternidade.

É possível que, algumas vezes, na parcialidade da defesa, os amigos não ficassem atrás do que os adversários tivessem sido na parcialidade dos ataques de que foi vítima uma criatura cuja clemêncía e outros sentimentos nobres poucos puzeram em duvida.

Os seus elogiadores atribuem-lhe, além dos serviços cuja enumeração, pela sua índole, aqui vem mais a propósito, a protecção às artes, ao comércio, à agricultura e à marinha que, no fim do século XVIII e princípio do século XIX, ocupava um lugar distinto ao lado da marinha das outras nações, caminhando para recuperar a grandeza que ostentava no tempo do seu glorioso prestígio.

O Dr. Bernardino Gomes se tinha em grande aprêço os serviços prestados por D. João VI à Instrução popular e a protecção por êle dispensada à Academia das Sciências, não menos estimava o seu desvêlo por tudo que dizia respeito à Beneficência pública.

Da análise dos legítimos motivos que determinavam tais sentimentos de aprêço e de estima quiz mais tarde encarregar-se, e com sucesso o conseguiu, o talentoso académico Mateus da Assunção Brandão no elogio necrológico que fez do rei D. João VI em sessão solêne e pública da Academia Real das Sciências de Lisboa no dia 10 de Setembro de 1826.

Com relação à Instrução pública, diz o mesmo ilustre panegirista, referindo-se ao monarca:

«Para que esta fôsse mais uniformemente proveitosa criou, em 1794, uma Junta que encarregou de dirigir os Estudos e Escolas menores do reino;

Fundou, em Lisboa, a Real Bibliotheca Publica;

Enriqueceu a bibliotheca de Marinha com o deposito de escritos marítimos;

Criou a Academia de Marinha, Commercio e Agricultura do Porto;

As cadeiras de Diplomacia e de Paleographia em Lisboa;

A de Metallurgia na Universidade de Coimbra;

Legislou sôbre a escolha de Oppositores e Professores que deviam occupar as cadeiras do Magisterio da Universidade;

Animou o estudo das Mathematicas destinando, para os alumnos desta Faculdade os cargos de Cosmographos das Comarcas e os varios tribunaes superiores».

Reportando-se à protecção dispensada por D. João VI à Academia Real das Sciências, diz o Dr. Mateus Brandão:

«Honrou e favoreceu, com especialidade a Academia, não só confirmando as distinções e mercês que Sua Augusta Mãe e fundadora da mesma Academia lhe tinha concedido, mas ampliando-as consideravelmente, como fez, logo desde a primeira epocha do seu governo, liberalizando-se, entre outras, a faculdade de exportar francamente para qualquer parte do Ultramar os livros por ella publicados e de os mandar imprimir sem dependencia das autoridades encarregadas da censura typographica e até com a dotação annual de 4.000$000 réis destinada para as despezas da mesma Academia, declarando, no seu regio decreto de 1799, que muito prezava tomá-la debaixo da sua real protecção».

Na Exposição histórica de medicina portuguesa realizada na Sociedade das Sciências Médicas e com esta relacionada, por ocasião de ser festejado o primeiro centenário desta ilustre corporação, figurava um excelente retrato de D. João VI; justificando a presença dum tal documento iconográfico naquele logar, disse o distinto sócio e um dos organizadores da Exposição, o Dr. Alberto Mac Bride quando a descre-

via na sessão comemorativa e depois de lamentar as penosas injustiças sofridas por aquele monarca, vítima dum êrro de apreciação histórica:

«Triste sorte a sua, tão infeliz nas desgraças de família como no julgamento da posteridade.

«Vai em breve passar o Centenário da sua morte.

«Justo é que parta da Medicina nacional, que a êle tanto deve, o movimento de reabilitação e de revisão da obra do seu reinado.

«O Brasil já lhe fez justiça. Que o seu exemplo seja seguido em Portugal e que se preste condigna homenagem ao monarca caridoso e bom, fundador das quatro grandes escolas de medicina em terras de língua portuguesa: Lisboa e Porto, Rio de Janeiro e Baía».

Relativamente aos importantes serviços prestados por D. João VI à Beneficência pública, pronunciou o Dr. Mateus Brandão estes trechos:

«Deve-se-lhe o Decreto de 15 de março de 1800, favorecendo a sorte dos enfermos, dos orphãos e dos expostos, resguardando e sustentando os Hospitais publicos e as Misericordias do Reino, estabelecimento tão singular como proficuo para os Portuguezes e honroso para a Augusta e Pia fundadora das Misericordias a Rainha D. Leonor.

«A bem destas e dos Hospitais revalida a acquisição de todos os bens de que gosavam e inhibe o progresso das denuncias contra elles instituidas assim como contra as possessões das confrarias do Santissimo Sacramento».



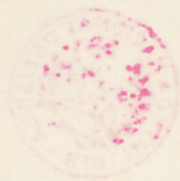
JOANNE BRASILIAE PRINCIPE
PORTUGALIAM REGENTE
MAGNANIMO ACADEMIAE SCIENTIARUM OLISIPONENSIS
MECOENATE

Olisiponensis Scientiarum Academiae Decreto, communique contentione ac plausu sancitum est: Clarissimum Virum BERNARDINUM ANTONIUM GOMES in Sociorum coetum et ordinem cooptari, nomen ipsius in tabulas referri, ex ejus ingenii doctrinaeque praestantia Academiae dignitatem et decus amplificata censeri, cum privilegiis et honoribus quibus coeteri gaudent uti et frui posse, ejusque rei publicum libello hoc dari testimonium. Olisipone ex AEdibus Academicis die VI. Junii ann. DOMINI M.DCCC.XII.

Joannes Guilhelmus Christianus Müller
Academiae h. t. a Secretis

Diploma de Sócio efectivo, passado pela Academia Real das Sciências
a Bernardino António Gomes, em 6 de Junho de 1812

(Escala $^{3}/_{8}$)



NA ACADEMIA REAL DAS SCIÊNCIAS

Quando o Dr. Bernardino Gomes foi eleito sócio efectivo desta corporação em 1812, isto é, treze anos depois de ter sido instalada por aviso régio de 24 de Dezembro de 1799, já eram bastante valiosos os trabalhos por ela publicados.

Bastará lembrar que até então tinham visto a luz da publicidade:

4 tomos de memórias económicas;

7 de literatura portuguesa;

2 de histórias e memórias.

Aí tinham figurado entre outros, com importantes escritos os ilustres académicos:

José Correa da Serra;

José Bonifácio de Andrade e Silva;

José Monteiro da Rocha;

Francisco de Borja Garção Stockler;

Padre João de Loureiro.

Durante os onze anos em que foi sócio, bastantes e notáveis foram os serviços prestados por Bernardino Gomes à Academia não só com a organização e manutenção da Instituïção Vacinica mas ainda com a sua valiosa colaboração nos fastos académicos.

A composição da Academia Real das Sciências, no tempo do Dr. Bernardino Gomes, era diferente da actual.

Citaremos, por exemplo, a que correspondeu ao ano de 1820 e que vem indicada no *Mappa litterario e civil do reino de Portugal,* que era o *Almanack da Academia*:

Protector: o rei D. João VI;

Presidente: o infante D. Miguel;
Vice-presidente: Marquez de Borba.
Havia sócios e correspondentes. Os primeiros subdividiam-se em
Honorários;
Estrangeiros;
Veteranos;
Efectivos;
Livres.
O número dos sócios honorários era de 18.

Pertenciam a êste grupo o Rei da Gran-Bretanha; Príncipes estrangeiros; Fidalgos e o Patriarca.

Eram nove os sócios estrangeiros escolhidos entre os scientistas mais notáveis de além fronteiras.

Contavam-se neste número:
António Lourenço Jussieu (Botânico);
José Banks (Naturalista);
Renato de Haüy (Mineralogista). Etc.
Havia cinco sócios veteranos.

Os sócios efectivos, que no ano de 1820 eram vinte e dois, estavam distribuídos desta maneira:

Pela classe de sciências naturaís, oito, entre esses:
Bernardino A. Gomes;
José Bonifácio Andrade e Silva;
José Correa da Serra, etc.

Pela classe de sciências exactas, sete, entre êles, o académico Garção Stockler;

Pela classe de literatura sete, figurando nêsse número Frei Francisco de S. Luís.

Eram vinte e dois os sócios livres. Um dêles era o célebre botânico Félix de Avelar Brotero eleito sócio efectivo três anos mais tarde.

Entre os elementos de estudo, que além da Bibliotéca podiam ser utilizados, naquela data, pelos estudiosos, contavam-se principalmente os seguintes:

Colecção mineral do Desembargador J. Bonifácio de Andrade e Silva;

Colecção de medalhas do Museu Mainense no Convento de N. S.ª de Jesus;

Observátorio Astronómico da Academia Real das Sciências;

ACADEMIAE SCIENTIARUM
OLISIPONENSIS SOCII
BERNARDINO ANTONIO GOMES
VIRO CLARISSIMO
S. P. D.

Quum sine multorum doctorum hominum collata opera artes scientiaeque perfici nequeant; propterea nos, qui litterarum causa Olisipone convenimus, Viros eruditos quos idem, disciplinarum amor inflammat, quamvis ipsi aut domicilium heic habere, aut interesse coetibus nostris non possint, tamen ad tantam rem adsciscere decrevimus. Tua vero eruditio nobis et multorum praedicatione, et nostrorum in primis Sociorum testimonio cognita et perspecta, nos impulit, ut te in partem laboris nostri vocaremus; illud profecto sperantes, non mediocres utilitates accessionesque, ex tua industria et doctrina, litteris caeterisque bonis artibus proventuras. Quod nostrum de te judicium tibi gratum acceptumque fore confidimus; teque, ut muneri quod tibi imponimus, et desiderio nostro facias satis, quae vel ipse meditando compereris, vel ab aliis cognoveris, semel saltem annis singulis diligentissime ad nos perscripturum. Dabantur in aedibus Academicis, et sigillo munivimus. Die XXVIII. Februarii anno Domini M. DCCC. X.

Joannes Guilhelmus Christianus Müller
Academiae h. t. a Secretis.

Diploma de Sócio correspondente passado pela Academia Real das Sciências a Bernardino António Gomes em 28 de Fevereiro de 1810

(Escala $^1/_4$)

Gabinete de Física, tambem da mesma Academia.

Dos valiosos trabalhos sucessivamente publicados era feita a enumeração acompanhada da respectiva crítica literária ou scientífica, em relatórios anuais, por ilustres académicos. Dêsse papel, com brilho e erudição se destacaram, naqueles tempos, os sócios José Bonifácio Andrade e Silva ; Correa da Serra ; Sebastião Trigoso ; Francisco de Melo Franco; Francisco de Vilela Barbosa.

NOTAS ELUCIDATIVAS

NOTA 1.ª

A Ipecacuanha foi descoberta, no Brasil, em meados do século XVII.

Dali a trouxeram para a Europa os naturalistas Margraff e Guilherme Pisão, mas é certo que, já em 1560, o padre Josè de Anchietta mencionara as propriedades eméticas ou vomitivas da Ipeca numa Carta datada de 1585 e incluída nas suas *Instrucções e fragmentos históricos.*

No *Tratado deseriptivo do Brasil* publicado pela Academia Real das Sciências, em 1811, vê-se que Gabriel de Sousa Soares, já em 1587, assinalava que a ipecacuanha fazia cessar as diarreias sangüinolentas. A aplicação terapêntica ficou-se devendo principalmente ao médico holandês Adriano Helvécio (1656-1721) contando-se, a propósito, esta anedota: Helvécio tinha vindo a Paris em viagem de recreio ou talvez para vender uma droga, medicamento fabricado por seu pai que era curandeiro. Pouco sucesso teve, mas um droguista presenteou-o com 5 ou 6 arráteis da raiz do Brasil, dizendo-lhe que era um específico contra a disenteria. Helvécio dirige-se ao hospital e depois de o ter aí experimentado, com bom resultado, publicamente, tornou conhecidas as suas virtudes curativas.

Todos os doentes com disenteria procuravam o Helvécio e todos êle curava.

Luís XIV ordenou-lhe que declarasse qual era a natureza da substância assim maravilhosa, o que êle fêz, dizendo que era a Ipecacuanha.

O rei gràtificou-o com mil luizes em ouro.

Notabilizado pelos seus sucessos terapênticos, viu-se, dentro de pouco tempo, nomeado inspector geral dos hospitaes e médico do Duque de Orleans, regente do reino.

Estas nomeações representavam para êle, certamente pelo que dizia respeito a si proprio, as melhores virtudes da ipecacuanha.

NOTA 2.ª

Referindo-se ao fraco interêsse despertado, entre nós, pela obra intitulada — *Methodo de Curar o Typho ou Febres malignas Contagiosas pela effusão d'agua fria* lamentava um dos comentadores do Dr. Bernardino Gomes que dêste método

pouco ou nenhum uso os médicos fizessem em Portugal, com grave prejuízo para a saude pública o descrédito para a arte de curar.

«Nós não podemos, deixar de sentir dizia o mesmo comentador, que os médicos á testa dos hopitais civis ou militares, por desleixo, por ignorância ou por andarem engolfados em preconceitos miseráveis, e a nosso ver criminosos, não tenham pôsto em prática aquele método aplicado com as cautelas, nas circunstâncias descritas pelo autor, pois que dêle tirariam os mesmos felizes resultados que pelo Dr. Bernardino Gomes foram obtidos e antes dêle por mêdicos da mais remota antiguidade, imitados por médicos esclarecidos de todos os tempos, sem exceptuar alguns compatriotas nossos, com uma prática mui extensa e feliz, entre êles, os doutores Amato Lusitano, João Curvo Semedo e Francisco da Fonseca Henriques cujas obras são hoje mui raras e mais raros ainda os medicos que se dignam lê-lás e que não tendo erudição médica nem experiência só acham bom o que é moderno, ignorando o antigo que julgam mal, sem o conhecer e só por ser antigo.

NOTA 3.ª

No *Ensaio dermosografico* seguiu o seu autor as doutrinas e classificações dos notáveis especialistas em doenças de pele, naqueles tempos, Roberto Willan e Tomás Bateman.

Naquela altura não tinham ainda chegado ao conhecimento do Dr. Bernardino Gomes os excelentes trabalhos de Alibert, que só mais tarde, e depois de escrito o *Ensaio*, teve ocasião de compulsar.

O Dr. Gomes organisou metódicamente, tão bem quanto lhe foi possivel, e com isso prestou um importantíssimo serviço á medicina, a nomenclatura portuguesa das moléstias de pele.

NOTA 4.ª

Não levaram a bem os biógrafos do Dr. Bernardino Gomes, por nós seguidos na elaboração dêstes parágrafos, que o Dr. Brotero não tivesse feito, nas suas notas sôbre a Ipecacuana, a mais pequena referência aos trabalhos do primeiro, que, com tantas dificuldades e penoso labor, obtivera no logar de origem os exemplares de Ipecacuanha, não se limitando à sua simples colheita, mas acompanhando-os com notícias de particularidades relativas ao seu *habitat* e cultura, estampas elucidativas etc.

Não se conformou o Dr. Bernardino Gomes com um tal omissão que julgou propositada e equivalendo a um plágio e por isso contra ela reclamou, perante os professores e publicistas franceses, Virey e Chaumetou, que, pugnando pelos direitos do reclamante, conseguiram que êles se tornassem conhecidos ao público scientífico ao qual os expuséram num artigo inserto no jornal complementar do *Déctionnaire des Sciences Médicales,* definindo aí nítidamente o quinhão de serviços scientíficos que



Cópia do retrato a óleo existente no Museu
Bocage da Faculdade de Sciências de Lisboa

FELIX DE AVELLAR BROTERO

Célebre naturalista português—Professor na Universidade de Coimbra—Autor de trabalhos scientíficos importantíssimos – Director do real Museu e do Jardim Botânico — Sócio da Academia Real das Sciências e de muitas Sociedades scientíficas estrangeiras nas qnais ocupava logar prestigioso ao lado dos primeiros sábios do seu tempo.



Fac-simile (reduzido) duma carta do Dr. Brotero ao Dr. Bernardino Gomes. (Veja-se nota 4.ª)

individualmente a um e a outro, (o Dr. Bernardino e o Dr. Brotero) com justiça deveria ser atribuído.

Pena foi que se tivesse dado êste lamentável facto com duas pessoas que mútuamente se consideravam e estimavam e de cujas boas relações de amizade encontram, ainda hoje, eloqüentes provas nas cartas do Dr. Brotero ao Dr. Bernardino Gomes e no efusivo agradecimento dêste último ao primeiro, quando dêle recebeu, por lha ter pedido, uma descrição da *Calicoca Ipecacuanha* mais tarde incluída na *Memoria sobre a Ipecacuanha fusca do Brasil ou Cipó das nossas boticas* anteriormente citada.

Coimbra, 18 de Julho de 1806.

Snr. Dr. Bernardino Antonio Gomes

Amigo e Sr. da minha maior estima e veneração, desejo-lhe a mais perfeita saude e numerosas felicidades. Ha pouco recebi de dois Boticarios de Paris as mais vivas rogativas possiveis para lhes remetter algum exemplar secco da Callicocca Ipecacuanha; desejava bem poder satisfazer a estes sabios e me lembro que só o Sr. Dr. Bernardino he que poderia obsequiar-me com algum exemplar de semelhante planta para eu poder servir a estes meus amigos; portanto rogo-lhe me haja de noticiar se ainda conserva ao menos hum exemplar toleravel, que se possa remetter para Paris e se assim for lhe ficarei summamente agradecido.

Poder-se-hão mandar vir do Brasil alguns dos dittos exemplares? Eu estou aqui desgraçadamente sem ter um só boticario idoneo, nem ao menos hum bom boticario que das colonias se corresponda comigo; como o Sr. Dr. Bernardino vive nessa capital, e já esteve no Rio de Janeiro pode ser que lhe seja mais facil do que a mina o obter de lá alguns exemplares de Ipecacuanha, que desejo ter para servir alguns amigos e se assim poder ser, espero que me haja de fazer este favor, q. ajuntarei aos mais que lhe devo e pelos quais me confesso sempre muito obrigado.

Fico para lhe dar gosto e servir em tudo o que preste pois sou.

Seu muito obrigado e fiel amigo e maior venerador

Felix Avellar Brotero

NOTA 5.ª

«As suas observações sobre a canela do Rio de Janeiro encherão de satisfação a este Senado que tem bem fundadas esperanças de que hão de ser muito uteis ao povo da sua jurisdição. O Senado as põe na Prezença do Illmo e Exmo Snr.

Conde Vice-Rei e elle as porá na de sua Magestade que, sem duvida, terá mais esta prova do seu grande merecimento.

Deus g.^{e} a V. M.^{ce} m.^{s} ann.^{s} Rio em o Senado da Camara aos 9 de Maio de 1798.

Snr. Dr. Bernardino Antonio Gomes

José Bernardes de Castro
Francisco Soares de Mello
José Pereira Guimaraens
João Friz Vianna

O outro diploma entregue ao Dr. Bernardino Gomes pelo Senado do Rio de Janeiro é êste:

«A memoria que ultimamente nos remetteu e offereceu sobre a canela do Rio nos pareceu de tanto merecimento que a oferecemos ao Principe do Brasil N. S. e a remetemos ao Illmo e Exmo Sr. Conde Vice-Rey com a preciosa Caixinha das amostras dos seus Oleos, Canforas e Aguas para o mesmo Snr. pôr tudo na Real Prezença. Em signal de agradecimento e gratificação offerece o Senado a V. M. essas duas Moedas raras de dous dobroens com o sello do Senado pendente e declarando a razão para que são offerecidos. E como não se limitão a este artigo os utilissimos trabalhos e indagaçoens de V. M. segundo nos he constante lhe rogamos que se ouverem de sahir da sua mão algumas outras memorias não deixe de nolas participar para terem no nosso Archivo o mesmo logar daquella que presentemente lhe agradecemos e cooperamos da nossa parte paıa a execução dos projectos que V. M. nellas se propoem em utilidade publica.

Deos guarde a V. M. Rio em o Sennado aos 21 de Novembro de 1798.

Snr. Dr. Bernardino Antonio Gomes, Medico da Real Armada e Cap. de Fragata graduado.

Jozé Bernardes de Castro
Francisco Soares de Mello
Jozé Pereira Guimaraens
Bento Luis de Oliveira Braga
João Friz Vianna

NOTA 6.ª

O HOSPITAL DE TODOS OS SANTOS

Em todo o espaço compreendido entre a Rua da Bitesga e o Dormitório dos frades de S. Domingos, que ocupava o terço norte do lado nascente do Rossio, estava instalado, tendo a sua face principal virada para esta praça, o Hospital de todos os Santos ou Hospital de El-Rei, o qual, segundo as mais exactas descrições, era magestoso pela grandeza, belo pela arquitectura e um dos melhores da época em que foi construído.

Hospital e Dormitório assentavam sôbre trinta e cinco colunas de cantaria, limitantes de arcadas ou aberturas laterais duma longa galeria com lojas de venda dos mais diversos objectos.

Este edifício — e agora reproduziremos aqui, com pequenas modificações, uma das mais concisas e explicitas descrições (1) que dêle se tem feito — tinha a forma duma cruz com braços iguais, ficando, em cada um dos espaços angulares que estes limitam, pela sua sobreposição, outros tantos claustros com um poço no centro de cada um dêles.

Havia, além disso, uma horta nada pequena, com bastante água e dois grandes tanques onde era lavada a roupa dos enfermos. Para êste serviço viviam dentro do Hospital, seis lavadeiras com mesadas e comedorias estipendiadas de hormonia com a especialidade das roupas de que eram objecto as suas lavagens; roupas de febres de homens, roupas de febres de mulheres, de feridos, de venéreo, da sacristia e dos religiosos capuchos que tinham sôbre a referida horta uma enfermaria com um vigário e cinco frades para o curativo dos seus enfermos.

O braço desta cruz o qual tinha a sua extremidade livre virada para o Rossio era constituído por uma espaçosa igreja, a que davam entrada uma formosa escadaria de pedra e um portão, de tal modo fabricado e lavrado, que passava por uma das obras mais primorosas daquele tempo.

A disposição da igreja, em relação ás enfermarias, permitia que os doentes, mesmo deitados, em suas camas, ouvissem a missa dita na capela-mór.

Esta disposição foi eliminada mais tarde, passando a celebração da missa a ser feita em altares portáteis, em cada enfermaria, onde se oficiava em dias santificados.

Os outros três braços da cruz eram ocupados por enfermaria, casas de engeitados e mais oficinas do Hospital. A uma certa altura, debaixo dos Arcos e por conseguinte, deitando para o Rossio, existia um hospicio chamado de Nossa Senhora do Amparo para receber pessoas incuráveis (2).

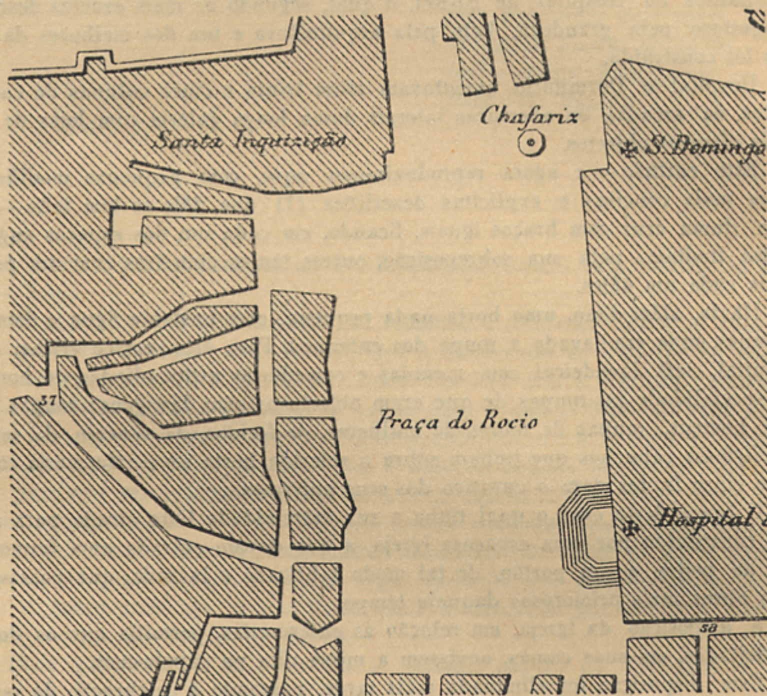
---

(1) *Relatorio sobre a origem e estado actual do Hospital de S. José e o seu movimento anno civil de 1851*, por Miguel Januario Fernandes Branco, Cirurgião extraordinario do Hospital de S. José.

(2) A rua que vai do Rossio á Rua do Marquês de Alegrete e tem hoje o nome de Rua do Amparo recebeu esta designação por ter sido aberta no logar em que existia o hospicio de N.ª S.ª do Amparo destruído por incêndio na ocasião do terremoto de 1755.

DIVISÕES DO HOSPITAL DE TODOS OS SANTOS E REGIMEN DOS SERVIÇOS AI REALIZADOS

As enfermarias eram dezasseis, divididas por diversos especialistas: feridas, febres, venéreo, camarentos doidos, convalescentes e duas devolutas para servirem quando a afluencia de doentes fôsse maior.



Fragmento da planta de Lisboa, publicada em 1656

A algumas destas enfermarias eram dados nomes de Santos, a outras os nomes das moléstias que eram ali tratadas.

Afóra quatro casas para doidas e cinco para doidos, casa dos engeitados e o Hospício de Amparo, o numero das camas no resto das enfermarias, era de 324; numero bastante elevado para um Hospital, naquela época quando os tempos fôssem normais, mas naturalmente muito inferior, quando a afluência era excessiva, como sucedeu em 1620, em que o Hospital chegou a ser ocupado por 600 doentes.

O serviço clínico do Hospital de Todos os Santos era feito por dois Físicos (nome com que, naquele tempo, eram designados os Médicos) e três cirurgiões que

viviam dentro do Hospital, para ocorrerem prontamente a qualquer caso acidental.

Tinha cada um 40$000 reis de ordenado anual e em dias de festas, certas pitanças em carneiro, azeite, vinhos e legumes.

Já, neste Hospital, começa a esboçar-se uma Escola de Cirurgia; visto que, nêle, havia permanentemente sete praticantes ou internos aos quais o Hospital dava casa, comida e cama, dando-lhes mais, em dia de Todos os Santos, umas meias, uns sapatos e uns casacos de saragoça muito compridos, que lhes chegavam ao meio das pernas e com os quais andavam sempre vestidos.

No fim de certo tempo e depois de terem obtido aprovação em exame, a que eram submetidos, recebiam as suas cartas para poderem exercer a arte de curar, talvez mais rigorosamente tratar doentes, em todo o Reino.

O serviço adminstrativo do Hospital, largamente dotado pela munificência régia e dádivas de particulares estava entregue à Misericórdia cujo provedor exercia o cargo de enfermeiro-mor do mesmo Hospital, tendo como ajudantes com o título de Mordomos, 128 irmãos fidalgos e mecânicos que superintendiam nas diversas repartições de que dependia o bom servico dos doentes e a regular arrecadação dos rendimentos do Estabelecimento.

Estes adjuntos revesavam-se no serviço que era feito por períodos com duração mensal.

O pessoal do Hospital era numeroso e talvez excessivo em relação às necessidades, dos respectivos serviços pois, alem do Enfermeiro-mor, mordomos e empregados da igreja havia 106 pessoas ocupadas noutros diversos cargos, tôdas elas habitando no edificio hospitalar.

Citaremos, para exemplo, quatorze mercieiras; uma mulher para deitar os clisteres (recebendo cinco réis por cada um, além de 1200 reis mensais e certas pitanças), e dois frades, que cada convento era obrigado a dar, por mês, para exortar os enfermos na agonia.

O passadio dos doentes era não só excellente, mas até mimoso: pois no rol da dispensa figuravam: assucar, ovos, amêndoas, passas, biscoitos, marmelada e vinho de que se gastava com largueza.

A carne de que usavam era a de carneiro, mas consumiam trinta galinhas, por dia, e quinze duzias de ovos que ministravam nos caldos aos enfermos fracos ou convalescentes.

A aceitação dos doentes era feita todos os dias de manhã, ás 6 horas de verão e ás 7 no inverno e, para isso, se reüniam o enfermeiro-mor e facultivos na casa chamada das *Aguas* porque, nela, examinavam as urinas de todos os doentes.

Em seguida a aceitação, o enfermo era levado para a Igreja e aí se confessava e recebia os sacramentos, passando depois à enfermaria que lhe destinavam onde lhe assentavam, num livro, o nome, filiação e naturalidade.

RESUMIDAS NOTAS HISTORICAS

O Hospital de Todos os Santos foi fundado por D. João II, construído a partir 1492, e concluído por D. Manoel que, para o mesmo hospital, obteve do Papa Alexandre VI no Ano de 1501. Começa o breve que por estas palavras: *Ferentis*

in desiderus córdis nostri ut Hospitalia etc., para a êle reunir todos os outros hospitais espalhados pelo reino.

Por três vezes se produziram, no edifício do Hospital de Todos os Santos, violentos incêndios:

O primeiro, em 27 de outubro de 1601, que lhe reduziu a igreja a cinzas; o segundo, em 10 de agosto de 1750, mais violento do que o primeiro, tendo-lhe escapado sómente uma enfermaria chamada de S. Camillo; finalmente o terceiro, em 1 de Novembro de 1755, mais destruído ainda do que os dois primeiros, por ocasião do terremoto que, nesta data, tantas e tão pavorosas calamidades causou em Lisboa.

Em mal reconstruídas enfermarias, foram feitos, novamente, desde 1763 os serviços hospitalares, mas doze anos mais tarde, deixaram êstes de ser ali realizados passando a se-lo desde 3 de abril de 1755, no vasto Colégio de Santo Antão, (1) facto que nesta epoca se tornou possível pela expulsão dos jesuítas naquelle logar alojados, e confiscação dos seus bens.

Transferido para o antigo colégio dos jesuítas o Hospital deixou de ser chamado de Todos os Santos e passou a denominar-se Hospital de S. José, designação que ainda conserva e lhe tinha sido dada em homenagem ao rei D. José I.

NOTA 7.ª

Ressio — Recio — Rocio — Rossio. Por estes diversos modos tem sido sucessivamente designada a praça que oficialmente tem o nome de *Praça de D. Pedro*.

Ressio: E' nome que se vê escrito nos Anais de D. Afonso V começados por Azurara e concluídos pelo cronista Rui de Pina,

Lê-se nas Ordenações Afonsinas «As terras de lavoura sam deitadas em Ressios, isto é, ficam em baldios maninhos».

Recio: E' termo que se encontra nas Grandezas de Lisboa por Fr. Nicolau de Oliveira.

Rocio: Nome que assim escrito se lê nos fragmentos das duas plantas aqui reproduzidas.

Rossio: E' a forma gráfica adoptada pelos filólogos contemporâneos para substituir Rocio que se pode confundir com rócio ou rocio (orvalho) embora êste, em rigor e atendendo a considerações de ordem etimológica se devesse escrever roseio.

O vocabulo em si, com qualquer das grafias apontadas, significa: Praça larga e espaçosa — qualquer terreno que sirva de logradouro publico — terreno roçado ou fruído pelo povo em comum.

O Rossio é o sítio de Lisboa a que estão ligadas mais numerosas, e, nalguns casos, muito importantes recordações historicas da Capital.

---

(1) O primeiro colégio que os jesuítas tiveram, depois do de Roma cuja sede era o mosteiro de Santo Antão, situado no bairro da Mouraria e raiz do Castelo de S. Jorge.

Pelo que respeita á forma geométrica da praça, características fundamentais dos edificios mais importantes nela construídos, o Rossio pode ser estudado, sob diversos aspectos e por modos vários, nas numerosas publicações em que são tratadas alguma ou algumas destas especialidades limitadas à cidade de Lisboa.

História das Praças, Largos e Chafarizes (1) de Lisboa — H. dos Edificios públicos — H. dos Edificios hospitalares (*Nota 6.ª*) e serviços de Assistencia pública em geral — H. dos Edificios religiosos — H. dos Edifícios utilizados em habitações régias — H. das Casas de nobres e fidalgos — H. dos Cárceres de Lisboa — H. dos grandes terremotos nesta cidade (2) — H. dos grandes incêndios (3) — H. da reconstrução de Lisboa — H. dos teatros da Capital.

Numerosos factos, importantíssimos acontecimentos sucedidos atravez dos tempos, na Praça do Rossio, figuravam, segundo a sua indole, não atendendo, neste momento, para a sua menção, á ordem cronológica, em todas estas historias:

História da Inquisição em geral, sua fundação em 1530, instalações sucessivas do seu Tribunal, seu funcionamento nos Estaus (4) e no seu Palácio próprio (5) até ser abolida em 1821 — H. dos autos de fé a partir de 1540; H. de grandes solenidades oficiais com carácter régio; (6) H. da politica compreendendo; H. das revoltas, bernardas e motins (7); H. das conspirações (8); H. das execuções publicas (9); H. dos assassinos políticos; H. da ocupação de Portugal pelos franceses etc; H. das festas religiosas principalmente das procissões (10); H. da vida das ruas e praças de Lisboa abrangendo a Historia dos trajes e costumes (11); H. das feiras e mercados (nomeadamente a História da Feira da Ladra); H. das touradas (12); H. das corridas de cavalos; H. dos cafés e botequins (13) etc.

---

(1) O chafariz das 4 bicas no Rossio. O folheto publicado a seu respeito com o titulo de *Relação estupenda do Apolo do Terreiro de Paço contra o Neptuno do Rocio.*

(2) Em 1531; 1571 e 1755.

(3) Em 1601 e 1750 do Hospital de Todos os Santos; em 1836 do Palácio da Inquisição.

(4) Paço dos Estaus (V. Nota 7.ª).

(5) Palácio da Inquisição (V. Nota 8.ª).

(6) Por ex.º os funerais do rei D. João 1.º; as festas por ocasião do casamento da infanta D. Leonor filha de D. Duarte com o Imperador da Alemanha, Frederico III — e festas dadas pelo Embaixador espanhol Conde de Fernan Nunes quando o principe D. João casou com a infanta D. Carlota Joaquim.

(7) Entre outras no tempo de D. Fernando 1.º (V. Fernão Lopes); Em 1546 quando um hebreu duvidou do milagre de S. Domingos etc; Revoltas contra a ocupação dos francezes, inquisição etc.

(8) A conspiração de 1640, contra D. João IV capitaneada pelo Arcebispo de Braga D. Sebastião de Mattos.

(9) Entre as mais memoraveis ficaram registadas na Historia politica do Rossio a do Marquês de Vila Real, Conde de Armamar, Duque de Caminha, D. Agostinho Manuel de Vasconcelos. Pela mesma espoca, agosto de 1641 eram liquidados por assassinato, o Conde do Vimioso e o Marquês de Sande.

(10) A que de si deixou mais nomeada foi a chamada do desagravo em 1593.

(11) Peões, cavaleiros, cadeirinhas atravessando o Rossio cujo solo era ainda então (referimo-nos aos fins do seculo XVIII e principio do XIX) em terra solta.

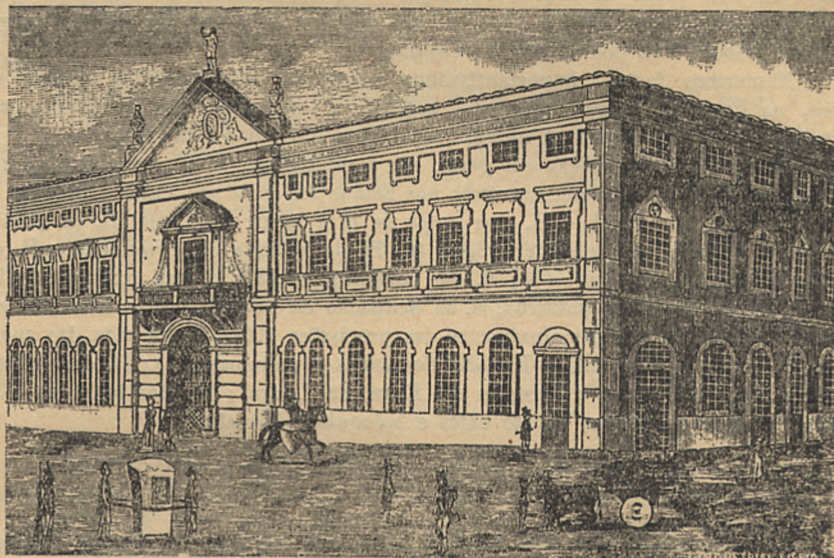
(12) Algumas célebres já no tempo de D. Pedro II.

(13) De si só deixaram interessantes tradições os botequins do Parra, Nicola e Gonzaga.

NOTA 8.ª

Paço dos Estaus ou Hostaus (1) Assim descrito nas Ordenações Afonsinas: «Aposentadorias reais no Rocio de Lisboa para a corte, cortezãos, moradores da casa de El-Rei donde ficaram na vizinhança as ruas dos Cavaleiros e dos escudeiros».

Foi determinada a sua construção pelo infante D. Pedro irmão de D. Duarte



Reproduzido do livro «*No Tempo dos Francezes*»
por F. F. Benevides

O PALACIO DA INQUISIÇÃO

(Que foi também, depois de ter cessado a sua primitiva aplicação, Palacio da Regência; Tesouro público: Palacio do Governo e Camara dos Pares)

que já nessa construção tinha também pensado, mas só D. Afonso V conseguiu levá-la a efeito.

O Paço dos Estaus primitivamente destinado a receber embaixadores estrangeiros foi utilizado em várias aplicações:

---

(1) Encontram-se muito interessantes dados históricos, que por vezes aproveitamos, relativamente aos vários sítios de Lisboa aqui citados, nas obras já hoje muito conhecidas e apreciadas de Julio de Castilho: *Lisboa Antiga;* Vilhena Barbosa: *Estudos históricos e archeológicos;* F. F. Benevides: *No tempo dos franceses;* J. Pinto de Carvalho: *Lisboa de outros tempos;* Gustavo Sequeira, as duas obras: *Depois do Terremoto* e *Tempo passado.*

1.ª Deu poisada aos embaixadores estrangeiros que vieram a Lisboa mandados pelo imperador da Alemanha Frederico III buscar, para levar áquele país, a princesa D. Leonor irmã de D. Afonso, a qual ia casar com aquele monarcha, outros embaixadores ali estiveram hospedados em diversas ocasiões;

2.ª Serviu de habitação a D. Sebastião e a D. João 3.º que ali tinha passado a maior parte dos tristíssimos sucessos da sua vida;

3.ª Nos Estaus esteve instalado a partir de 1537, o tribunal de Santa Inquisição, mesmo durante o tempo em que uma parte do edifício era ocupada pela familia real.

O terremoto de 1755, demoliu totalmente os Paços dos Estaus em substituição dos quais foi construido ulteriormente o Palacio da Inquisição. (1)

(1) Destruído por incêndio, em 1836; sendo mais tarde construído, numa fracção do logar por êle ocupado, o Teatro D. Maria II.

ÍNDICES

ÍNDICES

ÍNDICE DE ESTAMPAS

ESTE LIVRO, FOI COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS DA «OTTOSGRAFICA», LARGO DO CONDE BARÃO, N.º 50, EM LISBOA.

FEZ-SE UMA TIRAGEM ESPECIAL DE VINTE E CINCO EXEMPLARES EM PAPEL MEZENA NUMERADOS E RUBRICADOS PELO AUTOR


PRO GREGIS GLORIA